



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

KAREN DOMINIQUE RODRIGUES DE ARAÚJO

O DISCURSO SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA
Subjetividades e identidades em construção

MANAUS-AM

2018

KAREN DOMINIQUE RODRIGUES DE ARAÚJO

O DISCURSO SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA
Subjetividades e identidades em construção

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Letras e Artes – UEA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientadora: Claudiana Nair Pothin
Narzerti Costa

MANAUS- AM
2018

Ficha Catalográfica
Tainá Rebelo
CRB- 11/1015

A658o

Araújo, Karen Dominique Rodrigues de.

O discurso sobre a sexualidade feminina: subjetividades e identidades em construção. / Karen Dominique Rodrigues de Araújo. - Manaus: UEA, 2018.

187 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Letras e Artes) - Universidade Estadual do Amazonas. Manaus, 2018.

Orientador: Prof. Dra. Claudiana Nair Pothin Narzerti Costa.

1. Letras e Artes. 2. Análise do Discurso. 3. Sexualidade Feminina 4. Redes Sociais. I. Costa, Claudiana Nair Pothin Narzerti (Orient.) II. Universidade Estadual do Amazonas III. Título.

CDD: 304

KAREN DOMINIQUE RODRIGUES DE ARAÚJO

O DISCURSO SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA

Subjetividades e identidades em construção

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Letras e Artes – UEA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Data de aprovação: 20 de Julho de 2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Claudiana Nair Pothin Narzetti Costa, Dra. (UEA)

(Presidente e Orientadora)

Luciane Viana Barros Páscoa, Dra. (UEA)

(Membro Titular)

LUIZ CARLOS MARTINS DE SOUZA, Dr. (UFAM)

(Membro Titular)

Local: Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT/UEA

À Paula Monique.
À Ivonete Rodrigues de Araújo.
À Raimunda de Araújo.
A todas as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus sobre o qual está a minha fé, ao Deus que tudo provê.

À minha mãe que sempre me amou; quem se dedicou, se sacrificou, acreditou e investiu. A quem me ensinou a ter esperança e benevolência para um mundo melhor.

Aos meus irmãos, Jorge Henrique, Pietro e Caroline, pelo apoio fundamental que deram para que eu pudesse continuar e concluir esta jornada.

À minha querida orientadora Claudiana, por sua grandeza, generosidade e dedicação.

Ao Luiz, por inspirar e por permitir o sonho. Por sua amizade e por seu altruísmo.

À professora Luciane Páscoa, pelos ensinamentos, contribuições e por ser tão atenciosa.

Aos professores do Programa, pela partilha do conhecimento e por todo estímulo gerado.

Ao professor Paulo, por me apresentar o mundo da ciência.

Aos meus gestores, em especial, à dona Haydeê Carneiro, por sua sabedoria e humanidade. Às minhas pedagogas, Rosiane, Raika, Ezivalda, Simone, Nazaré, Maria José e ao pedagogo Alessandro, por serem exímios e parceiros. Aos meus colegas de trabalho, incentivadores constantes. Aos meus alunos.

À Ádria, por sua lealdade e fraternidade. A toda família Batista Afonso, pelo amor e amparo.

Ao Eduardo, pelo contínuo incentivo, solidariedade e companheirismo.

Ao meu amigo Marcondes, sempre tão solícito. À Camilla, Bruna, Carol, Edy Karla, Cristiane, Luciana Oliveira e ao Uleima, meus fiéis conselheiros e amigos.

“[...] não foi a inferioridade feminina que determinou sua insignificância histórica: sua insignificância histórica foi que as votou à inferioridade.”

(Simone Beauvoir)

RESUMO

O trabalho versa sobre o discurso da sexualidade feminina na atualidade. Discorre-se sobre o funcionamento discursivo da temática em questão e analisa-se em que medida estas práticas referem-se mais a um discurso conservador ou a um discurso progressista. A partir do dispositivo teórico-metodológico de Análise do Discurso pêncheuxtiana, analisa-se 18 *publicações* que circulam na rede social *Facebook*, juntamente com os comentários mais relevantes feito a elas. O recorte temporal destes textos compreende o período de 2014 a 2018. Expõe-se os discursos evidenciados; o encadeamento dos significantes e movimento de deslizamento entre eles; os efeitos de sentidos produzidos; as relações entre as formações discursivas (FD) e as imagens construídas acerca da mulher, do homem e dos relacionamentos com compromisso e sem compromisso. Destaca-se os seguintes objetos discursivos: mulher ideal para casar; fidelidade e traição; sexo, prazer, sentimento e reprodução; sexo no primeiro encontro; e liberdade das relações sexuais casuais. A discursividade da sexualidade feminina se dá a partir de relações de conflito. O discurso conservador, que por muito tempo se manteve como discurso dominante, está sempre em tensão com o discurso dominado, o discurso progressista. Em virtude desta pluralidade de discursos, não se pode pensar a sexualidade feminina como homogênea, universal e estável. Ela está em constante formação, é marcada pela heterogeneidade e pela contradição. Deste modo, ao se pensar em identidade sexual, é necessário que se pense em uma multiplicidade de identidades que constituem o sujeito feminino.

Palavras-chave: discurso, sexualidade feminina, identidades, subjetividades e rede social.

ABSTRACT

The paper deals with the discourse of feminine sexuality in the present time. We discuss the discursive functioning of the subject in question and analyze in what extent these practices refer more to a conservative discourse or a progressive discourse. From the theoretical-methodological device of Pêcheuxiana Discourse Analysis, we analyze 18 publications that circulate in the social network Facebook, along with the most relevant comments made to them. The temporal cut of these texts comprises the period from 2014 to 2018. The discourses are exposed; the chaining of the signifiers and the sliding movement between them; the effects of senses produced; the relations between the discursive formations (FD) and the constructed images about the woman, the man and the relationships with commitment and without commitment. The following discursive objects stand out: ideal woman to marry; faithfulness and betrayal; sex, pleasure, feelings and reproduction; sex on the first date; and freedom from casual sexual relations. The discourse of feminine sexuality is based on relations of conflict. Conservative discourse, which for a long time has remained as a dominant discourse, is always in tension with the dominated discourse, the progressive discourse. Because of this plurality of discourses, female sexuality can not be thought as homogeneous, universal and stable. It is in constant formation, marked by heterogeneity and contradiction. Thus, when thinking about sexual identity, it is necessary to think of a multiplicity of identities that constitute the female subject.

Key words: discourse, feminine sexuality, identity, subjectivity and social network.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.....	13
RETOMANDO A HISTÓRIA: SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO	13
1.1 As relações entre homem e mulher ao longo da história da humanidade	13
1.1.1 Pré-história.....	13
1.1.2 Antiguidade	15
1.1.3 Idade Média	20
1.1.4 Idade Moderna	21
1.1.5 Idade Contemporânea	22
1.2. Relações históricas e as imagens sobre a mulher no Brasil.....	32
1.2.1 A era dos modelos rígidos	33
1.2.2 A era dos modelos flexíveis	38
2	42
CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA E SEXUAL	42
2.1 Identidades	42
2.1.1 Sujeito descentrado e as identidades fragmentadas.....	42
2.1.2 Identidades flutuantes.....	47
2.2 Identidade e sexualidade.....	48
2.2.1 Identidades de gênero	48
2.2.2 Mãe de família, uma função social	52
2.2.3 Opressão e passividade, marcas na formação da sexualidade feminina	54
2.2.4 Redes sociais e a formação da identidade coletiva.....	55
3.....	59
A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA.....	59
3.1 Contexto de emergência da Análise do Discurso	59
3.1.1 O advento do Estruturalismo	59
3.2 Análise do Discurso francesa	63
3.2.1 Linguística Social	63
3.2.2 Pêcheux e a constituição de uma teoria do discurso	66
3. 2. 3 Dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso	69

4.....	80
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA	80
4.1 O corpus e o processo de análise	80
4.1.1 A natureza do corpus deste trabalho	80
4.1.2 Questões metodológicas	81
4.2 Relações com compromisso.....	82
4.2.1 A mulher ideal para casar	83
4.2.2 Fidelidade e traição.....	90
4.2.3 Sexo: prazer, sentimento e/ou reprodução/maternidade.....	96
4. 3 Relações sem compromisso.....	102
4.3.1 Sexo no primeiro encontro.....	102
4.3.2 A liberdade nas relações sexuais casuais	107
CONCLUSÃO.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXOS.....	120

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os discursos sobre a sexualidade feminina. Especificamente, visa-se à descrição do seu funcionamento discursivo e à análise destas práticas discursivas, para que se verifique em que medida são mais conservadoras ou mais progressistas.

O *corpus* de análise são *publicações* de *Facebook* que abordam a temática da sexualidade feminina. Elas incluem *posts* e *memes*. Foram selecionados e analisados ainda os comentários mais relevantes dessas *publicações*. O critério de seleção desta materialidade foi a presença de discursos em confronto, como discursos progressistas em conflito com discursos conservadores, e vice-versa, para que fosse possível investigar de que maneira eles constituem a identidade da mulher, sobretudo no que se refere a sua sexualidade.

O referencial teórico-metodológico que serve de subsídio para essa pesquisa é o da Análise do Discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux. Para a Análise do discurso, é por meio da linguagem que o homem é constituído; e os discursos o constituem enquanto sujeito. É por meio dela que ele interage com o mundo ao seu redor, imprime-lhe significado, simboliza-o e simboliza a si mesmo. O trabalho simbólico faz parte do seu trabalho social.

A escolha pela temática da sexualidade feminina se deu em razão de sua frequente discussão em redes sociais. Nota-se a circulação de vários *posts* e *memes* que versam sobre o assunto e os discursos neles presentes estão constante relação de conflito e de disputa por sentidos. Eles também são marcados por uma heterogeneidade discursiva. Ora são mais conservadores, ora são mais progressistas. Por vezes, o sujeito entra em contradição em seu discurso. Face a esta realidade, decidiu-se investigar como funciona este discurso, como ele se constitui, quais relações de poder nele se estabelecem e de que modo as práticas discursivas constituem as identidades da mulher.

Pensar em discurso é pensar na relação entre linguagem, história e ideologia. As relações de conflito existentes na sociedade implicam posições ideológicas que se materializam por meio de práticas e de discursos. Analisar discursivamente a

sexualidade feminina é descrever o processo de constituição dos efeitos de sentidos a partir de suas condições históricas.

As relações de conflito podem permanecer ou se transformar ao longo da história, logo determinados discursos também podem ser mantidos ou rompidos face à manutenção ou mudança dessas relações. Para a Análise do discurso (AD), o sentido não é sempre fixo e estável, ele pode se estabelecer, se deslocar e se transformar conforme a posição que o sujeito do discurso ocupa.

Diante desta concepção de discurso e dos problemas aqui investigados, este trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Retomando a história: sexualidade e identidade de gênero*, dedica-se a uma abordagem histórica sobre as relações entre homem e mulher na sociedade ocidental, para que se compreenda de que modo foram constituídos os discursos sobre a sexualidade feminina. O capítulo contempla, ainda, de que maneira essas relações se deram no Brasil e como constituíram as imagens sobre a mulher.

O segundo capítulo, *Constituição identitária e sexual*, consiste em uma exposição sobre o funcionamento das identidades, conforme autores como Hall e Bauman. Nele, discute-se os seguintes temas: sujeito descentrado e identidades fragmentadas; identidades flutuantes; identidade de gênero; formação da mulher e da sexualidade feminina; e a relação entre redes sociais e identidades coletivas.

O terceiro capítulo, *A Análise do Discurso francesa*, versa sobre uma apresentação deste campo de saber, incluindo a exposição dos principais conceitos que serviram de subsídio teórico-metodológico para esta pesquisa.

O quarto capítulo, *Discursos sobre a sexualidade feminina*, compreende a análise feita sobre o funcionamento discursivo da sexualidade em questão. Discorre-se sobre a temática dentro das relações com compromisso e sem compromisso. Nele, expõe-se o encadeamento dos significantes e o movimento de deslizamento entre eles, a produção de sentidos, as relações interdiscursivas e as imagens construídas acerca da mulher, do homem e dos relacionamentos supramencionados.

Deste modo, espera-se que o desenvolvimento dessa pesquisa tenha gerado novas contribuições para os campos da Análise do Discurso, da Teoria Social, da História, da Filosofia e da Psicologia, bem como para os movimentos sociais de

gênero que visam a promoção do respeito à diversidade de identidades e emancipação feminina.

1

RETOMANDO A HISTÓRIA: SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Pela perspectiva da Análise do discurso francesa, a linguagem está em constante movimento de continuidade e descontinuidade. Os sentidos se estabelecem, deslocam-se e transformam-se. Pensar o discurso da sexualidade feminina é pensar também em um discurso em constante tensão. Nele, como em discursos de outras áreas, há a disputa de sentidos: alguns deles se mantêm enquanto outros se rompem em íntima relação com os acontecimentos históricos.

Em virtude do funcionamento da linguagem e da sua relação com a história, este primeiro capítulo é dedicado ao percurso histórico das relações entre homem e mulher na sociedade ocidental para que se possa compreender de que maneira se construíram os discursos sobre a sexualidade feminina. Além disso, dedica-se parte do capítulo ao estudo de identidade, uma vez que um dos objetivos específicos dessa pesquisa é verificar quais são os discursos que constituem a sexualidade e a identidade da mulher contemporânea.

1.1 As relações entre homem e mulher ao longo da história da humanidade

A maneira como se deram as relações do homem com a natureza, com a construção da sociedade e com os modos de produção determinou o lugar da mulher na sociedade e na relação com o homem. Ao se analisar essas relações histórico-sociais, desde a Pré-História até à Contemporaneidade, é possível compreender como se estabeleceu o lugar do homem e o lugar da mulher na sociedade ocidental.

1.1.1 Pré-história

De acordo com Simone Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo* (2016), pouco se sabe sobre as condições reais da mulher no período da Pré-História. Os relatos de Heródoto falam sobre as guerreiras Amazonas. Entende-se assim que havia grupo de mulheres aptas fisicamente para o combate. Contudo, supõe-se também que, sobretudo, o homem estava em maior vantagem devido a maior força física,

além disso, a maternidade atrapalhou a capacidade que as mulheres possuíam para o combate.

O fato da maternidade para o gênero feminino incumbiu-lhe atribuições distintas das masculinas. A mulher precisava se dedicar à criação dos filhos e isso gastava-lhe o corpo e o tempo, bem como exigia-lhe a permanência em um lugar para a realização das suas atividades como mãe. Beauvoir afirma: “a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos” (BEAUVOIR, 2016, p.96).

O homem, porém, poderia sair para caçar, pescar e coletar alimentos para a família. Isso fazia com que ele arriscasse a vida em prol dos seus, permitia-lhe a conquista, a oportunidade de dominar a natureza, de criar objetos que atendessem suas necessidades. O homem foi experimentando o poder e todas essas atividades lhe trouxeram mais prestígio.

A autora citada mostra que para esses povos era atribuído maior valor àquele que arriscava a sua própria vida do que aquela que gerava a vida: “Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis porque na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata” (BEAUVOIR, 2016, p.98). Todavia, historiadores supõem que neste estágio, a superioridade ainda é apenas experiência e não desejo em si.

Não estando ainda os povos fixados à terra, não haviam ainda desenvolvido a propriedade privada e nem a noção de transcendência. É pelo desenvolvimento da agricultura que eles se tornam sedentários e começam a estabelecer novas relações.

Ao se fixarem na terra para cultivá-la, surge a propriedade privada e noção de transcendência. É por meio dos filhos que se assegurará essa propriedade e essa transcendência. Nesse período, a propriedade era coletiva e a mulher, pela maternidade, era a mediadora da passagem de posse das terras.

A mulher e a maternidade adquiriram prestígio. A fertilidade da mulher foi associada à fertilidade do solo. As técnicas de agricultura ainda não eram solidamente dominadas e esta atividade tinha um caráter místico. Acreditava-se que a mulher influenciava na fertilidade da terra.

A terra era uma mãe que alimentava a humanidade assim como uma mãe que gerava e nutria a vida. Estas metáforas se traduziram na mitologia com a

menção a deusas, por exemplo, à Mãe-Terra, na escultura com a criação de ídolo femininos. Conclui-se, então, que a mulher assumiu importância em algumas tribos.

Apesar de ser a mulher a mediadora das terras, não era ela a detentora dessas propriedades. Ela estava sob o domínio do pai e depois passava para o domínio do marido. Em alguns casos, ele a raptava, e isso representava uma conquista. O homem, assim, conquistava terras, mulheres e filhos; assenhorava-se, como propõe Beauvoir (2016).

E mesmo com o importante trabalho feminino no início da agricultura, como a fabricação de utensílios e comercialização dos produtos, o domínio sobre o ferro e o bronze deram ao homem maior status. Ele, agora, criava novos utensílios, dominava técnicas de cultivo da terra e isto mudava a concepção mística para uma concepção mais racional desta atividade:

Assim, a partir do dia em que a agricultura deixa de ser uma operação essencialmente mágica e se torna antes de mais nada um trabalho criador, o homem descobre-se como força geradora e reivindica os filhos ao mesmo tempo em que as colheitas (BEAUVOIR, 2016, p. 114).

A crença em divindades não deixou de existir, mas exerceu influência secundária face ao racionalismo que se instalava.

1.1.2 Antiguidade

Conforme já foi dito, com base em Beauvoir (2016), a maternidade exigia da mulher a fixação em um espaço e não permitia que ela acompanhasse o homem na conquista efetiva da terra. O homem, disponível para guerrear e conquistar, foi expandindo o território e desenvolvendo noções de conquista, expansão, posse, poder, direito e passou a desenvolver seus códigos. Estabeleceu-se o patriarcado, a família patriarcal. As noções de valores eram ensinadas sobretudo a partir do ponto de vista masculino.

Em muitos povos de propriedade fundiária e de regime patriarcal, a mulher era desconstituída de direitos. Estava sempre sob a tutela de algum homem (pai, marido e em alguns casos até do Estado, como será exposto adiante), não possuía direitos civis e muito menos políticos. Essas sociedades eram, sobretudo, geridas política e juridicamente por homens.

A preocupação com a transcendência e com a manutenção da terra dentro da mesma família era tanta que, nesse tipo de organização social, a mulher não tinha direito de ser herdeira. Caso ela fosse, parte dos bens passaria a outra família. Outra maneira de tentar impedir a transferência da propriedade era pela exigência da fidelidade conjugal, majoritariamente da mulher: os bens não poderiam passar para as mãos de estranhos em caso de gravidez indesejada.

O casamento foi o meio de garantir a propriedade privada. Instaurando-o, a mulher deixou de ser um empréstimo de outro clã e tornou-se uma posse do marido assim como os seus filhos (detentores da herança). O homem, em posição privilegiada, como “dono” da “posse”, estabeleceu o lugar da mulher e as leis que regeram as primeiras relações conjugais, familiares e sociais. Nessas relações de poder, ela foi posicionada inferiormente e de modo completamente sujeito à ideologia machista. Tornaram-na limitada por séculos e estes efeitos são presentes em muitas relações atuais.

Desde as primeiras sociedades, a poligamia existia em maior ou menor grau. Ela era comum em povos com grandes propriedades fundiárias, já que é altamente custoso sustentar várias mulheres. Assim, o número de mulheres que um homem poderia ter estava relacionado com o seu poder aquisitivo: o harém era apenas para reis e sultões; os camponeses poderiam ter algumas mulheres, mas poucas.

Neste período também já se distinguiam as mulheres. O homem poderia ter concubinas ou se relacionar com prostitutas, mas ele só tinha uma esposa oficial. No Egito, onde também se praticava a poligamia, os filhos nascidos dessas relações eram considerados legítimos, mas as mães eram apenas escravas particulares, a relação legal era somente com a esposa.

Na Grécia, havia vários tipos de prostitutas. Havia as que pertenciam a algum estabelecimento do Estado, as que pertenciam aos templos, as de estabelecimento particular, as que eram artistas e as que eram amantes de homens importantes. As mais pobres viviam em situação miserável mesmo, as do Estado recebiam um salário e as dos grandes homens chegavam até a participar de suas glórias.

De um modo geral, a sociedade grega caracterizava-se por bastante opressão da mulher. Ela sempre estaria sob a guarda do pai, do marido e até do Estado. Estava confinada à casa e à família. Um dos poucos direitos relevantes para a mulher grega era o direito ao dote. Além de servir para a sua manutenção, fazia com que ela, ao se tornar viúva, retornasse para tutela dos pais e não passasse

para a tutela dos herdeiros do esposo. Em raros casos, o divórcio poderia ser pedido pela esposa e nessa situação, o dote deveria ser completamente devolvido.

Assim, à esposa e à prostituta são atribuídas distinções. A esposa está para o casamento, a constituição da família, enquanto a prostituta está para os prazeres carnavais. Esta última deveria usar roupas que lhe distinguissem das demais mulheres e não tinha direito de ser zelada pelos filhos posteriormente.

Os gregos não viam as suas compatriotas como suas semelhantes, tinham por semelhantes apenas os próprios homens. Tinham-se como superiores às mulheres. O modo como se estruturava essa sociedade só fomentava esse tipo de cultura. Já foi visto que ela estava sempre sobre a tutela de alguém do sexo masculino, além disso, ela era fundamentalmente confinada ao lar.

Entende-se que a vida da mulher grega era para ser vivida em função da família. Por meio de trechos de obras literárias e filosóficas, verifica-se que, para a maioria dos gregos, o lugar da mulher é em casa, voltada para os serviços domésticos, isto era o que lhe cabia.

Mesmo em meio aos discursos misóginos produzidos pelos gregos, era no lar que a mulher possuía algum prestígio, conforme se verifica nesta passagem:

São principalmente os encargos e as servidões do casamento que pesam aos homens: isso nos permite supor que, apesar do rigor de sua condição, e embora nenhum direito se lhe reconhecesse, ela devia ocupar um lugar importante no lar e gozar de certa autonomia; voltada à obediência, podia desobedecer; podia atormentar o marido com cenas, lágrimas, tagarelices, injúrias; o casamento destinado a escravizar a mulher era também uma cadeia para o homem (BEAUVOIR, 2016, v.1, p.128).

A autora faz essa reflexão a partir de murmúrios masculinos acerca do casamento encontrados em textos de Simonide de Amorga, de Hinopax, de Menandro, entre outros. Vejamos um exemplo: “Só há dois dias na vida em que nossa mulher nos dá prazer: no dia de núpcias e no dia do enterro dela” (HINOPAX *apud* BEAUVOIR, 2016, v.1, p.127).

Este certo prestígio era limitado à casa. Desprezava-se o entendimento feminino a respeito da política. Beauvoir relata que Aristófanes riu e zombou da proposta de Platão acerca da educação livre para mulheres e do aceite de um conselho feminino (matronal) sobre a gerência pública.

O mesmo lar que valorizava a mulher, era o que a oprimia. “Lugar de mulher é em casa”, “A mulher de valor é aquela sobre quem os homens quase não falam” ... Esses discursos estavam presentes na Antiguidade Clássica e mantinham o lugar

social do homem e da mulher. Ele em situação superior; ela, em inferior. Mantinham-se a ordem e a estrutura social, mantinham-se as relações de poder.

Curiosamente, as mulheres que fugiam a essa estrutura social poderiam ter algum prestígio, algum reconhecimento enquanto semelhante. E quem eram estas mulheres? As prostitutas ricas.

Dispondo livremente de si mesmas e de sua fortuna, inteligentes, cultas, artistas, eram tratadas como pessoas pelos homens que se encantavam com o seu comércio. Pelo fato de escaparem da família, situam-se à margem da sociedade e escapam também do homem: podem então apresentar-se a ele como um semelhante e quase um igual (BEAUVOIR, 2016, p. 126-7).

Diante do exposto, observa-se que o lugar que a mulher ocupava e o tipo de relação que ela possuía com o homem determinavam o seu reconhecimento como “semelhante”. Vale ressaltar que, ainda assim, a prostituta era marginalizada. Reconhecia-se um aspecto de vida, mas a excluía de outro, como tratou-se anteriormente, ela não tinha direito de ser cuidada pelos filhos. Neste momento, parece que liberdade e família são termos antagônicos.

Uma situação um pouco diferente ocorria em Esparta. Nesta cidade, o regime era, predominantemente, comunitário, o que modificava as relações entre homem e mulher. Conquistada a cidade, suas terras foram distribuídas em lotes entre os guerreiros. Havia herança, mas a propriedade era do Estado. Objetiva-se a satisfação dos combatentes e não a propagação do individualismo e competitividade que poderia desuni-los e arruiná-los em uma terra que havia mais colonizados do que colonizadores.

A fim de manter o poderio, primavam por um exército forte. E a necessidade de manter esse exército imbatível fez com que o homem espartano se preocupasse com o vigor do seu povo. A demanda fez com que o espartano significasse de modo diferente a mulher. Ele precisava dela para a reprodução; então a tratava por igual. Homens e mulheres iriam para o quartel receber educação militar. Ambos os sexos deveriam desenvolver o físico para que pudessem gerar esse tipo de descendentes.

A questão da eugenia configurou a vida da mulher espartana de maneira diferente da tradicional ateniense. A espartana recebia educação sexual desde cedo e depois da primeira menstruação tinha aulas práticas com escravos, para se preparar para um “bom casamento”. Era comum também que se despissem e se

exibissem em festas para serem exemplos de robustez e vigor para as virgens, como também para estimularem o pouco envolvimento emocional.

Além do importante papel na reprodução, a espartana possuía algumas responsabilidades e exercia outras funções. Era ela a responsável pela educação feminina, era quem cuidava da família durante a guerra, quem deveria ser bem instruída para os negócios e quem combatia também como guerreira em caso de não casamento.

O espartano era profundamente patriota, estava disposto a morrer por sua nação. Vivia uma vida simples sem grandes apegos. A terra e os filhos eram comuns a todos. Excluindo-se a propriedade privada e a preocupação em manter a transcendência no tempo via filhos, mudam-se as relações e algumas noções se esvaem. Homem, mulher e filhos não são propriedades exatamente. Até a ideia de adultério não se sustenta nesse regime comunitário.

Confinamento ao lar, castidade, pouca instrução e fraqueza não são sinônimos da mulher espartana. O modo de vida comunitário de Esparta permitiu que a mulher gozasse de mais liberdade e tivesse outras oportunidades. É provável que tenha permitido uma subjetivação menos oprimida.

Observa-se que até este momento a opressão da mulher está relacionada à necessidade do homem em conservar a sua propriedade e em perpetuar sua existência por meio dos filhos, também sua propriedade. A família mantém esse status: “Já que a opressão da mulher tem a sua causa na vontade de perpetuar a família e manter inato o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família” (BEAUVOIR, 2016, p. 125). Em Atenas, as prostitutas, únicas que gozavam de alguma liberdade, só a possuíam porque não estavam na estrutura social de família. Liberdade e família parecem termos excludentes.

No Egito Antigo, a situação da mulher também foi um pouco diferente. A unidade social e religiosa era constituída por ambos os cônjuges. Se em outras culturas, como a grega e a árabe, ela era desprezada, considerada inferior, aqui se trazia uma ideia de aliada e de complementar ao homem.

Nota-se, no entanto, que ele continuou sendo o principal, a referência. Ainda que a mulher pudesse exercer o papel de regente, os sacerdotes, guerreiros e faraós foram sempre homens. E em uma relação, a fidelidade era exigida da esposa.

O que chama atenção é que nessa sociedade, ela gozou de alguns direitos não presentes em outras. Teve direito à herança, a bens, a casar novamente e ao dote em caso de divórcio. Em algumas outras sociedades, mais patriarcais, a mulher também teve direito à herança e ao dote, como a babilônica. Vale ressaltar que, no Egito, houve essa situação mais favorável porque as terras eram, na verdade, do Estado, do Faraó.

Depois que se estabeleceu a propriedade privada em Roma, estabeleceu-se também o patriarcado e a família. A mulher romana esteve muito mais implicada nessa instituição que a mulher grega. Até em idade avançada a romana estava agindo sobre a educação e a vida dos filhos.

Com a instauração do Estado e a evolução do direito romano, a mulher passou a ter mais direitos também. Recebeu dote, herança e não precisou ficar presa em uma tutela. Contudo, a suposta liberdade, não se fundamenta pois faltou-lhe a instrução e o emprego.

1.1.3 Idade Média

Na Idade Média, duas realidades se destacam: a da nobre e a da camponesa. A esposa do senhor feudal era responsável por administrar e supervisionar todo o serviço no castelo. O dever do senhor feudal era oferecer proteção aos que viviam no feudo. Os guerreiros eram homens; logo, eles que tinham direito à terra. Em alguns casos, na ausência do marido, a mulher defendia o castelo.

Novamente, a instituição da propriedade privada determinou as condições de vida feminina. As terras tornaram-se herança e a mulher adquiriu o direito de herdá-las, bem como passou a ter bens. Mesmo assim, ela permanecia profundamente em condição submissa. Possuindo propriedade, estaria sempre sob a tutela do marido ou de tutor do Estado.

Foi entre os camponeses, em razão da falta de propriedade privada, que as relações permitiram uma noção um pouco mais igualitária entre os gêneros. A esposa participava do trabalho braçal, colaborava junto com o marido para o sustento da família. Ela, por meio do trabalho, tinha um papel econômico e isso permitiu que o homem camponês lhe atribuísse alguma dignidade.

Em poucos lugares a mulher tinha instrução. O sul mediterrâneo foi um exemplo. Havia mulheres nobres que mantinham sob sua proteção alguns poetas, e

fazia parte do lazer castelão o cultivo da poesia. Isto foi importante para o desenvolvimento cultural feminino.

1.1.4 Idade Moderna

O Renascimento, por estimular o culto à personalidade, favorece a emergência de mulheres que reclamam por mais direitos, por direitos de igualdade. Esta iniciativa vem das mulheres da elite social. Elas eram quem possuía certo grau de instrução. Eram letradas, se dedicavam ao campo artístico, literário, filosófico e científico. Faziam reuniões culturais em salões e contratavam professores particulares.

Todo este desenvolvimento cultural restringia-se à elite e mesmo o ensino não era sistemático. A literatura feminina não era bem aceita, de um modo geral, pelos homens, era hostilizada. O filósofo que ainda trouxe para sua obra polidos protestos femininos foi Erasmo. Aos poucos, contudo, esse grupo de mulheres foi se inserindo no masculino universo da política. Montesquieu, mesmo tentando encerrá-las em funções domésticas, reforçando o discurso da submissão das esposas aos seus maridos dentro de casa, reconhece a vocação que elas possuíam para a política. Na França, o rei Luiz XV foi aconselhado sucessivamente por mulheres quanto à administração do governo. O filósofo afirmava que era mais natural e racional que as mulheres governassem impérios do que lares.

Com o declínio do Feudalismo e com o desenvolvimento das cidades e do comércio, houve espaço também para que mulheres possuíssem seus próprios estabelecimentos. Este tipo de atividade econômica permitiu que elas tivessem mais autonomia. Assim elas circulavam mais comumente pelas ruas, pelas tavernas, entre outros.

Os trabalhos que as mulheres camponesas exerciam eram pesados e relevantes para o sustento familiar. Todavia, enquanto em umas aldeias elas eram valorizadas pelos homens, em muitas outras elas permaneciam na condição de serva, inferior. Durante as refeições, poucas vezes podiam sentar-se à mesa com o marido e os filhos. Estavam sempre ocupadas com a casa e com a família. Essa situação foi responsável por uma tradição resignada, de poucas reivindicações por mudanças nas suas condições.

Segundo Beauvoir, as camponesas eram as mulheres que estavam em condições mais propícias para ocuparem o lugar de sujeitos militantes por direitos igualitários. Elas viviam um vida dura e difícil, em meio ao trabalho agrícola pesado, às “funções” domésticas, às ocupações da maternidade e à vida conjugal. Esta realidade sacrificante e mal reconhecida deveria estimular nelas a busca expressiva por melhorias de vida, contudo, isso não ocorreu devido à forte atuação de suas formações ideológicas, as quais fizeram com que elas permanecessem em submissão aos homens e dentro dos padrões morais da época.

1.1.5 Idade Contemporânea

O momento da Revolução Francesa poderia ter sido uma grande oportunidade de emancipação feminina. Como foi tratado anteriormente, grande parte das exploradas camponesas mantiveram-se no seu lugar de resignação e poucas fizeram propostas por melhoria referentes aos direitos femininos.

Beauvoir (2016) atesta que Revolução foi feita majoritariamente por homens e dirigida por burgueses, não pelo povo. Consequentemente, os ideais revolucionários mantinham-se respeitosos às instituições e aos valores da burguesia. Logo, poucas burguesas aproveitaram a ocasião para lutar por direitos referentes ao gênero feminino. Estavam, antes, identificadas com a classe e com os benefícios que ela garantia do que com as questões de gênero. Isso não quer dizer que não existiram iniciativas feministas; houve, algumas até bastante consideráveis, mas faltou uma união maior entre as mulheres, como se observa nesse excerto:

As mulheres da burguesia achavam-se demasiado integradas na família para descobrir uma solidariedade concreta entre elas; não constituíam uma casta separada, suscetível de impor reivindicações. Economicamente, sua existência era parasitária. Assim, enquanto as mulheres que, apesar do sexo, teriam podido participar dos acontecimentos, se viam impedidas de fazê-lo como classe, as da classe atuante eram condenadas a permanecer afastadas, como mulheres. Só quando o poder econômico cair nas mãos dos trabalhadores é que se tornará possível à trabalhadora conquistar capacidades que a mulher parasita, nobre ou burguesa, nunca obteve. (BEAUVOIR, 2016, p.159-160)

Já a Revolução Industrial (século XIX) trouxe uma certa possibilidade de equiparação entre os gêneros, haja vista que o trabalho da máquina igualava homens e mulheres, mas manteve ainda a exploração do sexo feminino. Muitas indústrias preferiam mulheres a homens, em especial as casadas, pelas qualidades

de respeito, responsabilidade e bom acabamento nos serviços, contudo as mantinham em condições sub-humanas.

As operárias enfrentaram muitas dificuldades. Foram bastante exploradas, trabalhavam em condições insalubres, por longas horas e ganhavam um salário muito inferior ao dos homens. Elas aceitavam essas condições porque tinham filhos para criar. O salário era uma ajuda no sustento familiar. Isso era uma barganha do patrão, ele as explorava porque sabiam que elas precisavam.

Todas as conquistas femininas deram-se em processo árduo e lento. No que diz respeito aos direitos trabalhistas, Beauvoir (2016) diz que as operárias permaneceram durante muito tempo exploradas porque poucas eram sindicalizadas. À medida em que foram se organizando e reivindicando melhorias é que foram conquistando direitos como redução da jornada de trabalho e licença maternidade.

Não sem grandes dificuldades adquiriram direitos civis e políticos. Foi necessário mais de um século para que os principais direitos existentes hoje pudessem ser conquistados.

Beauvoir (2016) elenca acontecimentos que compuseram o percurso da emancipação feminina. Segundo a autora, em 1789, na França, Olympe de Georges lançou a Declaração dos Direitos da Mulher, solicitando, dentre outras coisas, a abolição de privilégios que os homens possuíam. Na sequência, outros manifestos similares foram escritos. Em 1790, suprimiu-se a primogenitura masculina, oportunizando à mulher o direito de sucessão. Neste mesmo ano, na Alemanha, um sujeito masculino, o estudante Hippel, lançou o Manifesto Feminista Alemão. Em 1792, o país franco permite o divórcio.

Durante a primeira parte do século XIX, entretanto, a emancipação feminina é dificultada por muitos obstáculos. Em 1790??, a entrada do Conselho Geral foi forçada pela presidente da Sociedade das Mulheres Republicanas e Revolucionárias, Rose Lacombe. Esta atitude foi censurada pelo procurador Chaumette, o qual reclamou:

Desde quando se permite às mulheres abjurarem o sexo, fazerem-se homens? ... [A natureza] disse à mulher: sê mulher. Os cuidados da infância, as coisas do lar, as diversas preocupações da maternidade, eis as tuas tarefas. (BEAUVOIR, 2016, p.159)

Desde então, vedou-se a entrada de mulheres no Conselho e em clubes onde aprendiam sobre política. Tentava-se reprimir seu engajamento político por meio de

discurso que mantinha a estrutura socioeconômica burguesa, confinando a mulher ao lar e excluindo-a dos meios de produção e de participações políticas. Os clubes femininos existentes e atuantes foram, em grande parte, fundidos aos clubes masculinos e absorvidos por eles.

Além disso, a investigação de paternidade, por exemplo, foi proibida pelo Código de Napoleão, o qual estabeleceu uma condição muito dura para a mãe solteira. Fez parte da Restauração francesa a abolição do divórcio em 1826. Em 1848 tentou-se recuperar esse direito, mas a Assembleia Constituinte rejeitou a solicitação. Somente em 1884 ele reaparece, mais ainda com muitas dificuldades para se obtê-lo.

Não obstante, muitos discursos que tentavam prender a mulher à sua função social de esposa e mãe circulavam nesta época e reforçavam a relação desigual entre os sexos. A família era vista como o microsomo da sociedade. Ela precisava estar “organizada”, em “ordem” hierárquica, como vemos nas palavras de Bonald: “O homem está para a mulher como a mulher está para a criança; ou o poder para o ministro como o ministro para o súdito” (*apud* BEAUVOIR, 2016, p. 161). Bonald defendia o confinamento da mulher ao lar. Era preciso frear seu desenvolvimento político. Ele dizia: “As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas” (*idem*). Observa-se aqui a retomada do discurso naturalista para a condição feminina.

O discurso positivista de Augusto Comte fortalecia essa orientação ideológica. Procurava justificar a desigualdade entre os sexos pela natureza, pela diferença física e pelos comportamentos morais. A feminilidade era vista como um atraso. Ela era como uma infância permanente em que o intelecto não se desenvolveu. A mulher era tida como um ser predominantemente afetivo, servindo apenas como esposa e como dona de casa. Vários discursos se aliançavam para mantê-la neste lugar, tentavam restringi-la a ele e se empenhavam em suprimir os discursos emancipatórios: “Nem a direção nem a educação lhes convêm” (BONALD *apud* BEAUVOIR, 2016, p. 161).

A questão do trabalho feminino fora de casa era tão ameaçadora que discurso positivista chegou a afirmar que a supressão desta atividade seria resultado da evolução da humanidade. Assim seguiam na divisão dos sexos e das funções de cada um deles: o homem deveria governar e a mulher administrar porque ela seria

“incapaz de qualquer mando, mesmo doméstico” (idem). O discurso da incapacidade feminina fez-se argumento recorrente nesse tipo de fala.

Somou-se ao discurso da incapacidade, o discurso do sentimentalismo. Conforme Beauvoir (2016), o positivismo de Comte caracterizou o homem pela ação e a mulher pelo sentimento. Ela deveria amar e ser a mais altruísta da relação. Testemunha isso a seguinte fala de Balzac: “O destino da mulher e sua única glória são fazer bater o coração dos homens” (BALZAC *apud* BEAUVOIR, 2016, p.162).

Retirando-lhe a capacidade, negando-lhe a instrução, caracterizando-a como ser infantil e sentimental, a mulher foi posta no lugar de objeto do homem, da família e da sociedade. “A mulher é propriedade que se adquire por contrato; ela é mobiliária porque sua posse vale como título; a mulher, enfim, não é, propriamente falando, senão um anexo do homem” (BALZAC *apud* BEAUVOIR, 2016, p.162). Por este enunciado de Balzac, é possível compreender que o ser feminino era concebido como um acessório, como uma peça, que não é um ser autônomo, que tem existência secundária, que é propriedade de alguém e de que pode se desfazer quando deixa de ser útil.

Comparada ao homem, ela seria mais passiva. Economia e política seriam bastante atitude para elas. Era necessário encerrá-la em casa, louvava-se a que tinha “moral”. Tome-se como exemplo outra fala de Balzac:

Cumprir recusar-lhe a instrução e a cultura, proibir tudo o que lhe permitiria desenvolver sua individualidade, impor-lhe vestimentas incômodas, encorajá-las a seguir um regime anemiantes. A burguesia obedece exatamente a esse programa. As mulheres são escravizadas à cozinha, ao lar, fiscalizam-lhes ciumentamente os costumes, confiam-nas a um ritual de *savoir-vivre*, que trava qualquer tentativa de independência. (BALZAC *apud* BEAUVOIR, 2016, v. 1, p.162)

A mulher não somente foi reservada ao serviço doméstico, como desobrigaram-lhe dos serviços pesados. A mulher urbana não deveria carregar fardos como as mulheres primitivas. O que pareceu ser uma vantagem, foi na verdade, segundo Beauvoir (2016), uma retirada de sua responsabilidade nos meios de produção. Assim, ludibriadas, seria difícil trocar a “facilidade de sua condição” (BEAUVOIR, 2016, p. 163) por uma emancipação ainda pioneira. De um modo geral, aceitaram seu lugar de mãe, esposa e dona de casa.

Como já foi dito, a partir da Revolução Industrial, começou-se a cogitar mais a emancipação da mulher. O socialismo utópico de Saint-Simon almejava o fim da escravidão sofrida pelo operário e pela mulher. Nessa linha, Beauvoir (2016) ainda

chama atenção para outros dois nomes: Cabet, o qual afirmava que pelo comunismo icariano viria a igualdade dos sexos e Fourier, quem propôs que a mulher tivesse mais liberdade.

Não foi sem falhas que vieram essas propostas. A de Cabet, por exemplo, restringia a amplitude de participação política da mulher. A de Fourier, mesmo propondo o casamento pelo amor, não desobrigou o ser feminino da sua função amorosa. Neste momento, a causa feminina foi secundária, mas serviu para abrir caminho rumo a emancipação. Destaca-se assim a fundação do jornal *La Femme nouvelle*, por Claire Bazard. Houve a criação de outras revistas menores. Estas lutavam mais pelo direito à educação do que por emancipação.

Em outros países, também se iniciam as lutas pela conquista de mais direitos para as mulheres. Nos Estados Unidos, em 1830, as norte-americanas lutam ao lado de outro grupo oprimido, o dos negros, por mais direitos políticos. Em 1840, uma associação feminina foi fundada no país por Lucretia Mott. Retornando à França, em 1848, clubes femininos foram fundados e outros jornais também, como o *Voix des femmes*. Além do surgimento desses clubes e jornais, surgiram também as associações femininas de produção.

Nesse mesmo ano, a germânica Louise Otto, convocou as mulheres a um feminismo nacionalista. Seu desejo era que tivessem direito de participar na transformação da pátria. Em 1865, ela fundou Associação Geral das Mulheres Alemãs.

A luta por direitos das mulheres sempre se deu em meio a tensões com o conservadorismo. Beauvoir (2016) relata que havia mulheres como Proudhon que defendiam o discurso de que lugar de mulher é em casa. Ainda por um tempo, as lutas das francesas se referiam mais a interesses próprios ou de classe do que a questões de gêneros.

Mesmo enfrentando tantas resistências, havia mulheres em várias partes da Europa e nos Estados Unidos que davam sequência à marcha pela conquista de mais direitos. Entre o final da primeira metade do século XIX e o final da primeira metade do século XX a marcha se pautou principalmente em conquistas trabalhistas e políticas. Na França, em 1849, Jeanne Decoin se candidata para deputada, mas não obtém sucesso.

No ano de 1869, o francês León Richier fundou o feminismo com a publicação de *Les Droits de la femme* e em 1878 organizou um congresso internacional sobre

esses direitos. Em 1876, o inglês Stuart Mill propôs para o Parlamento britânico o voto feminino. Enquanto que, para Comte, o retorno da mulher para o trabalho dentro de casa seria uma consequência da evolução da sociedade, para Mill, a humanidade só poderia evoluir se as relações entre homem e mulher fossem de igualdade e não de subordinação:

Estou convencido de que as relações sociais dos dois sexos, que subordinam um sexo ao outro em nome da lei, são más em si mesmas e constituem um dos principais obstáculos que se opuseram ao progresso da humanidade; estou convencido de que devem ser substituídas por uma igualdade perfeita. (BEAUVOIR, 2016, p. 176)

Esta atitude serviu para que várias inglesas e francesas se articulassem politicamente. Uma mulher de bastante influência nesta época foi Hubertine Auclert. Ela deu início a uma campanha sufragista, criando o grupo *Suffrage des femmes* e fundando o jornal *La Citoyenne*. Por este período também, o feminismo revolucionário retoma as ideias marxistas e de Saint Simon. É necessário ressaltar que, para muitos homens e mulheres, a luta de gênero era secundária à luta de classes, visto que pela emancipação da classe trabalhadora viria a emancipação da mulher. A luta de gênero não poderia “roubar” então a força da luta dos trabalhadores. Contudo, no ano de 1879 a aliança entre feminismo e socialismo se consolidou e a igualdade dos sexos foi proclamada no congresso socialista. Posteriormente, em 1892, houve o Congresso Feminista, renunciando o nome do novo movimento. Esse congresso não obteve tantos resultados.

A luta por igualdade prosseguiu. Foi aprovado em 1897 uma lei que permitiu que as mulheres fossem ouvidas como testemunhas. Ao mesmo tempo, conforme Beauvoir (2016), houve o caso de embargo de atuação profissional para uma advogada. No ano seguinte, francesas obtiveram o direito ao voto em duas instâncias, no Tribunal do Comércio e no Conselho Superior do Trabalho. Neste último, elas também tiveram o direito de elegibilidade. Além disso, puderam ser admitidas no Conselho Superior de Assistência Pública e na Escola de Belas Artes, conforme atesta Beauvoir (2016, p. 177). A Câmara francesa teve sua primeira proposta pela inserção do voto feminino em 1901, apresentada pelo deputado René Viviani. O voto, entretanto, seria restrito àquelas que divorciaram-se ou que eram celibatárias.

A campanha sufragista ganhou espaço. Fundou-se em 1909 a União Francesa pelo Sufrágio das Mulheres e sob a liderança de Mme. Brunschwig, uma

série de eventos foram organizados como “conferências, comícios, congressos, manifestações” (BEAUVOIR, 2016, v.1, p. 178). Um projeto de lei pelo sufrágio feminino foi apresentado em 1910 pelo legislador Thomas. Em 1918 esse projeto foi renovado, obtendo êxito na Câmara em 1919, todavia sendo rejeitado em 1922 pelo Senado. A Assembleia não se interessava em discutir esse tipo de projetos, ela procurava retardá-los, até que em 1932 ela aprovou a emenda que concedia o voto feminino e a elegibilidade. Novamente este tipo de emenda foi reprovado no Congresso. Beauvoir cita os argumentos antifeministas, machistas e conservadores que foram encontrados na ata da sessão final sobre esta pauta:

(...) gostamos demais das mulheres para deixá-las votar, exalta-se, à maneira de Proudhon, a “verdadeira mulher” que aceita o dilema “cortesã ou dona de casa”, votando, a mulher perderia seu encanto, está num pedestal, que não desça dele; tem tudo a perder e nada a ganhar tornando-se eleitora; governa os homens sem necessidade de cédula eleitoral. Mais gravemente, objeta-se com o interesse da família: o lugar da mulher é em casa; as discussões políticas provocariam a discórdia no lar. Alguns confessam um antifeminismo moderado. As mulheres são diferentes dos homens. Não fazem serviço militar. Deverão votar as prostitutas? Ou afirmam com arrogância sua superioridade de machos: votar é uma obrigação e não um direito, as mulheres não são dignas desse dever. São menos inteligentes e menos instruídas que os homens. Se votassem, os homens se tornariam efeminados. Não têm educação política, votariam em obediência ao marido. Se querem ser livres, que se libertem antes de tudo de suas costureiras. (BEAUVOIR, 2016, v.1, p. 178-179)

Observam-se acima vários discursos sobre a mulher e sobre o homem. Novamente, valeu-se da dicotomia “dona de casa” e “cortesã”, mantendo assim alguns sentidos associados a essas palavras. À “dona de casa” associou-se “verdadeira mulher”, aquela que é como uma santa que “está num pedestal”, a quem se deseja “que não desça dele” para que não perca o seu “encanto”, o seu lugar de enaltecida e adorada, afinal, ela só “perderia” em se tornar eleitora, “nada ganharia”. Estes dois últimos enunciados em aspas mostram também a presença de um autoritário e intimidador como é o discurso machista.

Ligou-se à “dona de casa” outros sentidos também. A mulher “do lar” era aquela que é pacificadora, a qual evita as “discussões”, inclusive sobre política, e que evita a “discórdia”. Era ainda alguém “fútil” como se observa na expressão: “Se querem ser livres, que se libertem antes de tudo de suas costureiras”. Cuidaram logo de aproximar o sentido de eleitora e de prostituta ao enunciarem: “Deverão votar as prostitutas?”. Aqui a insinuação/associação provavelmente englobava as divorciadas, uma vez que estas, junto com as celibatárias, seriam as primeiras

mulheres a receberem o direito ao voto. Ser divorciada era bastante mal visto nesta época.

Por meio desses enunciados, é possível observar como as disputas de poder estão presentes na linguagem. O sujeito masculino precisava manter seu lugar, historicamente construído, de superioridade e de dominação sobre o sujeito feminino. Valeu-se para tanto, de discursos conservadores sobre a mulher e sobre si mesmo. Assim, somente em 1945, as francesas alcançaram plenos direitos políticos.

Durante este período, outros países também marchavam pelo sufrágio feminino. Alguns lugares conseguiram este direito bem cedo como foi o caso de certas unidades federativas dos Estados Unidos: Wyoming (1869), Colorado (1893), Idaho e Utah (1896). Ainda em 1893, a Nova Zelândia já havia outorgado esses direitos às mulheres. Em 1906, o voto foi concedido na Finlândia. Na Noruega ele foi concedido em 1907 e na Austrália em 1910.

Na Inglaterra de 1903, foi criada a Woman Social and Political Union (WSPU) pela família Pankhurst. Essa associação se aliou ao Partido Trabalhista e realizou diversas passeatas, comícios e manifestações. No ano de 1907, ela marchou no Parlamento, mas sofreu repressão. Além das trabalhadoras, fizeram parte dessa manifestação algumas mulheres aristocratas. Um ano depois, houve a ameaça de proibição de operárias casadas em minas. A WSPU se manifestou novamente, convocando essas operárias à um comício em Londres. Muitas mulheres foram presas e como forma de protesto e pressão pela sua soltura, entraram em greve de fome. Soltas, retomaram as passeatas.

Em 1910, por ter sido rejeitada a proposta pelo seu sufrágio, incendiaram residências desabitadas, destruíram quadros, jardins e apedrejaram a polícia. Com a chegada da Primeira Guerra, as atividades das militantes inglesas foram reduzidas. Contudo, o serviço que prestaram nesse período contribuiu para a conquista do seu sufrágio, o qual foi concedido de maneira restrita em 1918 e de maneira plena em 1928.

Nos Estados Unidos, a primeira associação pela concessão do voto feminino foi a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres, fundada em 1869 por Lucretia Mott. Em 1913, as norte-americanas, dirigidas por Miss Stevens e Alice Paul, realizam uma militância similar à que foi a incisiva britânica. As assembleias femininas evoluíram e acabaram resultando na fundação do Partido das Mulheres. Desejava-se, de fato, a emancipação do gênero. Deste modo, a fim de pressionarem

o legislativo e o executivo, sufragistas fazem plantões ao redor da Casa Branca. Elas também foram presas passados seis meses da instalação no local. Usaram a mesma estratégia das inglesas para serem soltas: greve de fome. Libertas, tornaram a fazer suas reivindicações públicas.

A pressão feita sobre o governo foi em certa medida eficiente. O presidente da república nomeou uma comissão responsável pelo sufrágio. Após a participação da Comissão Executiva do Partido das Mulheres em conferência em Washington, foi apresentada e aprovada a emenda pelo voto feminino em 1918, na Câmara. Ao chegar no Senado, a emenda foi rejeitada. Em 1919 ela foi aceita por um Congresso republicano.

Em 1928, criou-se na sétima edição da conferência de repúblicas americanas a Comissão Interamericana das Mulheres. Essas repúblicas se reuniram em uma convenção em 1933 e dezenove delas concederam a igualdade de direitos ao sexo feminino.

Alguns países, contudo, por condições históricas diferentes, só permitiram essa igualdade de direitos para as mulheres posteriormente. O regime nazista na Alemanha e o regime fascista na Itália atrasaram a emancipação feminina. Na América Latina e no Oriente, segundo Beauvoir (2016), o fator de atraso foi mais pela força dos costumes do que pelas leis em si.

Na Rússia, as condições históricas contribuíram para que o feminismo tivesse maior amplitude. A primeira dessas condições foi a guerra russo-japonesa no fim do século XIX. Isto se justifica porque as mulheres foram à guerra também. À medida que foram participando desses acontecimentos, elas passaram a assumir outros lugares e outros papéis, passaram a ser ressignificadas. Não eram mais exclusivamente esposas e mães, eram também combatentes e suas novas experiências libertavam-nas física e espiritualmente. Neste período, foi criada a União Russa pelos Direitos da Mulher em busca de igualdade política entre homem e mulher.

A sua atuação política e militar se ampliou cada vez mais. Em 1905, elas já faziam greves e atuavam em trincheiras. Em 1917, pouco antes da Revolução Russa, realizaram uma grande manifestação no Dia Internacional da Mulher, pedindo alimento para a população (pão), paz para a nação e o retorno de seus maridos da guerra. Sua atuação também foi muito relevante econômica e

militarmente entre os anos de 1918 e 1920, quando a URSS lutava contra os invasores.

Ao assumir o poder, Lênin lhes concedeu igualdade política e econômica. Em 1936, a Constituição russa além de lhes assegurar os direitos políticos e econômicos, assegurava-lhes direitos sociais e culturais. Assim, em 1939, havia mais de 457 mil mulheres se candidatando ao cargo de deputado, conforme atesta Beauvoir (2016, p.184). Assumiram ainda outros campos profissionais em que predominavam o sexo masculino como a metalurgia, a mineração, o transporte entre outros.

Soma-se às mudanças políticas e profissionais as mudanças na lei que contribuíram para que se repensasse o papel da mulher. A responsabilidade quase que exclusiva sobre a criação dos filhos fora dividida com a sociedade ao encarregá-la da educação das crianças. Sob a ideologia marxista, a noção de família era reconfigurada, ocasionando mudanças na legislação, nas relações familiares e sobretudo nas condições de vida daquelas russas:

O respeito votado à livre união, a facilidade dos divórcios, a regulamentação legal do aborto asseguravam a liberdade da mulher perante o homem: leis sociais sobre licenças à parturiente, creches, jardins de infância, etc. aliviavam o encargo da maternidade. (BEAUVOIR, 2016, v.1, p.185)

A autora supracitada faz a ressalva da dificuldade de saber a extensão real dessas mudanças haja vista tantos discursos apaixonados sobre este período leninista. Ela relata ainda o retrocesso que houve posteriormente como a supressão do divórcio, a proibição do aborto e a condenação do adultério. A mulher tornou-se subordinada ao Estado e permanecia ligada à família, ao lar. O que a diferenciava das mulheres de outras federações é que a soviética tinha maior inserção na política e nos meios de produção.

Ao lado da luta pelo sufrágio feminino estiveram as lutas trabalhistas. Conquistas como a organização em sindicatos, regulamentação no horário de trabalho, o direito a férias, a licença maternidade remunerada, o aumento salarial entre outros ganhos somaram-se às conquistas políticas e aos poucos a mulher adquiria mais autonomia.

A chegada dos anticoncepcionais teve importância fundamental para o processo da emancipação feminina. Eles permitiram o distanciamento da imagem da mulher ligada à função reprodutora. É necessário salientar ainda que este não foi um

ganho em razão de uma preocupação com o gênero feminino e sim em função do controle da natalidade.

Diante do exposto, observa-se que a maneira como se deram as relações do homem com a natureza, com a construção da sociedade e com os modos de produção determinou o lugar da mulher. As sociedades que se constituíram em torno da propriedade privada e do regime patriarcal, organizaram-se de modo desigual e hierárquico, estabelecendo o homem como o sujeito ativo e dominante e a mulher como o sujeito passivo e submisso. As sociedades que tinham o regime de terras comuns a seus membros e que não se fundamentavam na herança permitiram à mulher condições mais favoráveis.

Verifica-se ainda que a maior parte da sociedade ocidental se desenvolveu no patriarcado, regime marcado pelo machismo e pela opressão das mulheres. Os direitos adquiridos por elas foram conquistados muito lentamente, o que mostra a força da dominação masculina, e, muitos deles só foram alcançados a partir de uma maior inserção feminina no trabalho fora de casa.

1.2. Relações históricas e as imagens sobre a mulher no Brasil

Nesta seção, tratamos das relações históricas e das imagens sobre a mulher especificamente no Brasil. Fazemos breve exposição dos primeiros séculos da história do país e nos alongamos mais nos últimos dois séculos. Para tanto, partimos dos estudos de Corrêa (1981), Pinsky (2012) e Del Priore (2014), principalmente.

Segundo Corrêa (1981), dialogando com pesquisas de Gilberto Freyre e Antônio Candido sobre a família brasileira, haveria, na longa temporalidade do Brasil, dois tipos principais de família (dois regimes ou sistemas familiares). O primeiro deles é do família patriarcal, que imperou desde o século XVI até XIX. O segundo é o da família conjugal moderna ou urbana, que surgiu e se desenvolveu com a emergência da sociedade industrial, a partir do século XX. A família patriarcal, constituída por meio do casamento, como vimos, e ligada a um tipo de sociedade rural, agrária, tinha funções e motivações políticas, sociais e econômicas. Já a família conjugal moderna, constituída também por meio do casamento, e ligada a sociedades urbanas e industriais, assumia funções distintas, como a da satisfação de necessidades sexuais e afetivas (que no outro modelo familiar era realizada nas

relações extraconjugais). Nota-se, portanto, que alguns processos históricos ocorridos na Europa fazem-se presentes na história local.

Conforme os tipos de família existentes e outros fatores históricos, o papel e o lugar da mulher, e as questões ligadas a mulher, vão se modificando. A dominação do homem e a subordinação da mulher (mesmo a inferioridade da mulher), traços da família patriarcal, também existiam aqui. A mulher não tinha poder sobre si mesma, seu destino, suas posses nas relações com o homens. Eram presas por seus maridos em casa, quando estes viajavam (CORRÊA, 1981). Por outro lado, a mulher da família patriarcal, na sociedade colonial brasileira, pertencente à classe dominante, exercia sua dominação em relação às escravas, ou, ainda, exerciam atividades financeiras e tinham direito a estudo quando se tornavam freiras.

Na sociedade patriarcal, a educação da mulher era voltada ao domínio das atividades domésticas, à virtude da obediência e à educação dos filhos. A execução das tarefas relativas à maternidade (o cuidado e educação dos filhos) e aos cuidados com o lar era sempre supervisionada pelo homem.

A transição do modelo de família patriarcal para o da família moderna, de acordo com Corrêa (1981), não foi instantânea e nem teve a forma da ruptura, pois traços da família patriarcal permaneceram ativos durante muito tempo nas famílias modernas e ainda permanecem.

1.2.1 A era dos modelos rígidos

Pinsky (2012) propõe haver dois momentos importantes marcando a história da mulher na sociedade brasileira em seu período mais atual, o período marcado pela família moderna e a sociedade industrial. São eles: “a era dos modelos rígidos”, correspondente à primeira metade do século XX, e “a era dos modelos flexíveis”, que começa na segunda metade do século XX e se estende até os dias atuais.

Segundo a autora, nesses momentos históricos, imagens e representações da mulher foram construídas e reconstruídas, destacando-se a da mulher para casar, a boa esposa, a mãe, as jovens modernas, a trabalhadora, as companheiras, etc.

Um dos marcos do século XX na história das mulheres no Brasil é a aquisição do direito a estudar e a exercer profissões não ligadas ao lar, como as de médica, advogada, operária, dentre outras (BIASOLI-ALVES, 2000). Como consequência, a

mulher passa a circular mais nos espaços públicos, não ficando mais restrita ao ambiente doméstico e às tarefas domésticas e da maternidade.

Surgem então representações da mulher ligada ao lar e ao casamento – a boa esposa, a boa mãe, a boa dona de casa. Essas representações, conforme Pinsky (2012) eram difundidas em jornais da época.

A boa dona de casa, frente ao fato da inserção da mulher no mercado de trabalho, era aquela que se dedicava exclusivamente ao lar. Primava-se pelas atividades domésticas sobre as econômicas. Assim, elas deveriam dar conta da boa administração e execução das tarefas de casa: alimentação, higiene, finanças, etc. Tudo tinha que estar em ordem, com zelo e boa aparência. A mulher é a dona da casa, “rainha do lar”, a que governa. Esse é o seu reino. Ela precisa manter o reino do marido e da sociedade. A responsabilidade é dela, o trabalho não a pode tirar do foco. As bem nascidas tinham as empregadas para as auxiliarem, ou melhor, para fazer a maior parte do serviço braçal, enquanto as pobres, que precisavam trabalhar, deveriam dar conta das duas coisas. Esse modelo, conforme Pinsky (2012), era válido para as mulheres de classe alta e não para as de classe baixa.

A boa mãe, por seu turno, era aquela que cuidava diretamente dos filhos e não as que deixavam com amas, babás e afins. O modelo colonial não era mais referência; contudo, ainda havia famílias mais ricas que mantinham cuidadoras. Nesses casos, a mãe deveria fazer o papel de supervisora. Havia também as mães pobres que precisavam trabalhar e não podiam se dedicar exclusiva e diretamente à criação dos filhos. Portanto, não se encaixavam nesse modelo. As mulheres deveriam almejar e concretizar a maternidade. Não querer a maternidade era uma aberração. Quem casava, era pressionado a ter filhos. E era responsabilidade da mulher criar os filhos de maneira a inculcar-lhes os ideais da sociedade.

A boa esposa era a boa dona de casa e a boa mãe. Mas também era a responsável por manter o marido contente, e, portanto, em manter o casamento. A boa esposa deveriam ser zelosa, dedicada, paciente, contente, submissa ao marido, resignada quanto ao seu lugar de dependência e submissão ao homem no interior da família. Logo, ela não reclamaria, não fazia cobranças, deveria estar sempre bem apresentável, aceitaria infidelidades, facilitaria o dia a dia do homem, saberia a hora de falar e, principalmente, de se calar. A felicidade do casamento dependia da mulher. Ela era a responsável pelo sucesso do casamento. O prazer da mulher estaria em casa, com o marido e os filhos.

Surgem também as representações da mulher que trabalha fora. Como dito anteriormente, a mulher, durante os primeiros séculos da história do Brasil, estava restrita ao ambiente doméstico. Somente a partir do século XX é que ela começa a ter oportunidades de estudar e de trabalhar fora, prestando serviço remunerado. A permissão de frequentar escolas e universidades, inicialmente motivadas pela necessidade de a mulher ser uma boa esposa e boa mãe, dando conta das novas demandas da sociedade moderna, agora possibilitou que a mulher pudessem ultrapassar atividades ligados ao lar (costureira, lavadeira, doméstica, babá) e exercer profissões antes exclusivas dos homens (não ligadas ao lar) – direito, medicina. Ainda que estudo e a formação ainda viessem acompanhados de ideias conservadoras, machistas e preconceituosas, e que o estudo prolongado e aprofundado fosse visto como algo traria dificuldades em arranjar casamento, eles proporcionaram aberturas para as mulheres e o surgimento de discursos representando os interesses diferenciados das mulheres e dos homens.

A mulher que trabalha fora, sobretudo em profissões não ligados ao lar, não é tão bem valorizada quanto aquela que era apenas dona de casa. As que trabalhavam em fábricas eram vistas como um pouco “melhor” que as prostitutas (prostituição não era honesto), mas não melhor que as donas de casa. A fábrica era um lugar mal visto para mulheres porque passariam muitas horas ali, porque era um ambiente sem higiene e por estarem no meio de tanto homens, sujeitas aos seus assédios. As trabalhadoras operárias eram consideradas mulheres frágeis e fora do padrão aceito. Eram desvalorizadas tanto social quanto economicamente, ganhavam pouco. Profissões um pouco melhor aceitas eram as de professora, enfermeira, secretária, balconista e telefonista, por exemplo, porque estavam associadas às funções “naturais” da mulher que é servir e cuidar. Portanto, os valores eram atribuídos a essas mulheres conforme a ocupação eram variados.

As mais escolarizadas que chegavam a se tornar médicas, bacharéis em Direito, pianistas ou cantoras, enfrentavam preconceitos no dia-a-dia do trabalho. As que enxergavam o valor social do trabalho fora de casa, do trabalho profissional, eram pioneiras ou “rebeldes” e “feministas”.

A felicidade da mulher era relacionada ao lar. Combatia-se a ideia de que o trabalho seria seu lugar de prazer, de realização e de felicidade. Os homens precisavam manter o sistema e também não ter concorrência feminina no trabalho e nem em casa. As mulheres não podiam cooperar para o desemprego dos homens e

nem se tornarem “altivas”, afinal, era isso que o trabalho as deixava: altivas, frias, mal humoradas, relapsas e menos femininas. Trabalho era para moças solteiras ou solteironas.

Surgem também as representações da mulher solteira e divorciada, isto é, aquela definida por sua não participação em um casamento. De acordo com Pinsky (2012), ser solteira não era positivo, era sinônimo de fracasso e de peso para a família. As que assim ficaram, tinham posturas a zelar: evitar qualquer aparência desonrosa, não ter vida sexual ativa, cuidar dos pais, dos sobrinhos, dedicar-se à profissão (normalmente, tornavam-se professoras). E eram temidas pelas esposas (estas achavam que as solteiras poderiam roubar seus maridos e por isso, solteiras, eram também estigmatizadas como caçadoras de maridos). Eram ainda consideradas como frustradas e despeitadas. Até aqui a felicidade feminina era associada ao casamento.

Às mulheres separadas restava a solidão e a marginalização. Além da vergonha e discriminação por ser separada, ela perderia o sustento. A que casasse com um ex-casado não era respeitada e nem os filhos.

No século XX, inicia uma abertura, uma flexibilização em relação ao processo de escolha do marido. Nas sociedades patriarcais, o marido era escolhido pelo pai, cabendo à mulher apenas aceitá-lo. Agora, na sociedade industrial, a mulher adquire o direito a escolher, juntamente com a família, o seu futuro marido (BIASOLI-ALVES, 2000). Na verdade, isso não deve esconder o fato de que a família do homem também escolhia a esposa. Nesse processo, o homem ideal era aquele que fosse capaz de prover o sustento familiar, enquanto a mulher deveria atender aos requisitos, ainda remanescentes de épocas passadas: virgindade, pureza, recato, educação, obediência, entre outros.

A jovem desta década podia expor carinho com o namorado em público, mas nada fora do permitido pela moral dessa época, nada exagerado. Namoro, noivado, tudo tinha que ser para casar e não podia demorar porque não suspeitavam da honra da moça.

A maior exposição à sociabilidade, ainda que com difícil aceitação foi concomitante com a aquisição de certa liberdade. Mas ampliou-se o número de agentes controladores da ordem, a saber: vizinhos, professores, patrões, políticos, juízes, médicos, etc. As próprias mulheres foram educadas para se autovigiarem e tornarem-se responsáveis pela sua honra.

Paralelamente, permanecia a antiga prática dos homens recorrerem às “mercenárias” para satisfazerem seu desejo sexual. Isso não poderia acontecer com a futura mãe de seus filhos. Ou, ainda, adotava-se a tática de casar os jovens muito cedo para evitar o sexo antes do casamento (BIASOLI-ALVES, 2000).

Del Priore (2014) relata que o século XX, marcado pela industrialização e a urbanização alterou hábitos como o de cobrir demais o corpo. Faziam-se praças públicas, teatros, bailes, ginásios poliesportivos. As pessoas circulavam mais, se moviam mais. Tudo isso fez com que, por exemplo, o corpo ficasse mais a mostra. As roupas tornaram-se mais leves, começava-se a valorizar o estético e esse corpo agora não era mais só destinado a reprodução das gerações. Em especial, o corpo da mulher passa a ser mais visto; aos poucos ele vai sendo despido: no teatro, nas propagandas de lingerie em catálogos. O “corpo que, frente aos homens, devia mostrar-se consertado, protegido por todo o tipo de nós, botões e laços” (del priore, 2014, p. 82-3) agora estava mais à mostra. O carnaval trazia a sexualidade reprimida à tona.

Ou a Fon-Fon: meninas pudicas que não fumam, não bebem, não vão sequer ao cinema sozinhas ao cinema, nos dias de carnaval entram num café barato com qualquer homem, bebem com um simples desconhecido, praticam toda a espécie de loucura, satisfazem a todos os desejos de liberdade. (DEL PRIORE, 2014, p. 149)

Em outros momentos, essas atitudes não eram possíveis porque não eram condizentes com as práticas morais vigentes. Para algumas pessoas, tais ações eram mal vistas, para outras era o início do percurso para a liberdade do gênero em relação à sua sexualidade.

No entanto, é significativo a ocorrência desses atos nesses períodos pois aponta para desejos existentes, que constituíam aqueles sujeitos.

O culto da pureza que idealizava as mulheres reforçava a distância entre os casais. E não faltavam “conselhos” em toda parte: “Lembra-vos ainda também que ainda quando no quarto e leito conjugal se dispense o pudor, a castidade, contudo, é de rigoroso dever e conveniência, porque a mulher que se abandona a todos os caprichos e fantasias se faz desprezível aos olhos de sua própria consciência e aos de seu marido se ele não é um libertino e debochado.

Assim sendo, os homens não procuravam ter prazer com a mãe dos próprios filhos. Considerava-se que a familiaridade excessiva entre os pares provocava desprezo. Um sistema de ritos aprisionava o corpo da mulher... O resultado é que as mulheres se tornavam beatas ou pudicas azedas, cumpridoras de seus deveres. E os homens, bastiões de um respeitoso egoísmo, abstinham-se de toda e qualquer demonstração afetivo-erótica em relação às suas esposas. (DEL PRIORE, 2014, p. 82-83)

No período anterior da história do Brasil, como se nota nesta passagem de Del Priore (2014), tanto mulheres quanto homens, no âmbito do casamento, não podiam realizar seus desejos e pulsões sexuais. E isso ocasionava todo um processo de adultério.

1.2.2 A era dos modelos flexíveis

Pinsky (2012) aponta alguns fatores como importantes para a mudança da condição da mulher até então. Vejamos quais são eles. O currículo, que começou a se equiparar entre os gêneros e aumentou a chance de melhor concorrência à uma vaga universitária. A migração para a cidade e a urbanização foi outro fator. Elas permitiram o maior intercâmbio de cultura, possibilitando mudanças de comportamento. E também o fato de as mulheres passarem a ter mais acesso à informação. Em 1949, Beauvoir lança *O segundo sexo*, afirmando que a mulher aprende a ser mulher e não nasce com as suas atribuições.

Entre 1960 e 1970, os jovens urbanos estudavam juntos, trabalhavam juntos e faziam festas juntos. Faziam festas em apartamento, frequentavam bares, andavam em grupo... Seus comportamentos estavam mudando. Tornavam-se mais transgressores e mais críticos em relação aos costumes estabelecidos.

As jovens que andavam nesse meio, que estavam inseridas nessa conjuntura, tinham comportamentos pioneiros. Usavam minissaias, calça *jeans*, biquíni e iniciavam uma série de reflexões e questionamento quanto à sexualidade feminina. São exemplos de questões referentes a este tema: discriminação sexual, amor livre, relacionamento aberto e obrigatoriedade da virgindade.

Com a chegada do anticoncepcional, diminuiu-se o risco de gravidez e abriu-se o espaço para polêmicas como a necessidade de integridade física antes do casamento (virgindade) e a dupla moral para homens. Começou-se a questionar a necessidade do casamento para haver sexo. Outro fato significativo foi a busca por prazer, visto como um direito da mulher e não mais como uma mancha na sua reputação.

Mantinha-se a distinção entre as mulheres que eram “respeitáveis”, “puras”, “para casar” e “construir família” e as que eram “desonráveis”, “para diversão” e “satisfação sexual”. As relações foram mudando, aos poucos, gestos de carícias foram permitidos.

As informalidades foram tomando espaço nos relacionamentos, São exemplos disso: o flerte mais direto, em que a moça demonstrava mais desejo e atração; o fato de não necessariamente se pedir em namoro ou a autorização dos pais; os beijos, os abraços e as mãos dadas em público – estas não eram mais atitudes que precisamente ofenderia a “honra” da moça e de sua família (ela ainda precisava de “honra”, isso era significativamente valorizado); e, por fim, as jovens passaram a seduzir, tornaram-se mais espontâneas e autênticas.

O sexo antes do casamento passou a se tornar uma realidade. Noivos viam nisso a oportunidade de testar a compatibilidade sexual, de se evitar traumas femininos e evitar que homens buscassem a prostituição. O sexo casual foi visto como uma extensão natural da atração entre duas pessoas sem necessariamente ter a obrigação do vínculo. Hippies e alguns intelectuais apoiaram essa ideia, mas na mídia, ainda não havia alguém que representasse esse ponto de vista e mesmo alguns se aproveitaram dessa ideia para ter sexo, mas ainda atribuindo sentidos negativos a mulher que praticava esse tipo de atividade sexual.

Pinsky (2012) explica que se buscavam direitos iguais entre homens e mulheres em relação ao sexo. O movimento hippie preconizava a ideia de não posse sobre o outro e era avesso à ideia de família tradicional porque seria sinônimo de hipocrisia. Além disso, era também a fase do *Rock and roll* e das perseguições às uniões partidárias. Tudo contribuiu para o desenvolvimento do sexo sem compromisso.

Em 1970 houve um crescimento do movimento feminista. Donas do corpo, mulheres reivindicavam o direito de ter prazer sexual, de engravidar quando quiser, se quiser, e pelo direito ao aborto. Isso abriu caminhos e modificou o modelo tradicional de mulher e da relação entre homem e mulher.

Revistas começaram a legitimar o novo modelo de mulher pois traziam reportagens com temas liberais em relação às mulheres. No cinema, mais imagens de mulheres sentindo prazer apareceram. Na TV, as relações, as imagens e os discursos foram mudando. Seriados trouxeram mulheres com iniciativa. A internet e o vídeo cassete permitiram acesso a cenas de sexo. As revistas discutiam o que é melhor. Dão dicas, espaço para bate-papos, conselhos, debates. A estética e a saúde entram mais em cena. Propagou-se o autoconhecimento, o diálogo, o acordo e a satisfação própria. Houve a imagem de beijos e de erotismo dentro dos relacionamentos. Depois, cenas em quartos e camas, de casados ou não.

Os casais dos anos dourados tinham outras concepções para o casamento: igualdade e não hierarquia; direitos iguais, inclusive, sexuais; intimidade, confiança, fidelidade mútua; crescimento pessoal; realizações individuais e felicidade. Eles tinham mais diálogo quando comparados com casais de gerações anteriores.

A partir de 1970, o sexo tornou-se fator decisivo, igualou-se a importância do amor. Em 1977 o divórcio se tornou lei e já era possível observar uniões que se davam sem a oficialidade legal ou religiosa. O desejo de casar permaneceu, o que mudou foram as concepções atribuídas a ele. As realizações pessoais foram postas em primeiro lugar e não mais a social em si. Essa mudança de pensamento iniciou-se pela classe alta e média. E a imprensa foi acompanhando e legitimando essas tendências.

Começou-se a falar em parceria. Parceira era companheira do marido. Dividia com ele suas dimensões de vida. O novo tipo de casamento requeria que ele reconhecesse a realização pessoal e profissional da mulher e que esta ajudasse no desenvolvimento dos seus sentimentos. A infidelidade não foi aceita, mas era reconhecida e explica-se pelo temperamento ou frustrações. O adultério feminino era mal visto, mas admitido.

A igualdade de direitos pela constituição de 1988 também contribuiu para a equiparação entre gêneros.

Contudo, permaneceu a violência e a sobrecarga das tarefas domésticas para as mulheres, o que interferiu também no investimento da carreira. Mulheres também se achavam as únicas competentes para a criação dos filhos. Homens ainda se recusavam a fazerem tarefas domésticas, mas alguns já as faziam. Às solteiras, divorciadas ou viúvas foi permitida a atividade sexual e que fossem felizes e realizadas sozinhas.

Importantes mudanças no campo profissional ocorreram para as mulheres. O trabalho foi aceito e profissões antes estigmatizadas como trabalho de homens passaram a fazer parte do leque de possibilidades para o ofício feminino. A sua qualificação crescente permitiu que chegassem às chefias das empresas, que se tornassem empresárias e recebessem o reconhecimento de sua capacidade.

Atualmente, a imagem da mulher moderna, profissional, tem se feito em sobreposição à exclusivamente doméstica, do lar. O desejável é que a mulher concilie maternidade, vida profissional, conjugal e pessoal. Quanto à maternidade, o que, aos poucos, está mudando é a não necessidade de ser mãe para se ter valor.

Nota-se que, ao longo da história, várias imagens da mulher foram construídas. Podemos dizer que elas convergem ora para uma imagem mais tradicional e conservadora, ora para uma imagem mais moderna e libertária. A retomada histórica dos fatos sobre a mulher é importante para que se compreenda de que maneira as relações sociais influenciam na constituição dessas imagens e determinam os sentidos que lhes são atribuídos.

2

CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA E SEXUAL

Este capítulo trata das concepções teóricas sobre a constituição das identidades, especialmente as identidades de gênero, e o modo como ela constitui a sexualidade feminina. Desta maneira, duas seções compõem o capítulo. A primeira aborda questões como a descentralização do sujeito, identidades fragmentadas (HALL, 2005) e identidades flutuantes (BAUMAN, 2005). A segunda discorre sobre identidade de gênero (BUTLER, 2016), formação da mulher e da sexualidade feminina (BEAUVOIR, 2016), e, por fim, sobre a relação entre redes sociais e identidades coletivas (MAZER, 2013).

2.1 Identidades

Os conflitos, as rupturas e as transformações ocorridos na sociedade afetam a constituição das identidades. Esses conflitos interpelam o sujeito a tomada de posições, que constituirão possibilidades de identidades. Para Stuart Hall (2005), o deslocamento do sujeito faz parte da constituição identitária; a identidade é fragmentada: não é centralizada, está em deslocamento. Para Bauman (2005), as identidades estão flutuantes, isto é, estão circulando. Um espaço de circulação das identidades são as redes sociais, espaço de *cibercultura*, de promoção da subjetividade e de construção identitária.

2.1.1 Sujeito descentrado e as identidades fragmentadas

Os quadros de referência que, em certa medida, ancoravam e estabilizavam os indivíduos no mundo social estão sendo abalados por um extenso processo de mudança, o qual tem deslocado “estruturas e processos centrais da sociedade moderna” (HALL, 2005, p.7), incluindo os de identidade. Assim, os antigos modelos de identidade que consolidavam esse mundo social entram em decadência, novas identidades surgem e tem-se o indivíduo fragmentado (pensava-se em indivíduo, sujeito indivisível, inteiro, completo, homogêneo e coerente).

Segundo Hall (2005), o deslocamento ou a descentração do sujeito constitui as identidades fragmentadas, as quais se deslocam e descentram-se. Para ele, esse deslocamento do sujeito é duplo, ocorre pela “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2005, p. 9).

Hall (2005) explica o conceito tratado por Ernest Laclau (1990) sobre o deslocamento das estruturas. Conforme aquele, o centro é deslocado e quem ocupa esse lugar não é um novo centro em si, mas uma diversidade de centros de poderes. As sociedades são constituídas por divisões e antagonismos sociais que geram uma gama de posições de sujeito e acabam por produzir amplas possibilidades de identidades com as quais os indivíduos possam vir a se identificar ao se posicionarem como sujeitos.

Diante do exposto, não se pode pensar em sociedades organizadas a partir de apenas um centro articulador; são vários e que se relacionam de diferentes formas, implicando a constituição das identidades. Se a sociedade está em constante mudança, as identidades estão constantemente em construção. David Harvey (1989) apud Hall (2005), chama atenção para o fato de a sociedade moderna ser marcada por contínuas rupturas e fragmentações em seu interior. As identidades fragmentadas são efeitos desta realidade.

Hall (2005) apresenta três concepções de identidade do sujeito. São elas: identidade do sujeito do Iluminismo, identidade do sujeito sociológico e identidade do sujeito pós-moderno.

A primeira concepção foi construída entre os séculos XVI (com o Humanismo e o Renascimento) e XVIII (com o Iluminismo). Anteriormente a estes períodos, as estruturas da sociedade e as identidades eram definidas pela vontade divina. Com o declínio do Feudalismo, o enfraquecimento da Igreja, o desenvolvimento do mercantilismo, das cidades e da ciência moderna, o homem adquire maior importância e novas concepções acerca dele são desenvolvidas.

Descartes, ao situar o sujeito individual, pensante e racional como centro da mente, contribuiu para a noção de sujeito consciente, da razão e do conhecimento. Locke, ao desenvolver o conceito de mesmidade, influenciou a ideia de um identidade contínua, permanente. Pensava-se em um ser indivisível, unificado e centrado. Ele era dotado de um centro, de um núcleo interior, presente desde o

nascimento, que se desenvolvia, mas que permanecia, em essência, o mesmo durante toda a existência. Este centro constituiria sua identidade.

Contudo, a sociedade moderna cresceu, desenvolveu relações mais complexas e observou-se que a identidade não poderia se desenvolver senão mediante a interação social. Os “valores, sentidos e símbolos” (HALL, 2005, p.11) que constituem as identidades dão se por meio da interação do sujeito com o meio em que vive. Esta é a segunda concepção de identidade, a sociológica.

De acordo com essa concepção, a identidade se dá no espaço que medeia as relações do mundo exterior com o mundo interior. Projeta-se o interior, nós mesmos, no exterior, nas identidades culturais existentes na sociedade, e, simultaneamente, interioriza-se os significados e os valores dessa cultura. Desta maneira, alinha-se os “os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2005, p.12). É por meio da identidade que o sujeito é “costurado” à estrutura, que estabiliza o sujeito e os mundos culturais e os torna mais “unificados e predizíveis” (idem).

Atualmente, essa concepção de identidade unificada e permanente está sendo questionada. Compreende-se o sujeito constituído não apenas por uma única identidade, fixa, rígida e estável, mas por várias identidades, as quais podem ser, inclusive, contraditórias ou que não estão resolvidas.

Como já foi dito, os antigos modelos de identidades que conformavam a subjetividade à objetividade cultural estão em crise, em deslocamento, em razão das mudanças ocorridas nas estruturas e instituições sociais. É característico do processo de identificação, de subjetivação, de projeção do eu nas identidades culturais, o “provisório, variável e problemático” (HALL, 2005, p.12).

A identidade está em constante formação e transformação, conforme a maneira pela qual “somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13,). Se o meio em que nos encontramos é regido, predominantemente, por sistemas tradicionais, é provável que a boa parte de nossas identificações sigam este perfil. Se entrarmos em contato com outros tipos de sistemas, como os menos convencionais, por exemplo, é possível que novas identificações se desenvolvam.

Isto é dado historicamente pois o “sujeito assume diferentes identidades, em diferentes momentos” (idem). Elas não se unificam “em torno de um “eu” coerente” (HALL, 2005, p. 13), há aquelas que entram em contradição com outras, que se

movimentam em direções distintas, logo, as identificações estão sempre sendo deslocadas.

O teórico faz uma crítica bastante incisiva aos que pensam a identidade “completamente unificada, completa, segura e coerente” (HALL, 2005, p. 13), ele diz que isso é fantasioso. Seria muito cômodo e confortável pensar em uma identidade uniforme, fechada e plena, mas isso é ilusão. Ele reitera que à medida em que são multiplicados os sistemas de significação e de representação cultural, confrontamos possibilidades diversas de identidades.

A teoria social e as ciências humanas tiveram importantes avanços durante a modernidade tardia (período compreendido a partir da segunda metade do século XX). Dentre esses avanços, pelo menos cinco foram fundamentais para o descentramento do sujeito cartesiano.

O primeiro avanço se refere a releitura dos escritos de Marx. O indivíduo não poderia ser um agente individual, ele não poderia ser um autor independente da história. Ele nasce sob condições criadas por outros e age a partir delas, a partir de recursos materiais e culturais produzidos pelas gerações que o antecederam. Deste modo, Hall (2005), partilhando do pensamento althusseriano, discorre que é um equívoco pensar em uma essência, em um identidade universal e que é atributo de cada indivíduo.

O segundo avanço refere-se ao escritos de Freud e de Lacan sobre o inconsciente. Na teoria freudiana, tal como abordada por Hall, os “processos psíquicos e simbólicos do inconsciente” são a base da formação das identidades, da sexualidade e da estrutura dos desejos (HALL, 2005, p.36). Assim, a subjetividade é resultado desses processos psíquicos do inconsciente.

Segundo a concepção lacaniana, a criança que ainda não está coordenada não vê sua imagem como pessoa inteira. Ela aprende este eu inteiro e unificado de forma gradual, parcial e dificultosa. Essa imagem inicia sua formação na primeira infância, na fase do espelho, a partir da relação com as outras pessoas, em meio a negociações psíquicas inconscientes e complexas.

Durante a formação do eu pelo olhar do Outro, a criança dá entrada na relação com os sistemas simbólicos externos. Esses sistemas são “a língua, a cultura e diferença sexual” (HALL, 2005, p. 38). A entrada nesses sistemas simbólicos é difícil e é marcada por sentimentos em contradição e não resolvidos. São eles: “amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso

para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre sua parte “boa” e “má”, a negação de parte masculina ou feminina e assim por diante” (idem).

Esses sentimentos contraditórios e não-resolvidos são relevantes na formação do sujeito e o deixam dividido. É devido a esta realidade que a identidade é contraditória, pois em sua origem, ela é marcada pela contradição e pela divisão. E mesmo o sujeito sendo dividido, ele pensa a sua identidade como unificada e completa. Este tipo de pensamento se deve pela fantasia formada na fase do espelho, a fantasia de uma pessoa unificada.

Hall (2005) acrescenta que nossa identidade está em constante formação pela falta, pela não completude do sujeito. Tenta-se preencher esse espaço pelas formas externas pelas quais pensamos sermos vistos pelos outros. A busca pela identidade, pela plenitude do sujeito continua. Constrói-se “biografias que tecem as diferentes partes dos nossos eu divididos numa unidade” (HALL, 2005, p. 37) pois há um prazer na fantasia da completude.

O terceiro avanço se refere às contribuições linguísticas de Saussure. Ao conceituar a língua como um sistema social e não individual, o linguista a localiza em um espaço pré-existente ao falante. Para que se faça compreensível, o sujeito deve se adequar às regras da língua e aos sistemas de significados de sua cultura. Logo, ele não pode ser o “autor” do que diz ou dos significados de sua fala.

Outro fato importante é que os significados não são fixos. Eles são dados a partir das relações de similaridade e de diferença entre os signos linguísticos. Tenta-se estabilizá-los, dar-lhes uma identidade, mas eles estão em constante movimento e são confrontados pela diferença. As palavras estão sujeitas a outros significados, não temos controle. Se eles não podem ser fixos, a identidade também não (DERRIDA (1981) apud HALL (2005)).

O quarto avanço está na contribuição de Foucault sobre o sujeito moderno. O historiador e filósofo compreendeu que, a partir do surgimento de novas instituições coletivas, uma nova forma de poder se instaurava, a de poder disciplinar. Este se baseia no poder de regimes administrativos, em conhecimentos especializados e nas Ciências Sociais. Seu objetivo é controlar o modo de viver, de agir, de trabalhar, de sentir prazer, de se comportar sexualmente, de se manter íntegro física e moralmente, entre outras coisas. Vigia-se a população, o indivíduo e o corpo. Individualiza-se mais o sujeito para que possa exercer maior vigilância e controle sobre ele e sobre a sociedade.

O quinto avanço foi dado pelos movimentos feministas. Junto com os outros movimentos sociais (LGBT, negro, antibelicista) instaurou-se historicamente a política de identidade para estes grupos. Relacionou-se o interior e o exterior, o particular e o público, as questões pessoais também assumiram cunho político. Foi um período de forte politização sobre várias áreas: familiar, sexual, de divisão do trabalho doméstico, do cuidado com os filhos entre outras. Problematizou-se ainda a maneira generalizada pela qual se forma e se produz o sujeito. A “subjetividade, a identidade e os processos de identificação” (HALL, 2005, p. 45) foram, deste modo, politizados, inclusive as identidades sexuais e de gênero.

2.1.2 Identidades flutuantes

Conforme Bauman (2005), há dois tipos de comunidade, a “de vida e de destino” (BAUMAN, 2005, p.17), na qual os sujeitos vivem juntos e absolutamente ligados, e há aquelas que são formadas pela fusão de ideias e princípios. Em um mundo diversificado e policultural, com tantas ideias a respeito de algo, uma delas se manterá unida à comunidade que aderiu a ela.

Noções de pertencimento e identidade não devem ser concebidas como constituintes rígidos, sólidos, homogêneos e permanentes. São variáveis conforme o contexto de cada um. O tempo muda, as afetações são diferentes e tais constituintes da subjetividade podem ser negociados, revogados. Passa-se por diversas comunidades de ideias e de princípios, como designa Bauman (2005), e é difícil exigir solidez e continuidade na identidade. O pertencimento tem, contudo, ainda o caráter de destino e de única condição, se aproxima da ideia tradicional de identidade.

O autor supracitado pensa a identidade como uma condição ambivalente. A toda hora o indivíduo (sujeito para a Análise do discurso) está diante de escolhas que, por vezes, são conflitantes; precisa sempre ponderar, escolher, negociar. Para ele, há uma flutuação de identidades, algumas mais próprias do sujeito, outras postas pelas pessoas (pelo social).

Este sociólogo sugere que se dê atenção especial para as identidades que são escolhas do indivíduo. Entende-se aqui que Bauman valoriza uma posição mais ativa durante a subjetivação. A teoria deste autor é que quanto mais se praticar e se

dominar as difíceis habilidades de enfrentamento dessa condição ambivalente, “menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos” (BAUMAN, 2005, p. 19-20). Observa-se a tentativa de uma conscientização da identidade fragmentada e em constante construção e de um sujeito que não é homogêneo e sim contraditório.

Bauman (2005) caracteriza o período em que vivemos como um mundo moderno líquido, de movimento, velocidade e aceleração. Uma estrutura de referência rígida, imutável, permanente e atemporal é uma pretensão infundada. Essa estrutura é também insatisfatória pois não permite com facilidade a inserção de novos conteúdos, nem a acomodação de novas identidades. A identidade está sempre em construção. Ela não é simplesmente dada e absorvida, é construída a partir de alternativas.

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração não constituem opções promissoras. (BAUMAN, 2015, p.60)

2.2 Identidade e sexualidade

Segundo Judith Butler (2016), é por meio do discurso e de práticas reguladoras que a identidade é construída. No que se refere a sexo, gênero, desejo e prática sexual é imposto e exigido pela sociedade que o sujeito mantenha a relação de coerência entre eles. Homem deve pensar, agir e desejar “como homem” e mulher deve pensar, agir e desejar “como mulher”. Simone de Beauvoir (2016) descreve as práticas sociais impostas desde à infância à criança para que ela aja segundo o padrão de gênero idealizado para aquele sexo. A rede social *Facebook* é um lugar de circulação de discursos e de práticas reguladoras de gênero. É um dos espaços de promoção da subjetividade e por meio do qual as identidades são constituídas. Deste modo, os textos que nele circulam, servem-nos de materialidade para análise do discurso acerca da sexualidade feminina e da constituição identitária a respeito dessa sexualidade.

2.2.1 Identidades de gênero

Butler (2016) problematiza as noções de sexo, gênero e desejo. Ela sugere que a ideia “natural” que se tem sobre sexo é construída discursivamente, por discursos científicos, a fim de atenderem determinados fins políticos e sociais. Assim, essa noção sobre sexo é colocada no campo do pré-discursivo, “anterior a cultura”, de modo que assegura a sua “estabilidade interna” e a sua “estrutura binária”.

A partir da concepção de construção discursiva do sexo, ou seja, como uma construção social e não um fato imutável da natureza, a autora sugere que, desde o princípio, “o sexo sempre tenha sido o gênero” (BUTLER, 2016, p.24). Desta maneira, não caberia pensar o gênero apenas como inscrição cultural do sexo, mas o aparato de produção pelo qual ele se estabelece:

Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele é também o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior a cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura. (BUTLER, 2016, p. 24)

Sob essa perspectiva, o gênero também é construído. A maneira como é construído, pela cultura hegemônica, acarreta um determinismo social excludente de possibilidades agentes e transformadoras e o corpo é tido como simples recipiente de certa lei cultural.

Conforme Butler (2016), a concepção beauvoiriana compreende que há um agente na construção do gênero, contudo, essa construção é dada a partir de uma cultura compulsória. Faz parte dessa cultura, o pensamento “lógico” de estruturas binárias e é pelo discurso que se condiciona a experiência do gênero.

A teoria feminista humanista distingue-se da teoria social do gênero. A primeira concebe “o gênero como um atributo da pessoa” (BUTLER, 2016, p.32) em que ela é esse núcleo que comporta um gênero preestabelecido. Comporta características universais “de razão, moral, deliberação moral ou linguagem” (*idem*). O problema desta teoria está em não considerar os fatores históricos e sociais que se relacionam e determinam a construção do gênero. Nisso, se distingue da segunda. Em razão desses fatores, não se pode pretender identidades universais. Elas não são iguais, permanentes ou estão, necessariamente, unificadas e coerentes e entre si.

Butler (2016) ainda chama atenção para outros fatores que fazem parte da construção da identidade. As práticas que regulam a formação e a divisão do gênero, por exemplo, em que medida, elas constituem a identidade? De que maneira elas formam a coerência do sujeito? Como controlam a noção de identidade?

A autora sugere que a identidade é mais um ideal normativo que uma descrição da experiência da pessoa. As características de coerência e continuidade exigidas são normas de inteligibilidade. Tais normas são instituídas e mantidas pelo social, “não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa” (BUTLER, 2016, p. 43). Essa identidade é ainda subsidiada “por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade” (*idem*) e, portanto, os que fogem a estas concepções, a estas coerências, encontram-se em não conformidade com o padrão estabelecido.

Como já foi tratado anteriormente, para Butler (2016), são as práticas reguladoras que produzem as identidades. Estas devem ser coerentes. A construção dessas identidades se dá a partir de uma matriz de normas dos gêneros, os quais também devem ter a característica da coerência e da continuidade nas relações entre “sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2016, p. 43). Os gêneros que mantêm essas relações de coerência são chamados de “gêneros inteligíveis”.

Sob este ponto de vista, a forma e o significado atribuídos à sexualidade devem corresponder ao que as leis culturais estabelecem como coerente. O desejo sexual, via prática sexual, deve corresponder ao que as normas impõem como coerente ao “sexo biológico” e ao “gênero cultural”. Ocorre que o desejo, ao ser heterossexualizado, produz oposições não-simétricas e discriminadas entre masculino e feminino, os quais “equivalem”, respectivamente, ao macho e à fêmea.

Concebe-se aqui a identidade como “efeito de discursivas práticas” (BUTLER, 2016, p.45). É necessário observar, em que medida, essas práticas são reguladoras e são, predominante e compulsoriamente, heterossexuais no que se refere à identidade de gênero.

Conforme Foucault *apud* Butler (2016), a identidade é um princípio cultural, caracterizada pela ordem e pela hierarquia. Esse princípio, como percebe-se, não é de ordem natural, causal, é arbitrário. É uma ficção reguladora.

O regime de sexualidade, historicamente construído, regula e rege a experiência sexual. A maneira pela qual regula essa experiência é por meio da

categorização distinta, binária e opositora do sexo. O que parece ser relação de causa entre sexo, experiência sexual, comportamento e desejo, é, na realidade, efeito desse modo de regime. Essa aparente relação causal, compulsoriamente heterossexualizada, é produzida pelo discurso naturalista e a partir da metafísica da substância.

Se a noção de uma substância permanente é uma construção fictícia, produzida pela ordenação compulsória, de atributos em sequências de gênero coerentes, então o gênero como substância, a viabilidade de *homem* e *mulher* como substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais ou causais de inteligibilidade. (BUTLER, 2016, p. 55)

Assim, linhas de coerência, estabelecidas pela cultura, regulam atributos, os quais geram uma “aparência de substância permanente ou de um eu com traços de gênero” (*idem*). O efeito substantivo do gênero é performance posta pelas práticas que o regulam.

Estas concepções permitem pensar performances “não coerentes” aos “gêneros de inteligibilidade” como as de homossexuais, de hermafroditas, de transgêneros, bem como as de heterossexuais que fogem a este padrão de coerência. A sociedade, por meio da cultura e dos discursos, estabelecem as práticas “femininas” e “masculinas”. Agir diferente do estabelecido, é ser “incoerente”, “errado”.

Mulheres precisam ter atitudes “de mulher”, “comportamento feminino” e não masculino. Desse modo, desde antes do nascimento até à velhice, homens e mulheres são enquadrados dentro de padrões. Há cores, brincadeiras, linguagens e comportamentos “certos” para cada um dos gêneros.

Pela perspectiva psicanalítica lacaniana, a distinção binária que se faz entre os sexos não é uma simples fundação da metafísica da substância. A lei “em nome do Pai” produz uma construção fictícia do “sujeito” masculino. Esta lei simbólica proíbe o incesto e estabelece as relações de parentesco. Ela faz a separação entre filho e mãe, bem como a proibição do desejo que a menina possui pela mãe e pelo pai. Da menina, ela exige que assuma a função da maternidade e dê continuidade às relações de parentesco. Nisto, há a imposição de “um deslocamento infinito do desejo heterossexualizante (BUTLER, 2016, p.60). Segundo esta concepção, o feminino não é a marca do sujeito, ele é uma falta. Simbolicamente ele se

manifestará por meio de “regras linguísticas diferenciais” (BUTLER, 2016, p.61) que conseqüentemente criam distinção sexual.

As leis de proibição instituem as posições de masculino e feminino e produzem os gêneros culturalmente inteligíveis. A produção dessa sexualidade inconsciente retorna no campo do imaginário. O inconsciente funciona como sede de uma sexualidade recalcada, a qual aparece via discurso “como a própria impossibilidade de sua coerência” (BUTLER, 2016, p.62). Pelo discurso, é possível notar a fragilidade da coerência exigida para a identidade sexual.

2.2.2 Mãe de família, uma função social

Desde a infância, práticas reguladoras da sociedade constroem a identidade de gênero. As cores, os brinquedos e os jogos, na maioria das vezes, são oferecidos conforme o sexo da criança. Azul “é de menino”, rosa “é de menina”. Bola, futebol, carros, aviões, super-heróis e corridas são para garotos, boneca e casinha são para garotas.

Para além de simples brincadeiras, neste momento, se desenvolve importantes relações com o mundo e com a subjetividade. O que é oportunizado para os meninos são experiências de ação, de heroísmo, ao passo que para meninas, são de passividade.

Assim a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p.24).

Pela boneca e pela brincadeira de casinha, a menina aprende sua função social, ela será um dia mãe de família e deverá estar preparada para exercer essa função. Cuidará da casa, do marido, dos filhos e de seus pais. Ela cozinhará: brinca-se então de comidinha, com todos os jogos de panelinha, fogão e geladeira. Será também responsável pela educação dos filhos – a criança profere para a boneca uma série de ordens que ouve sua mãe dizer. Nessas brincadeiras, o pai está sempre fora trabalhando ou aparece em cenas breves de reunião em família ou mesmo de coerção.

Dentro de casa, depois do pai, a mãe é a figura principal. Na ausência dele, ela exerce autoridade máxima e isso lhe é prestigioso. Por esse motivo, as meninas, mais tarde, ao brincarem com irmãos ou coleguinhas, se sentem enobrecidas na posição que ocupam. Em casa elas são a “rainha do lar”:

O fato é que ela se sente precoce, que se sente lisonjeada por desempenhar junto dos irmãos mais jovens o papel de “mãezinha”; torna-se facilmente importante, fala sensatamente, dá ordens, assume ar de superioridade sobre os irmãos encerrados no círculo infantil, fala com a mãe em pé de igualdade (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p.31).

E ao brincar de enfeitar a boneca, a menina manifesta a projeção que faz de si mesma, como uma bela boneca ou princesa que é e que deve receber cuidados e proteção. Além de bela, deve ser gentil, meiga, dócil, educada e amável:

Por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras “bonita” e “feia”; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser “bonita como uma imagem”; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p. 23)

Como é possível perceber, as brincadeiras e as literaturas constroem uma identidade feminina em que se valoriza o belo e o recatado. A partir daí tem-se discursos com “Bela, recatada e do lar”, reforçando esse padrão de identidade e ao mesmo tempo controlando identidades subversivas.

Ao crescer, é da adolescente que se exige a aprendizagem e a execução das atividades domésticas. Ela deve aprender, pois um dia “vai casar”, “deve saber cuidar da sua própria casa e da sua própria família”. São esses os discursos que comumente a menina ouve das mães, das tias e das avós.

Garotos, normalmente, são poupados dessa cobrança. A cobrança que lhe fazem é outra, de “estudar para ter um bom emprego e poderem sustentar a família”, este é o seu papel. “O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita sua virilidade e ele lhe escapa desde logo; ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino” (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p.25).

Com todos os avanços na história da mulher ocidental, o peso da tradição do casamento ainda é forte. O modelo ainda é o heterossexual e patriarcal com toda divisão de papel entre marido e mulher, pai e mãe que lhes é próprio. O homem é o “provedor” e deve ter comportamentos ativos, enquanto a mulher é a submissa a sua

“autoridade”, é a “coadjuvante”, a “auxiliar”. Todas essas características lhes conferem boa valoração. Por mais que estude, trabalhe e seja bem sucedida, espera-se da mulher que ela seja “respeitável”, que se case e mantenha-se “obediente”.

O casamento não é apenas a carreira mais honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe.

(...) Em verdade, não é de uma inferioridade dada que provém sua humildade, esta, ao contrário, é que engendra todas as insuficiências; tem sua fonte no passado da adolescente, na sociedade que a cerca, e, precisamente, nesse futuro que lhe é proposto. (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p.76).

Dentro dessa lógica conservadora e machista, a exploração da sexualidade é mais compassiva com o homem do que com a mulher. O garoto possui o falo e desde bebê o explora, seu corpo não é um tabu como é o das meninas. Para as garotas tudo é mais coibido, até o conhecimento do que é, de fato, a menstruação ou a relação sexual. O tópico a seguir, apresentará de que maneira a sexualidade feminina é construída para manter estas relações desiguais entre homens e mulheres.

2.2.3 Opressão e passividade, marcas na formação da sexualidade feminina

A relação com a sexualidade se dá de modo diferente entre eles. Ao jovem é permitido masturbar-se, assistir a filmes eróticos, ter relações com várias garotas, entre outras atividades. Tudo isso é “coisa de homem”, “de macho”, é positivamente valorizado entre o gênero. Muitas mulheres não concordam que seus namorados ou esposos possam se relacionar com outras, mas muitas aceitam esta situação argumentando que “é natural” deles.

Tanto mulheres, de um modo geral, como homens não entendem da mesma maneira as práticas acima descritas para o gênero feminino. Imputam-lhe muito mais a ideia de culpa, erro, pecado e impureza. Por vezes, seu prazer sexual se inicia como clandestino. “A moça pode conseguir assumir seus desejos, mas eles guardam, na maioria das vezes, um caráter vergonhoso. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço” (BEAUVOIR, 2016, v. 2, p.79). Explorar ativamente sua sexualidade não condiz com a identidade de gênero estabelecida pelo e no social.

A menina é ensinada a não tomar iniciativas nas relações amorosas, “não fica bem”, “eles não gostam” de garotas com atitudes masculinas, veem de outra maneira. Ela deve reprimir a espontaneidade, o desejo, a ação e conseqüentemente, uma parte de sua subjetividade. Tomar a iniciativa é por muitos ainda tido com desconfiança.

Se relacionar ou ter se relacionado com vários parceiros para mulher não é positivo. São taxadas de “sem vergonhas”, “safadas”, “vagabundas”, “putas”, entre outros adjetivos pejorativos. Agir assim, ou menos que isso, usar roupas muito sensuais, por exemplo, não é comportamento de uma “mulher de verdade”, que “se dá o respeito”. Esta “não é para casar”, não serve para cumprir seu destino. A própria mulher pensa-se assim diante de seus desejos sexuais:

A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente aos homens o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada ao casamento: para ela o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua “honra”; se “cede”, se “cai” suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. (BEAUVOIR, 2016, v.2, p. 126)

A mulher foi educada para uma sexualidade passiva. Deseja ser desejo, mas na construção místico-romantizada da mulher feminina e não enquanto carne: “Quer ser o tesouro um fascinante, não uma coisa a ser possuída. Gosta de apresenta-se como um maravilhoso fetiche carregado de eflúvios mágicos, e não se encarar como carne que se deixa ver” (BEAUVOIR, 2016, v.2, p. 126). É a princesa e não a voluptuosa. São essas identidades excludentes que a enquadram segundo seus comportamentos.

Contudo, a mulher sente desejos e tem necessidade de liberdade. Alguns fatores históricos como a sua integração no trabalho fora de casa, maior circulação em ambientes públicos, maior socialização e escolarização, aos poucos, foram lhe trazendo possibilidades de experiências mais autônomas, mais ousadas e até mais livres sexualmente. Os preconceitos, os tabus e a culpabilidade ainda se fazem presentes, por isso urge o debate crítico sobre a situação da mulher.

2.2.4 Redes sociais e a formação da identidade coletiva

De acordo com Mazer (2013), o período pós moderno é marcado pela promoção da subjetividade. Com o avanço tecnológico e um maior acesso aos meios de comunicação, indivíduos (sujeitos para a Análise do discurso, pois se posicionam e falam a partir desta posição) divulgam “suas mais íntimas características como se fosse de interesse público, ocupando principalmente os espaços de Cibercultura” (MAZER, 2013, p. 53).

A autora retoma o conceito de Cibercultura, desenvolvido por Pierre Lévy (1999), o qual se refere ao espaço de interação promovido pela realidade virtual. Nele, técnicas materiais e intelectuais, práticas, ações, modos de pensar e valores são desenvolvidos juntos com o crescimento do ciberespaço.

As redes sociais, como o *Facebook*, são exemplos de ciberespaços, são lugares de ciberculturas. Nelas, imagens, ideias, sentidos e valores são propagados, estabelecendo entre si as mais variadas relações: de aproximação, de identificação, de conflito, de competição, de dominação, de exclusão, entre outras. Pela materialidade discursiva dos *posts* (publicações em textos escritos ou mistos dessas redes) é possível analisar os efeitos de sentidos produzidos pelos discursos e as relações de poder existentes.

Esse é tanto um espaço de promoção da subjetividade como da constituição de identidades. Imagens são construídas e servem de modelos simbólicos para a construção dessas identidades. Por meio dos discursos presentes nos *posts*, observa-se as imagens construídas acerca das mulheres, os sentidos atribuídos a elas, os valores da sociedade e as relações de poder a partir dos quais as identidades são formadas.

Tomando por base os estudos de Mazer (2013) sobre a imprensa, é possível pensar as redes sociais como outro suporte midiático que não apenas comunica, mas que age como um aparelho ideológico do Estado. Segundo a autora supracitada, jornais e revistas produzem modelos simbólicos que podem tanto reforçar a divisão sexual quanto podem ajudar a romper essa ideia segregadora sobre gênero. As redes sociais também têm sido espaço de circulação e de disputa entre esses modelos.

Bourdieu (1998) *apud* Mazer (2013) discorre sobre a violência simbólica que a mulher sofre. Essa violência consiste em uma forma de poder, que impõe significações como se fossem legítimas para “dissimular as relações de força que sustentam a própria força” (MAZER, 2013, p. 36,) entre dominador e dominado. A

violência se dá de modo inconsciente entre estes, por meio da condescendência e da permissividade. Uma maneira especial dessa violência é a dominação masculina, a qual pode ser observada em discursos machistas, inclusive em discursos cujo sujeito é feminino.

Na sociedade capitalista, a sociedade do consumo e do desejo, o poder político e econômico é majoritariamente masculino e patriarcal. Logo, as práticas reguladoras de gênero e as normas que regem essas práticas são perpassadas por valores patriarcais a fim de garantirem a manutenção desse tipo de sociedade. Boa parte dessas práticas e valores são passados por mulheres, por mães, tias e avós, por exemplo, as quais foram criadas e formadas dentro deste regime e dentro dele criam e mantêm as gerações futuras.

Nesse contexto, o lugar da mulher permanece no lugar de subordinação ao homem. Ele “deve” exercer a liderança, deve governar, pois ele “sabe o que é melhor para “todos”; é para ele que devem ser os comportamentos dela. Muitas vezes e inconscientemente, acaba-se por forjar uma identidade feminina como se ela fosse a única possível, correta e feliz, no caso, a que é apta para o casamento heterossexual. Ela deve ser “respeitável”, “ter valor”, “ter honra”, “digna” de ser “uma mãe de família”, de “uma boa esposa”. A violência simbólica é exercida por meio desses discursos, pois eles não dão espaços para outros, pelo contrário, por vezes, o aniquilam.

A subordinação, ligada a juízos patriarcais e de dominação econômica masculina, estaria de tal maneira intrínseca ao pensamento social, que comprometeria a sua percepção. Ou, como considera Bourdieu, seria “uma violência suave, invisível às suas próprias vítimas” (1998). Assim, a mulher condescendente torna-se vetor da mercantilização entre o corpo-imagem feminino e o espaço midiático, subordinado aos desejos de uma sociedade capitalista e patriarcal. (MAZER, 2013, p. 37)

Estes discursos revelam as relações de poder díspares entre homem e mulher. Os discursos não só revelam essas relações, mas podem mantê-las ou permitir sua ruptura. Em muitos *posts* de *Facebook*, nota-se o embate entre discursos conservadores acerca da identidade da mulher e discurso pós-modernos, menos tradicionais, em maior rompimento com os padrões vigentes.

Há outros modos de ser, de pensar e de viver, portanto, há outras possibilidades de identidades. Hoje em dia, há as que sonham em casar e construir um lar e uma família; há as que pensam nisso, mas não como algo essencial de

suas vidas; há as que pensam esta construção de outras maneiras e há as que não pensam em casar ou em ter filhos.

Os discursos sobre estas outras maneiras de ser e de viver circulam em programas de televisão, filmes, séries, revistas, jornais e também nas redes sociais. Nesta última, observa-se bem o embate entre esses diferentes discursos sobre a identidade da mulher, sobre “como ela deve ser”, “qual é o melhor modo”. Há tanto os discursos autoritários, oriundo de formações discursivas machistas ou feministas, quanto há os polêmicos, os quais permitem uma maior negociação para a constituição das identidades.

Em uma época com grande acesso à tecnologia digital, as redes sociais funcionam tanto como espaços de *cibercultura*, como importante aparelho ideológico e veículo de massa no qual se constituem e se propagam identidades coletivas. Marcadas pela promoção da subjetividade, é importante analisar de que maneiras essa subjetividade está sendo construída, quais identidades estão sendo formadas e transformadas por meio dos discursos presentes nesse espaço, sobretudo, no que se refere ao campo da sexualidade feminina brasileira.

3

A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

A Análise do Discurso (A.D.) é um campo de saber constituído a partir da articulação do Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise. Para que possamos compreender essa articulação, dividimos o capítulo em duas seções. A primeira se destina a apresentar o contexto de emergência da A.D. de linha francesa e a segunda abordará a apresentação da teoria de Análise do Discurso, dos conceitos essenciais que a constituem e que subsidiam a metodologia desta pesquisa.

3.1 Contexto de emergência da Análise do Discurso

A fim de que possamos compreender o contexto de emergência e constituição da Análise do Discurso francesa, trataremos a seguir sobre acontecimentos teóricos das ciências sociais e humanas que foram determinantes para o estabelecimento para este campo do saber. Narzetti (2012) chama a atenção para três deles: o estruturalismo como advento cultural, cujos paradigmas foram ampliados para além da Linguística, alcançando também outras ciências humanas e sociais; o desenvolvimento da teoria marxista e da teoria psicanalítica freudiana a partir de releituras efetuadas, respectivamente, por Althusser e Lacan; e a proposta de trazer para o âmbito das ciências humanas “uma epistemologia e uma história das ciências” (NARZETTI, 2012, p.22) que considerasse a problemática da descontinuidade que lhes assinala.

3.1.1 O advento do Estruturalismo

Em conformidade com Foucault apud Narzetti (2012), nesta época, as Ciências Sociais passavam por um processo de ruptura teórico-metodológica. Uma das grandes correntes teóricas responsáveis por essa ruptura foi o Estruturalismo. Ele surgiu nos anos de 1920, a partir dos trabalhos realizados pelo Círculo de Praga sobre os conceitos do linguista genebrino, Fernand de Saussure, por meio da sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*. Nos 60, os estudos estruturalistas estabeleceram a Linguística como ciência. Tal ciência alcançara notórios progressos e passou a influenciar a renovação de outros campos do saber.

Isto se justifica pelas possibilidades epistemológicas que ela lhes ofereceu. Conforme Foucault apud Narzetti (2012), deixava-se a análise atomizada dos conjuntos de elementos e instituía-se relações sistemáticas sobre eles. Estas relações também deixavam de ser vistas como causalidades e passavam a ser consideradas sob seu funcionamento lógico. Por último, propunha-se um estudo sincrônico dos fatos.

Com estas contribuições, diversos campos puderam renovar o método de estudo de seus objetos. Narzetti (2012) sintetiza os principais estudos feitos nesses campos a partir da influência estruturalista de Saussure. Na Antropologia, Claude Lévi-Strauss, fez uma abordagem estrutural e sistemática das relações de parentesco e de organização social, dos mitos e da culinária de um povo. Na Psicanálise, Jacques Lacan concebeu o inconsciente estruturado como linguagem, em que os significantes que o constituem se relacionam em cadeias de metáfora e de metonímia. Na Semiologia, Rolan Barthes, analisou diversos elementos como moda, fotografia, publicidade, literatura, entre outros, sob a perspectiva estrutural.

De acordo com Narzetti (2012), o estruturalismo deslocou a concepção vigente de sujeito, de história e de sentido. Até então, predominava uma concepção humanista de sujeito. A partir dele, procurava-se explicar os fatos históricos, os sociais e os sistemas de signos, por exemplo. Pensava-se o sujeito como a origem desses fatos, a causa deles e como se, por meio desse sujeito/fonte, fosse possível compreender os fatos supramencionados. A história também era vista em uma relação de linearidade, continuidade, homogeneidade e teleologia. Concebia-se o sentido “como dado nas coisas em si mesmas” (NARZETTI, 2012, p. 23) ou ainda, conforme a intenção do sujeito.

Com o advento do estruturalismo, deslocou-se a “primazia do sujeito, da história e do sentido” (*idem*) para a primazia das relações estruturais, sistêmicas e discursivas. A partir de Foucault, Narzetti (2012) explica os efeitos destes deslocamentos. Primeiramente, foi a noção de sentido, o qual passou a ser compreendido como um efeito de superfície das relações existentes nos sistemas de signos. Depois, foi que os estudos destas relações, bem como os estudos sobre estruturas sociais, deveriam ser feitos com base na lógica e no funcionamento interno dessas estruturas e relações e não mais em sujeito “consciente” e intencional, em um sujeito origem da história e do sentido. Conforme foi dito anteriormente, a primazia agora estava sobre as estruturas e os sistemas, eles

constituíam o sujeito antes de por ele serem constituídos. Essa espécie de assujeitamento é inconsciente. O que chega à superfície como efeito de sentido não são as intenções do sujeito sobre o que ele quer dizer, mas são efeitos produzidos a partir das relações de sistemas e estruturas que o constituem como “a língua, a história, o inconsciente, a cultura, as relações sociais” (NARZETTI, 2012, p. 24). Por fim, houve mudança na compreensão do funcionamento da história. Em consonância com Foucault (2000B) *apud* Narzetti (2012), o funcionamento da história não era mais compreendido como contínuo, linear, homogêneo e teleológico, mas como descontínuo, marcado por rupturas, por “uma sucessão de acasos derivados dos embates entre forças” (NARZETTI, 2012, p. 24). As mudanças ocorridas na história aconteciam mediante condições e tempos específicos.

Trata-se de buscar não a continuidade infinita de dados fenômenos sociais, teorias, epistemes, ou discursos com base nas noções de tradição, influencia e origem; mas de buscar as discontinuidades, as rupturas, os redirecionamentos. Trata-se de não mais supor uma temporalidade única determinando todos os acontecimentos dos mais variados níveis – econômicos, políticos e teóricos mas de supor tempos distintos para cada um deles, e propor uma história para cada um deles. (NARZETTI, 2012, p. 24)

No campo das ciências sociais, a releitura que Althusser fez do materialismo histórico de Marx foi determinante para a constituição da teoria Análise do Discurso francesa. Conforme Althusser *apud* Freire (2006), para que o *status quo* da *classe dominante* se mantenha, ela reproduz “condições materiais, políticas e ideológicas” (ALTHUSSER *apud* FREIRE, 2006, p.51) que asseguram as relações de produção em dada sociedade (ALTHUSSER *apud* MUSSALIM, 2012). Para Althusser, os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) juntamente com os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE) garantem essas relações.

Faz-se necessário chamar atenção para a concepção de ideologia desenvolvida por este cientista social. Segundo Althusser *apud* Freire (2006), é no interior dos AIE que se manifestam os efeitos das lutas de classe. Para este teórico, a base econômica (*infraestrutura*) de uma sociedade “determina a superestrutura” (ALTHUSSER *apud* MUSSALIM, 2012, p. 116), isto é, determina as suas instâncias políticas, jurídicas e ideológicas. Simultaneamente, a superestrutura determina a infraestrutura, perpetuando a base econômica e as relações de classe. Em conformidade com o autor citado anteriormente, a linguagem é o lugar em que a ideologia se materializa e onde podemos observar seu funcionamento. Este foi um

conceito fundamental para a abordagem que mais tarde a AD faria entre a linguagem e a ideologia. Outro ponto de relevância de sua tese é a interpelação do indivíduo em sujeito feita pela ideologia. As práticas do sujeito estão sempre inseridas em práticas reguladas pelos AIE. A subjetividade ocorre pela ideologia, os sujeitos são históricos e ideológicos (PÊCHEUX apud MUSSALIM, 2012).

O outro pressuposto estruturalista é a psicanálise lacaniana (MUSSALIM, 2012). A autora explica que a descoberta que Freud fez sobre o inconsciente modificou a concepção de sujeito homogêneo. O sujeito passou a ser concebido como clivado em consciente e inconsciente. Articulando as leituras que fez de Freud e de Saussure, Lacan desenvolve então o conceito de inconsciente. Este é estruturado como linguagem, funcionando como cadeia de significantes, e perpassa o discurso. Logo, o discurso é marcado também por um outro discurso, “o discurso do Outro, do inconsciente” (LACAN apud MUSSALIM, 2012, p.119). Para este teórico, a linguagem é a condição do inconsciente e a constituição do sujeito passa pela relação com o inconsciente. Essa concepção de sujeito foi aderida pela AD francesa.

Nos Estados Unidos, em 1969, temos a fundação do Distribucionalismo ou Análise Distribucional de Zellig Harris. Por meio do seu artigo *Discourse analysis*, Harris propôs uma nova unidade de análise, o texto, que ele chamava de “discurso”. Para o linguista norte-americano, o discurso (texto) era constituído por uma sequência de frases (FREIRE,2006), de enunciados (MUSSALIM, 2012). Ele desenvolveu o método da análise transfrástica, ou seja, da relação entre as frases que compõem o texto. As relações existentes entre elas poderiam ser de equivalência, dominância ou substituíbilidade (FREIRE, 2006). Desta maneira, a análise era feita por meio da distribuição dos elementos contido nos enunciados e por meio das relações que esses elementos estabeleciam entre as frases. Este método distribucional permitiu que, posteriormente, a análise discursiva de Dubois evidenciasse o que era regular no discurso e os “os traços dos processos discursivos” (MUSSALIM, 2012, p.128) na análise do discurso pècheuxtiana.

Noam Chomsky deu sequência aos estudos de Harris sobre as transformações e as relações de equivalência com sequências exteriores ao texto (FREIRE, 2006). Assim, Chomsky desenvolveu a teoria da Gramática Gerativista, postulando “a existência de um sistemas de regras internalizadas responsável pela geração de sentenças” (MUSSALIM, 2012, p.129). A autora mostra que uma

analogia entre um sistema de regras internalizadas e condições de produção, em que a primeira determinaria as sentenças geradas e a segunda, os discursos produzidos.

Por meio da exposição feita nesta seção acerca do Estruturalismo, podemos compreender a importância desse advento para a emergência da Análise do Discurso francesa. O desenvolvimento de conceitos como ideologia e sujeito (Materialismo Histórico), de língua (Linguística) e de sujeito e inconsciente (Psicanálise) foram determinantes para o surgimento da AD como um campo do saber das relações entre história, linguagem e sociedade.

3.2 Análise do Discurso francesa

A Análise do Discurso francesa surge na década de 1960, conforme Malidier (2003) apud Narzetti (2012), a partir de dois grupos de pesquisa: o de Jean Dubois e de Michel Pêcheux. O ponto de aproximação desses grupos era o modo como compreendiam a relação entre linguagem e sociedade, partindo dos pressupostos teóricos do materialismo histórico. Para Narzetti (2012), esses dois grupos se distanciavam quanto à adesão aos pressupostos teóricos oriundos da Psicanálise. Apenas o grupo de Pêcheux se apropriou dos conceitos psicanalíticos para a construção de uma teoria do discurso.

3.2.1 Linguística Social

A partir das propostas de Jean Dubois para uma análise do discurso, quem deu sequência a este trabalho foram, especialmente, dois pesquisadores: Marcellesi e Gardin. Eles propuseram uma AD que deveria ser consoante com a Linguística Social (ou sociolinguística). As pesquisas produzidas por seu grupo procuravam relacionar as estruturas linguísticas às estruturas sociais, como mostra Narzetti (2012).

Como já foi abordado anteriormente, a tendência teórico-metodológica vigente até boa parte de 1960 era a do Estruturalismo, posteriormente, a do Gerativismo também. Essas tendências foram criticadas pelo grupo de Marcellesi e Gardin por

não considerarem em suas pesquisas, de fato, o social. Elas não se baseavam em uma teoria cientificamente sociológica como a de Marx. Aqui, Narzetti elucida em que consistia essa teoria:

O marxismo, ao nosso ver, aparece realmente como predecessor privilegiado do grupo de Marcellesi/Gardin, em dois “níveis”. É nos quadros da teoria marxista que se inscreve a concepção de sociedade e de sua história, pensada em termos de contradição, classes e grupos sociais, lutas de classe, ideologia, etc. própria do referido grupo. Mas é também nos quadros da reflexão marxista sobre linguagem em relação com a sociedade assim concebida que se inscreve a Linguística Social. (NARZETTI, 2012, p. 63)

Esta concepção de sociedade, história e linguagem determinou os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Social. Para esta, os fatos e estruturas existentes nas sociedades produziram efeitos na língua e na história, isto é, as mudanças/rupturas linguísticas e históricas davam-se em decorrência das relações sociais. Em razão dessa concepção, o estudo da mudança e da variação se tornou eixo central das pesquisas realizadas por esse grupo.

Baseados na teoria marxista de que a sociedade é composta por grupos sociais, deste modo sendo heterogênea, a língua também foi compreendida desta maneira por estes analistas. Ela foi concebida em sua heterogeneidade; seria formada por normas linguísticas distintas, próprias de cada grupo da sociedade (NARZETTI, 2012). Para eles, os grupos sociais estavam no intermédio entre sociedade global e indivíduos particulares.

A perspectiva da Linguística Social de Marcellesi e Gardin constituiu-se em contraponto à perspectiva do Estruturalismo. Este sofreu diversas críticas daquela. Apontemos as mais relevantes, conforme podemos observar em Narzetti (2012). A primeira delas foi quanto à noção de mudança linguística. Na análise desses autores, a teoria saussuriana via isso como fato negativo uma vez que não promoveria a homogeneização, a unidade e a coesão da língua. Gardin *apud* Narzetti (2012) entendia que Saussure não se interessou em explicar o caráter de mudança da língua devido a abordagem imanente que fazia da mesma. As mudanças linguísticas seriam compreendidas como efeitos de fatores externos à língua e, portanto, não seriam contempladas nessa abordagem.

Ver a mudança como algo negativo implicava evitar estas transformações linguísticas, ou seja, recalá-las, silenciá-las. Significava também, na concepção

destes teóricos, manter ideologias conservadoras por meio da manutenção da língua, por meio de usos linguísticos antigos.

Além disso, anuncia/denuncia as consequências políticas em torno da questão: na medida que as questões sociais se expressam em formas linguísticas novas, elas podem chegar à consciência dos sujeitos; mas as transformações linguísticas são freadas, e as mudanças sociais precisam se expressar em formas linguísticas antigas, o efeito contrário se dá, e as ideologias (conservadoras) se mantêm. (NARZETTI, 2012, p. 62)

De acordo com a autora citada anteriormente, a Linguística social de Marcellesi e Gardin concebia as transformações existentes na língua em sua relação com a história e com a sociedade. Para eles, a luta de classes seria não só o motor da história, mas também da língua, uma vez que promoveria as mudanças linguísticas, as “normas linguísticas” de cada grupo social. Logo, a finalidade de comunicação, normalmente tida como pressuposto teórico pela Linguística estrutural na explicação dos fenômenos linguísticos, não seria suficiente para explicar essa relação entre linguagem, história e sociedade, portanto, ela não seria uma linguística, de fato, social. “Ela supõe a ausência de luta e de contradição” (idem). Em consonância com Kristeva apud Narzetti (2012), não pressupõe os sujeitos-falantes na condição de produtores e de antagonistas, cuja condição determina o discurso e as mudanças na língua.

Desta maneira, podemos observar algumas oposições entre a Linguística Social de Marcellesi e Gardin e o estruturalismo saussuriano. Em relação aos seus objetos, temos o estudo das variações linguísticas (entenda-se como o estudo das variações existentes nas estruturas linguísticas que ocorrem de maneira sistemática), conforme BRIGHT apud NARZETTI (2012). Já a abordagem estrutural tem como objeto a língua (uma língua, uma unidade, um sistema linguístico) e não normas linguísticas (variações). As variações linguísticas são de ordem social e não de fatores imanentes a língua. A abordagem da sociolinguística se baseia no entendimento de uma continuidade entre os níveis da língua, enquanto o estruturalismo faz abordagens do ponto de vista da sincronia. Essa abordagem seria falha porque ao analisar os estados da língua, não se considerava seu caráter social. Isto é, analisava-se extratos linguístico como algumas frases, mas nessa análise, não consideram a historicidade dessas superfícies linguísticas. Não se

considerava suas condições de produção (MARCELLESI e GARDIN apud NARZETTI (2012)). As variações apontavam a mudança nas relações sociais (NARZETTI, 2012). Conforme a autora citada anteriormente, Marcellesi e Gardin compreendiam o estudo dessas variações como um objeto novo para Linguística.

Outro ponto de distinção entre essas duas linhas teóricas é o modo como concebem os falantes. Estes não são vistos nem enquanto indivíduos isolados ou universais, como eram vistos pela inscrição estruturalista, mas particulares, pertencentes a grupos sociais (NARZETTI, 2012). Os grupos sociais eram formados por locutores parciais uma vez que possuíam “uma série de atitudes, uma obra comum a realizar, ou seja, uma unidade de atitudes, obras e condutas” (NARZETTI, 2012, p. 60). Estes grupos possuiriam normas linguísticas e discursos diferentes entre si.

Narzetti (2012) aponta algumas críticas feitas pelo grupo de Marcellesi e Gardin a Saussure. Para eles, a definição da língua enquanto instituição social e dos signos que a constituem como arbitrário fez com que a metodologia do estruturalismo fosse uma abordagem imanente da língua, desconsiderando sua realidade social, sua natureza social. Na visão desses sociolinguistas, Saussure embasou a dicotomia língua/fala na dicotomia sociológica de Durkheim e Tarde de sociedade/indivíduo. O efeito disso é a concepção da língua como o elemento pertencente ao nível social e de caráter universal, e a fala como pertencente ao nível individual. Nesta abordagem não está presente a concepção de Marx sobre sociedade, sobre os grupos sociais que a compõem e que a constituem, segundo aqueles sociolinguistas, o nível intermediário entre sociedade e indivíduo. Ao não levar em conta os grupos sociais e as diferentes normas existentes, o que o estruturalismo fez foi a abordagem sobre a uma norma apenas. O conceito de língua apaga a existência do conceito de normas linguísticas e da existência de uma variedade de normas. E, além disso, o que sustenta o conceito saussuriano de língua é a ideologia burguesa da universalidade. Assim, a Linguística derivada de Saussure é uma Linguística que tem por objeto exclusivo a norma (definida como *língua*) do grupo dominante.

3.2.2 Pêcheux e a constituição de uma teoria do discurso

Althusser apud Narzetti (2012) propunha que os conceitos desenvolvidos por Marx em sua teoria sobre o modo de produção capitalista fossem aplicados no “estudo de outras realidades sociais, distintas da economia, para explicar a sociedade em todas as suas partes” (NARZETTI, 2012, p.39). Esse estudo deveria passar por reformulações e ampliações de acordo com seu objeto de estudo. Assim, faziam-se necessários a aplicação e o desenvolvimento dos pressupostos marxistas no que se referia aos estudos da formação social em nos níveis de sua superestrutura, isto é, no jurídico-político e no ideológico.

Conforme Narzetti (2012), para além de um projeto epistemológico, Althusser tinha um projeto político, almejava não só uma revolução científica, mas uma revolução social que emancipasse a classe explorada. Isto só seria possível por meio da ciência, a ciência da história, que forneceria uma nova ideologia ao proletariado, ideologia necessária para sua emancipação.

Este empreendimento teórico-político encontrou, em sua contemporaneidade, resistência por parte das ciências sociais tradicionais. Althusser apud Narzetti (2012) explica que essas ciências eram responsáveis por manter as relações de produção capitalista que existiam na sociedade. Logo, se objetavam contra a revolução do proletariado. Dentre os pesquisadores que partilhavam deste empreendimento, estava Michel Pêcheux. Ele foi um aluno de Louis Althusser que deu continuidade teórica a alguns estudos iniciados pelo filósofo como os que compreenderam a distinção entre ciência e ideologia, a finalidade das ciências sociais e à materialidade discursiva das ideologias (NARZETTI, 2012).

Conforme a autora supracitada, Pêcheux partiu de uma revisitação à epistemologia histórica das ciências exatas, desenvolvida por Bachelard, Canguilhem e Cavalliés, e procurou desenvolver o projeto epistemológico que Althusser buscava para as ciências sociais. Pêcheux apud Narzetti (2012) observou que as ciências exatas surgiram a partir de uma ruptura teórico-ideológica com ideologias de seus campos. Percebeu ainda que, o que tornou possível a descoberta de novos objetos para essas ciências foi o uso que elas faziam de instrumentos técnicos em suas práticas. Narzetti (2012) cita como exemplo a luneta nos estudos da navegação, vejamos:

Por exemplo a luneta, instrumento técnico de navegação, permitiu ver novos objetos antes não vistos, os quais suscitaram uma redefinição dos objetos existentes e uma nova teorização que rompia com certas garantias

empíricas (especialmente aquelas dadas pela *visão*) do “sistema teórico” anterior. (NARZETTI, 2012, p. 41)

A partir das novas teorizações sobre dados objetos foi possível desenvolver instrumentos científicos, ou seja, instrumentos que não se baseassem em uma teoria empírica, mas científica. Conforme Narzetti (2012), tais epistemólogos entendiam que os instrumentos científicos, para além de serem apenas instrumentos para as práticas de uma ciência, eram também a materialização de uma teoria “ideológica”. Juntamente com a experimentação, eles permitiriam avanços científicos, uma vez que eram capazes de validar ou invalidar conhecimentos produzidos. Assim, os instrumentos científicos substituíram os técnicos, o que significou também a ruptura teórico-ideológica com o sistema teórico vigente até então.

Narzetti (2012) mostra a concepção de Pêcheux acerca do “processo histórico de constituição das ciências” (idem). Ele a compreendeu em duas etapas. A primeira consistia na elaboração de um novo objeto e no rompimento com a ideologia (teoria) anterior e a segunda em um reprodução sistemática e metódica deste objeto por meio do experimento. Partindo dessas observações acerca das ciência naturais, o filósofo compreendeu que, com exceção do “Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise” (NARZETTI, 2012, p.42), as ciências sociais não haviam alcançado de fato a cientificidade pois não haviam produzido seus objetos e nem efetuado rupturas ideológicas. Mesmo fazendo uso de instrumentos e experimentos da Linguística e da Matemática, por exemplo, este uso era ideológico e não científico porque, segundo Narzetti (2012), ele visava apenas a confirmação de um ideologia e não a questionamentos e retificações científicos.

Para a autora, esta análise de Pêcheux ia ao encontro da análise feita por Althusser acerca das ciências humanas e sociais, as quais não seriam ciências propriamente ditas uma vez que não possuíam objeto definido, careciam de base teórica e, portanto, se caracterizavam como filosofias. Como conduzi-las então à cientificidade? Na perspectiva de Pêcheux apud Narzetti (2012) a elaboração de um dispositivo instrumental seria necessária para que novos objetos pudessem ser vistos pelas ciências sociais, para que as impelisses a redefinir objetos existentes a partir de questionamentos científicos e não apenas ideológicos. Isto permitiria o surgimento de ciências novas e dos efetivos instrumentos científicos que promoveriam o avanço delas.

É neste contexto que surge a Análise do discurso tal como proposta por Pêcheux. Ela foi concebida como o dispositivo instrumental que favoreceria a percepção de novos objetos, novas teorias e que, portanto, efetuaría o corte epistemológico (NARZETTI, 2012).

Além do corte epistemológico, a Análise do discurso exerceria uma função social que seria adaptar ou readaptar as relações sociais (PÊCHEUX apud NARZETTI, 2012). Segundo a autora, a visão de Pêcheux sobre as ciências sociais era que elas se relacionavam diretamente à prática política. Em uma sociedade, cujas relações sociais eram dadas a partir dos modos de produção do sistema capitalista, havia a necessidade de transformação destas relações, que não seriam mais compreendidas enquanto dadas e sim como produzidas (idem). Haveria, deste modo, uma ruptura com a ideologia anterior. Ainda em consonância com estes teóricos, Pêcheux definiu o discurso como “o instrumento da prática política, à qual estão ligadas as ciências sociais” (NARZETTI, 2012, p.43) uma vez que é por meio dele que as relações sociais dissimétricas se asseguram ou se apagam.

3. 2. 3 Dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso

Pêcheux procurou desenvolver para além do dispositivo instrumental, uma teoria do discurso. Conforme Pêcheux (1975) esta teoria foi feita a partir da proposta de articulação entre três ciências: Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise. Segundo Narzetti (2012), Pêcheux articula essas ciências porque elas forneciam conceitos científicos por meio dos quais seria possível a produção de novas teorias.

Na primeira parte do texto *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, Pêcheux (2010) faz a distinção entre análise de conteúdo e a teoria do discurso. O autor inicia sua reflexão chamando a atenção para o fato de os estudos da língua se referirem sobretudo aos estudos do texto. Nas próprias escolas de ensino básico, as questões sintáticas e semânticas tinham por finalidade a compreensão textual. Preocupava-se com a expressão do texto e com sentido “contido” nele. O teórico critica essa prática pois ela condizia a uma percepção ultrapassada de língua, a saber, com a *função* de exprimir. Ele refuta esta ideia ao destacar o deslocamento que esta visão de língua sofreu quando Saussure definiu esta como um sistema. Pêcheux, baseado nesta concepção saussuriana, compreende a língua como:

um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto: a língua como objeto da ciência, se opõe à fala, como resíduo não científico da análise. (PÊCHEUX, 2010, p.60)

Mesmo com este advento da Linguística, os estudos da língua permaneciam em torno expressão do texto. Alguns métodos *não linguísticos*, isto é, pré-saussurianos, segundo Pêcheux (2010), foram utilizados nas análises textuais. Um deles foi o método da dedução frequencial, o qual consistia em um levantamento da repetição de um léxico. No entanto, este procedimento era meramente descritivo, ele não efetuava as relações entre elementos do texto que explicassem o seu funcionamento e os efeitos de sentidos produzidos. O outro método, próprio da Análise de Conteúdo, foi a análise por categorias temáticas. Nesta análise, segmentos do textos eram postos em classes de equivalência. Essas classes eram definidas pelas significações que o *codificador* detectava a partir de *indicadores*. Para Pêcheux, esta noção aculturadora dos codificadores e de *aprendizagem de leitura* promoveria resultados unívocos.

Pêcheux (2010) propôs um teoria que acompanhasse os estudos científicos sobre a língua. Essa teoria não se baseava na *função* da língua, mas em seu funcionamento enquanto sistema. Assim, o teórico inicia suas proposições a partir de uma reflexão crítica do conceito de língua definido por Saussure no *Curso de Linguística Geral* (CLG). Pêcheux cita dois excertos do CLG para iniciar suas observações:

A língua... é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode nem cria-la nem modifica-la.
[...] a língua constitui uma instituição social, mas ela se distingue, por vários traços das outras instituições políticas, jurídicas, etc. Para compreender a sua natureza peculiar, cumpre fazer intervir uma nova ordem de fatos. A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. Pode-se, então conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral, chamá-la-emos de *Semiologia* (SAUSSURE, 2012, p.47).

Pêcheux (2010) afirma que, ao caracterizar a língua desta maneira, Saussure efetua uma dupla distinção. A primeira corresponde à oposição entre o sistema semiológico da língua e os demais sistemas de signos, estabelecendo a língua como o sistema essencial. A segunda refere-se à noção de instituição. Enquanto tal, a língua pertence aos sistemas institucionais semiológicos e que são distintos dos

jurídicos, políticos, etc. Desta maneira, ela é pensada como um sistema homogêneo e, por isso, exclui-se da fala e dos sistemas não semiológicos.

As consequências teóricas dessa opção metodológica em conceituar a língua foram diversas. A língua foi vista como um sistema virtual atualizado pela fala (ULLMANN apud PÊCHEUX, 2010). Para este teórico, isso implicou no retorno do sujeito consciente, dotado de intenções sobre o que fala, não assujeitado. Também, enquanto conjunto de regras, cujas possibilidades de combinação já estivessem estabelecidas (JAKOBSON apud PÊCHEUX, 2010) ela não seria criativa. Posteriormente, a gramática gerativa mostrou a criatividade como caráter da língua e não dependente do sujeito (PÊCHEUX, 2010).

Face ao estado que as pesquisas linguísticas se encontravam, a saber, no nível da frase, Pêcheux (2010, p.71) propôs “um deslocamento da perspectiva teórica, um “mudança de terreno” que fizesse intervir conceitos exteriores à região da linguística atual. Isto porque, até então, tais pesquisas se limitavam às regras do sistema linguístico e não consideram ainda o *mecanismo discursivo* determinando o funcionamento dos enunciados. Ele cita como um problema desta época enfrentado pela gramática gerativa a *normalidade do enunciado*. As frases eram consideradas normais caso fossem constituídas dentro da estrutura “sujeito animado + objeto inanimado”, uma vez que os sintagmas constituídos por formas regulares pertenciam à ordem da língua e não da fala (SAUSSURE, 2012). Para Pêcheux (2010) pensar desta forma era supor um sujeito *neutralizado*, não histórico. O teórico utilizou a própria frase que mencionada por Saussure para distinguir o que era da ordem da fala e o que era da língua:

Seja, pois, a frase “a terra gira”: um linguista pré-copernicano, que, por milagre, conheça as gramáticas gerativas e os trabalhos atuais dos semanticistas, teria certamente colocado uma incompatibilidade entre as partes constitutivas da frase e declarado o enunciado como anômalo. (PÊCHEUX, 2010, p. 72)

Aqui, Pêcheux deixou claro que era insuficiente classificar um enunciado como normal ou anômalo apenas se baseando em normas linguísticas. Fazia-se necessário incluir o discursivo nessa análise. Deste modo, apontou um nível intermediário entre nível universal (da língua) e o nível individual (da fala), o qual designou como nível da particularidade:

o nível da particularidade que define “contratos” linguísticos específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos

localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminarem-se uns sobre os outros. (idem)

Nessa perspectiva, o discurso não possuía caráter de universalidade, comum a todos falantes de uma língua; nem de liberdade como havia na fala. Como nos elucida Narzetti:

O discurso constituiria o nível da particularidade, sendo determinado pelos interesses de determinadas classes sociais, na luta ideológica de classes. Ele se define como um subconjunto, situado em um nível irreduzível tanto aos elementos individuais que a ele pertencem quanto ao conjunto mais amplo que o contém. (NARZETTI, 2012, p.46)

Segundo Pêcheux (2010), as pesquisas da Semântica avançavam sobre “a produção de um tipo de discurso e as transformações que os *predicados* sofriam neste processo”, mas elas ainda não abarcavam os efeitos discursivos. Deste modo, ele propôs o conceito de *processo de produção* para se referir ao “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de um tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas” (PÊCHEUX, 2010, p.73). Sendo assim, inicialmente, os estudos discursivos se desdobrariam em duas linhas de pesquisa:

- o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas ao processo de produção particulares considerados sobre o “fundo invariante” da língua (essencialmente a sintaxe como fonte de coerções universais) ...
- o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso - que chamaremos daqui em diante suas *condições de produção*. (idem)

Assim, Pêcheux (2010) propõe uma concepção social de discurso como:

uma parte do mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia *política*, correspondendo pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada. (PÊCHEUX, 2010, p. 75) (grifo nosso)

Pêcheux utilizou aqui o exemplo do discurso político para demonstrar o funcionamento do discurso, como vimos anteriormente, em um nível intermediário, entre o *universal* e o *individual*, isto é, entre aquilo que é considerado de ordem da língua e o que é de ordem da fala. Este tipo de abordagem, discursiva, distingue-se de uma abordagem imanente sobre a língua que compreenderia o mesmo discurso como da ordem da fala, da liberdade do locutor, e ainda, da ordem da língua, pela

sequência sintática em que se organiza (PÊCHEUX, 2010). Sobre a liberdade do locutor (sujeito na Análise do Discurso) discorreremos posteriormente.

Na construção de uma teoria do discurso, Pêcheux (2010, p.77) propôs que “os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase” fossem, de fato, concebidos enquanto *funcionamento*, mas um funcionamento que não é estritamente linguístico, e que é produzido a partir de condições de produção específicas. Ele acrescenta:

é impossível analisar o discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada em si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. (PÊCHEUX, 2010, p.77)

Faz parte da descrição dos processos discursivos remeter o discurso em análise às relações de sentido nas quais ele foi produzido. Pêcheux (2010, p.76) afirma que um discurso sempre se remete a outro, como “resposta direta ou indireta” a ele. Assim, tal processo não tem um começo exato porque o discurso se dá sobre um discursivo que lhe é anterior. Nesses processos discursivos, fazem partes das condições de produção as *formações imaginárias*. Elas fazem parte das regras de projeção de uma formação social, cujas regras determinam “as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 2010, p.82). Segundo o autor, essas formações representam as imagens que os sujeitos do discurso fazem sobre si mesmos na circunstância dada e sobre as imagens que eles imaginam que o outro sujeito faça dele, como também sobre o que dizem. Elas resultam de processos discursivos anteriores, pertencentes a outras condições de produção. Aquilo que já foi “ouvido”, “dito”, o “já dito”, faz parte da constituição dessas formações imaginárias. Pêcheux (2010, p.85) destacou ainda as *relações de força* que atuam nas condições de produção. Os elementos que constituem essas condições estabelecem relações que podem variar conforme os “elementos colocados em jogo”. Um deles pode se tornar dominante e isto terá consequências nas relações de sentido.

No artigo “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, publicado em 1975, Pêcheux e Fuchs (2010), como o próprio título anuncia, propuseram uma reformulação na teoria do discurso a fim de eliminar algumas ambiguidades, corrigir determinados erros, averiguar certos problemas não resolvidos e propor bases reformulações a partir das pesquisas efetuadas mais recentemente acerca da língua e do discurso.

O primeiro esclarecimento feito refere-se à região do materialismo histórico com a qual a teoria do discurso se relaciona, a saber, sobre a superestrutura ideológica. Conforme os autores acima mencionados, essa superestrutura não expressa diretamente a “base econômica” de uma sociedade. A ideologia não pertence apenas ao mundo das ideias, mas se materializa ao ser articulada sobre a realidade material dos fatos econômicos:

mais particularmente, o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.162)

Segundo esses teóricos, o funcionamento da instância ideológica sobre as relações de produção de uma formação social ocorre de modo particular, em regime de *interpelação*. Isto diz respeito ao assujeitamento que o sujeito sofre ao se posicionar como sujeito ideológico. Ele é conduzido pela ideologia a “*ocupar o seu lugar*” em determinada classe social. Tal funcionamento ocorre de maneira que este sujeito imagina-se como ocupando este e não aquele lugar a partir de sua própria vontade, como se fosse livre da ideologia, como se não fosse sujeitado a ela.

Pêcheux e Fuchs (2010, p. 163) afirmaram que “a reprodução contínua das relações de classes” se dá materialmente nos “aparelhos ideológicos do Estado” (AIE) descritos por Althusser. Assim, concebem o conceito de *formações ideológicas* (F.I):

como uma força em confronto com outras forças na conjectura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.162)

Neste ponto, observamos como a definição de discurso proposta por Pêcheux se baseia nos pressupostos teóricos do Materialismo Histórico. No início do delineamento do que consistira o discurso, na primeira fase da AD, aparecem alguns traços desses pressupostos como mostra Narzetti:

O problema da ideologia aparece implícito na definição de discurso enquanto nível da particularidade, pois as ideologias também são particulares (nunca individuais, nem universais, mas sempre regionais e atravessadas por tendências de classe). (NARZETTI, 2012, p.47)

Nesta época, esta relação entre ideologia e discurso ainda não aparece claramente explícita. A autora mostra que foi somente a partir dos anos de 1970 que esta relação pôde ser melhor explorada. Isto porque, foi neste ano que Althusser publicou “Aparelhos Ideológicos do Estado”. Nesse artigo, o teórico apresenta conceitos novos, como este que intitula a obra referida e por meio deles, procura explicar como as ideologias se materializam.

A partir desta proposição ideologia e discurso são articulados por Pêcheux e Fuchs (2010). O discurso é concebido como materialidade da ideologia, é um dos seus aspectos materiais, um dos gêneros por meio do qual ela se materializa. As formações ideológicas são constituídas por *formações discursivas* que se interligam e “determinam o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.164). Segundo estes autores, o sujeito, fala aquilo que é permitido pelas formações discursivas que o constituem. É daí que provém o seu discurso e não de uma vontade espontânea de expressar o pensamento, livre de determinações históricas, de relações de classe e de interpelação ideológica. Reiteram ainda que, uma vez que as FD se dão no interior de certas relações de classes, elementos seus podem constituir novas FD a partir de novas relações ideológicas e estabelecendo novas *formações ideológicas*.

Conforme Narzetti (2012) a língua e o discurso são pensados por Pêcheux como objetos distintos, mas que se relacionam. A língua é um objeto de ordem linguística e o discurso é um objeto de ordem sócio-histórica. A língua é um pressuposto da teoria do discurso.

A fim de esclarecer a relação entre língua e discurso, Pêcheux (2014, p. 81) distinguiu o que seria a *base linguística* e o que seria os *processos discursivos*. A primeira refere-se ao sistema linguístico, isto é, ao “conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas”, que funciona de modo relativamente autônomo, sendo submetido às leis internas de próprio sistema. Os processos discursivos atuam sobre a base dessas lei. Eles se inscrevem em uma *relação ideológica de classes*. Deste modo o autor sustenta que as classes não são indiferentes à língua.

A realidade histórica da ideologia é que ela existe de modo particular e relaciona-se a aparelhos ideológicos determinados, o que lhe caracteriza como funcionando sempre em regiões. Conforme Althusser apud Narzetti (2012), a religião, a política e esfera jurídica são exemplos dessas regiões. Por consequência,

temos as ideologias religiosas, jurídicas, políticas, entre outras. E ainda dentro dessas regiões é possível encontrar mais particularidades segundo as posições de classes às quais se referem. De acordo com Narzetti (2012), a particularização da ideologia conforme as regiões e as posições de classe já era um conceito existente na teoria marxista, contudo, ainda não havia sido concebido pensando em uma articulação entre essas duas realidades que particularizam a ideologia. Quem as articulou foi Pêcheux por meio dos conceitos de formação ideológica e formação discursiva: o propor os conceitos de formação ideológica e formação discursiva, Pêcheux define mais profundamente o conceito de discurso (NARZETTI, 2012, p. 49).

Conforme Althusser (1985), a ideologia possui existência material, isto é, tem existência concreta por meio de atos materiais definidos pelos aparelhos ideológicos aos quais pertencem. O discurso, para Pêcheux, é um dos meios de materialização da ideologia. Althusser propôs as relações de conflitividade existentes entre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) em uma dada formação social e as existentes entre as Formações Ideológicas (FI) que os constituem. Os elementos que compõem os AIE seriam marcados por relações contraditórias, desiguais e subordinadas. As FI corresponderiam as diferentes posições de classe presentes na sociedade. Dependendo contexto em que se inserissem, AIE distintos (assim como FI distintas) relacionam-se em forma de aliança ou confronto.

Em um segundo momento da AD, Pêcheux explana sobre as relações existentes no discurso. É nele também que se materializa a luta de classe por meio da ideologia (Formações Ideológicas). É possível observar relações de aliança e oposição entre os discursos conforme a luta de classe. Assim o discurso é marcado tanto pela conflitividade quanto por uma historicidade, uma vez que a história é pensada pelo Marxismo a partir dessas lutas entre as classes sociais. Narzetti (2012) sintetiza esta concepção de Pêcheux na seguinte passagem:

É nesse sentido que o discurso é histórico, pois na teoria marxista, a História é a luta de classes, não só sob suas formas econômicas, mas também, e principalmente, sob as suas formas políticas e ideológicas, que atuam no processo de reprodução/transformação das relações de produção existentes. Os discursos se aliam e se opõem em função dessa luta. (NARZETTI, 2012, p.51)

Esta concepção de discurso corrobora para o projeto político-teórico iniciado por Althusser e sequenciado por Pêcheux que era a transformação das relações sociais. A teoria do discurso seria um instrumento que permitiria isto.

Como parte da constituição das formações discursivas está o *interdiscurso*. Ele é caracterizado por Pêcheux (2014), como “o todo complexo com dominante” que constitui e determina as FD. O interdiscurso é submetido ainda às leis de desigualdade, subordinação e contradição que estão presentes nas formações ideológicas. Ele se caracteriza como objetividade material e contraditória que especifica uma FD, é aquilo que fala antes e em outro lugar, independente da vontade do sujeito.

A produção do discurso é possível graças à memória discursiva. Orlandi (2010) explica essa memória como um saber discursivo, aquilo que já foi dito (já-dito) e que possibilita essa produção, a emergência e a compreensão deste dizer. O retorno dessa memória é chamado de pré-construído. O interdiscurso é o conjunto de dizeres de tudo o que foi dito a respeito do assunto, em outro momento, em outro espaço e também por outras pessoas. Ele é acionado no momento da enunciação e é um fator determinante no processo de significação dos enunciados: “O interdiscurso possibilita dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, p. 31, 2010).

Orlandi (2010), a partir de Courtine (1984), explana como funciona a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso. Funcionam como eixos perpendiculares que se encontram e produzem determinados efeitos de sentidos. No eixo vertical, tem-se o interdiscurso com o conjunto de dizeres (os enunciados já-ditos) e no eixo horizontal, tem-se o que está sendo dito no momento da enunciação. O que está sendo dito é a formulação e o que foi dito é a sua constituição. Ou seja, pela memória, o discurso se torna possível e se atualiza. Como afirma Orlandi (2010):

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2010, p.33)

Ainda discorrendo sobre formações discursivas, os teóricos dissertam sobre uma defasagem existente entre uma FD e outra. Essa defasagem corresponde ao *esquecimento número 1*, àquilo que “nunca foi sabido e que, no entanto, toca o mais próximo o ‘sujeito falante’ na estranha familiaridade que mantém com as causas que

o determinam...em toda a ignorância de causa” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.165). O efeito desse esquecimento é que o sujeito pensa ser a origem do que diz, não percebe que o que diz dá-se a partir do seu assujeitamento. Desta maneira, os autores esclarecem que a produção de sentido se dá por meio de paráfrases e as sequências dessas paráfrases formam as famílias parafrásticas, as quais constituem a “matriz de sentido” de um discurso.

No processo de enunciação, os enunciados se constituem a partir de uma série de determinações que se caracterizam por colocarem “o dito” e rejeitarem o “não dito”, conforme propõem Pêcheux e Fuchs (2010). O “espaço vazio” criado ente “o dito” e o “não dito” forma um campo de “tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz) (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.175) ou de tudo aquilo que é oposto ao que o sujeito disse. Este espaço se aproxima da consciência do sujeito e faz com que ele tenha impressão de que pode expressar com precisão o que disse, reformulando o enunciado. Este efeito de ocultação parcial do dizer é designado com *esquecimento número 2*.

O sujeito esquece que o que diz já foi dito por outrem e pensa ser ele a origem do dizer, como se fosse absolutamente inédito o que diz e como se pudesse controlar, portanto, os efeitos de sentidos desse dizer. No entanto, esse esquecimento é fundamental para que o sujeito ocupe o seu lugar no discurso e para que os sentidos sejam produzidos. Esse é o *esquecimento número 1* proposto por PÊCHEUX. Orlandi (2010, p. 35-6) esclarece:

Quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos nós o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos. Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante. Ele é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Já se sabe que os dizeres pré-existem ao sujeito do discurso e que formam as relações de sentido. São eles que permitem a emergência e a compreensão de determinados enunciados. Este funcionamento independe da vontade do sujeito. Contudo, o sujeito tem a capacidade de antecipar o que o outro sujeito, o seu interlocutor, poderá compreender do seu discurso (os efeitos de sentidos gerados) e, desta maneira, conduzir a estruturação dos enunciados para que gerem os efeitos que pretende. Isso também é significativo na produção de sentidos. Como

verificamos, a produção de sentidos envolve uma rede de relações entre as condições de produção e a memória discursiva, retomada em interdiscurso.

Por fim, Pêcheux e Fuchs (2010) fazem as seguintes asserções entre o esquecimento 1 e 2. O *esquecimento número 1* é da ordem do inconsciente e inacessível ao sujeito enquanto o *esquecimento número 2* é da ordem pré-consciente/consciente. Relacionar tais esquecimentos é referir-se à condição de existência dos sujeitos e às ilusões subjetivas pelas quais esta condição é realizada.

No que se refere à teoria do discurso, os teóricos estabelecem as seguintes concepções de discurso em contraponto a noções saussurianas. A primeira delas consiste em esclarecer que o discurso não é a fala (*parole*), ou seja, atos verbais da liberdade do sujeito (da ordem do individual), não pertencentes ao sistema (à ordem da língua). A segunda se refere a noção equivocada atribuída ao discurso como complemento social do enunciado. O discurso é pois o nível intermediário, entre a língua e fala, mas que não é exclusivamente linguístico, e sim sócio-histórico.

4

DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA

Este capítulo analisa o discurso sobre a sexualidade feminina na atualidade. Nele, expomos a descrição do funcionamento discursivo sobre a temática pesquisada e a análise feita para verificar em que medida estas práticas discursivas referem-se mais a um discurso progressista ou a um discurso conservador. A partir do dispositivo teórico-metodológico de Análise do Discurso francesa, examinamos os discursos evidenciados; o encadeamento dos significantes e movimento de deslizamento entre eles; os efeitos de sentidos produzidos; as relações entre as formações discursivas (FD) e as imagens construídas acerca da mulher, do homem e dos relacionamentos com compromisso e sem compromisso.

4.1 O corpus e o processo de análise

Nesta secção, fazemos uma exposição sobre a constituição do corpus e sobre as questões metodológicas deste trabalho. No primeiro tópico, discorreremos a respeito das “circulações cotidianas do sentido” (PÊCHEUX, 2002) e da “ideologia do cotidiano” (VOLOSHINOV, 1979) para explicar a natureza da materialidade linguística analisada. No segundo, fizemos uma descrição detalhada sobre em que consiste essa materialidade e sobre os procedimentos metodológicos desta análise.

4.1.1 A natureza do corpus deste trabalho

A materialidade linguística deste corpus faz parte das “circulações cotidianas do sentido” (PÊCHEUX, 2002). As publicações que constituem esse corpus não são textos institucionais, são textos do cotidiano, cuja estrutura formal é particular, tanto no que se refere aos aspectos estritamente linguísticos, quanto aos aspectos ideológicos.

As publicações das redes sociais são marcadas pela heterogeneidade de enunciados e de registros discursivos. Poucos textos são escritos em linguagem formal. Os mais formais geralmente são *posts* oriundos de outros lugares de circulação, como os textos retirados de *blogs* e compartilhados na rede social *Facebook*. A própria rede possui essa característica de compartilhamento de textos,

que pode ser em forma de *link* ou mesmo em forma de cópia do texto na página do usuário, com ou sem referência da fonte bibliográfica. Os *memes* comumente são textos curtos e mais informais na estruturação e na escrita do texto.

Os comentários, de maneira geral, são escritos próximos do registro oral. Não há uma preocupação com a ortografia e com as regras da norma culta. Há pouca atenção aos elementos de coesão e coerência. Na transcrição das SDR, fizemos adequações linguísticas para a norma padrão, a fim de facilitar a leitura e a compreensão. Mantivemos a fidelidade dos registros nos textos em anexo.

O corpus, enquanto discurso do cotidiano, faz parte da ideologia do cotidiano. Isto é, “constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema” (VOLOSHINOV, 1979, p. 104). O discurso da sexualidade que circula nas redes sociais não faz parte dos sistemas ideológicos constituídos como a ciência, a moral, a religião, etc., mas se constitui a partir deles, de forma não sistematizada, como verificamos pela heterogeneidade discursiva que marcam as SDR.

As interações verbais que ocorrem entre as publicações e os comentários feitos a elas assimilam-se às conversas informais que ocorrem no dia a dia sobre dado assunto. São disposições gerais, não são discussões profundas como as existentes em sistemas consolidados. Por vezes, são exposições pontuais que podem ou não se apoiar em discursos religiosos, científicos, da moral, etc. Outras são exposições dos sentimentos. Toda esta forma dispersa, não sistematizada e de estabilidade lógica variável caracterizam as circulações cotidianas do sentido, por conseguinte, a ideologia do cotidiano.

Conforme Voloshinov (1979), as mudanças sociais podem repercutir mais rapidamente na ideologia do cotidiano, ela é mais móvel e mais flexível e é o lugar da criação ideológica. As circulações cotidianas como as publicações das redes sociais podem ser o lugar de, por meio dos discursos, entrever mudanças sociais em curso.

4.1.2 Questões metodológicas

Analisamos 18 publicações que circulam na rede social *Facebook*, juntamente com os comentários mais relevantes feitos a elas. Estas publicações consistem em

posts - textos exclusivamente verbais, inseridos¹ pelos usuários da rede social – e *memes* – textos com linguagem mista, verbal e não-verbal². O corpus só inclui *memes* impressos, textos audiovisuais não estão incluídos. O recorte temporal destes textos compreende o período de 2014 a 2018.

Adotamos a nomenclatura Sequência Discursiva de Referência (SDR), proposta por Courtine (2009), para nos referirmos aos trechos de publicações e aos trechos de comentários que estão sendo expostos nesta análise. A partir da seleção das publicações que circulam na rede social supramencionada, iniciamos o processo de interpretação dos efeitos de sentidos produzidos por eles. Primeiramente, realizamos o processo de dessuperficialização linguística, o qual consistiu na análise das condições de produção (o que estava sendo dito, por quem, quando, como, entre outros aspectos). Por meio desta análise sintática e enunciativa, começamos a compreender o modo como o discurso se textualiza.

Ainda nesta primeira etapa, foram observadas as funções das formações imaginárias (imagens construídas acerca das mulheres, por exemplo) e as relações de sentido e de força que elas estabeleciam entre si. Depois da dessuperficialização dos textos, obtivemos o objeto discursivo.

Face a uma SDR, outras SDR, produzidas em outras condições, lhes foram postas em relação de confronto, de oposição, a fim de que explorarmos a segunda etapa de análise, que foi a do processo discursivo. Nela, as formações discursivas foram relacionadas às formações ideológicas para que pudéssemos compreender como estavam sendo constituídos os sentidos das SDR analisadas. A partir destas relações, verificamos os em conflito acerca da sexualidade feminina.

4.2 Relações com compromisso

Nesta secção, discorreremos sobre as relações com compromisso, como o namoro e o casamento. Descrevemos o funcionamento dos discursos sobre a mulher ideal para casar; sobre fidelidade e traição e sobre a relação entre sexo, prazer, sentimento e reprodução.

¹ Esta inserção abrange o compartilhamento de textos de outros canais de comunicação como de *blogs*.

² Esta categorização, *em posts e memes*, possui apenas finalidade operacional na análise do corpus.

4.2.1 A mulher ideal para casar

Desde que se estabeleceu a propriedade privada e a herança de terras, as relações matrimoniais se solidificaram e adquiriram novas funções. Por meio do casamento, o patrimônio material seria mantido. Então, para que ele continuasse a pertencer à família, condicionou-se o papel da mulher e dos filhos. Ela era responsável pela produção de herdeiros. Assim, consoante com Beauvoir (2016), fazia-se necessário garantir que ela não tivesse outros filhos fora casamento para que a herança material não passasse a pertencer a outras famílias. Desta maneira, a fidelidade e outras práticas tornaram-se padrões de conduta obrigatórios para que mulher fosse respeitada e considerada adequada para casar.

Ao analisarmos a história da mulher ocidental, verificamos uma série de práticas e discursos responsáveis pela manutenção desses padrões de conduta. Durante muitos séculos e até hoje, a imagem da *boa* mulher é aquela ligada ao *lar*. É a que vive em casa e não na rua, seja ela solteira ou não. O histórico da mulher restrita a este lugar está na memória coletiva e é reatualizado a todo instante, como podemos observar na SDR do corpus:

(SDR – Publicação 1)

Como assim não sabe cozinhar? / Você é mulher / Tem que cuidar do lar / Como assim não quer engravidar? / Você é mulher / Tem que engravidar

Na formação discursiva em que se inscreve o sujeito da SDR, o significante *mulher* é associado ao significante *lar* e *engravidar*. Nesta relação, o efeito de sentido produzido é a obrigatoriedade exclusiva da mulher para com o lar e para com a maternidade. É sua responsabilidade cuidar da casa e, como mulher, deve desejar ter filhos. Em algumas outras SDR, esse sentido de obrigatoriedade exclusiva aparece deslocado, atribuindo ao homem também os deveres domésticos, como vemos na SDR abaixo:

(SDR – Publicação 13)

Lugar de homem é ... Ajudando a mulher para terem mais tempos juntos.

Ainda que haja um deslocamento no sentido dessas atribuições domésticas, a responsabilidade principal delas ainda está associada à mulher, ao homem cabe a *ajuda*. Examinemos outra SDR relacionada:

(SDR – Comentário à Publicação 13)

Se a mulher não trabalha! O lugar do homem é aonde ele quiser. Estar na casa, descansando e se ele quiser ajudar ou se você estiver precisando muito é diferente. Agora você fica em casa o dia todo, e o dia que o marido tem pra descansar ele tem que te ajudar nos afazeres de casa??? Levanta a bunda e vá fazer porque ele trabalha te sustenta... Não é mais do que obrigação você fazer e sem reclamar... Agora se os dois trabalham ai sim um ajuda o outro em casa porque ninguém é de ferro.

Nesta FD, a responsabilidade sobre as tarefas domésticas está relacionado ao trabalho. Se a mulher não trabalha fora de casa, é sua *obrigação* o serviço de casa, mas se ela trabalha fora, esta obrigação pode ser dividida. Nesses enunciados, notamos que os lugares ocupados por mulheres e homens são distintos, assim como as funções que eles exercem. A mulher está relacionada ao lar e à maternidade, como já foi exposto, e o homem ao trabalho exterior à casa. Dentro dela, seu papel é apenas o de ajudante e não o de responsável.

A publicação 11 conta a história de um casal que se conheceu em uma festa, que teve relação sexual no primeiro encontro e que posteriormente se casou. Ainda que essa publicação possua um discurso menos conservador sobre a mulher ideal para casar, o lugar tradicional do homem e da mulher ainda aparece bem marcado na condição marital. A esposa está em casa, cuidando do filho, enquanto o esposo está no trabalho:

(SDR – Publicação 11)

[...]a mulher que conheci naquela noite, nunca mais saiu da minha mente. Agora mesmo ela está ali na cozinha, preparando a lancheira que o nosso filho caçula leva para a escola. Depois vai vir aqui no escritório me dar um beijo igual àquele que ganhei na boate tempos atrás

Há ainda um discurso em relação de oposição ao discurso da mulher completamente dedicada ao lar. Examinemos a SDR abaixo.

(SDR – Publicação 11)

Os bons candidatos a marido querem mulher estudada, independente e que viajou bastante! Quem quer uma 'Amélia' dentro de casa é traste!!!!.

Verificamos que há dois perfis de mulheres e de homens com quem se pode casar. O sentido de “traste” é atribuído ao homem que quer uma esposa que cuide dos serviços domésticos e o de “bom partido” àquele que não deseja esse tipo de mulher, a “Amélia”, mas uma que tenha formação acadêmica, uma profissão e que

seja independente economicamente. Nessa FD, esta é a imagem da mulher ideal para casar.

Um outro sentido para o significante mulher é o de *companheira*. Aquela que estaria em relação de igualdade e não de inferioridade. Ela não é a serva, mas também não é a senhora servida em tudo. É a que exerce funções iguais a do homem, como a de proteger o outro:

(SDR – Comentário à Publicação

Deus criou a mulher para ser COMPANHEIRA do homem. Não escrava, não sinhá. Nem abaixo, nem acima. Foi feita a partir de uma costela para ficar ao lado. Do lado esquerdo, para ficar próxima ao coração. De baixo do braço para ser protegida. "Mulher não precisa de homem para ser protegida". Concordo. Mas no xadrez, a rainha sempre protege o rei. Sejam companheiros. Se respeitem, se protejam.

A SDR acima pertence a uma FD diferente de uma FD mais conservadora, a qual diz que a mulher deve ser "Amélia", que faz sozinha os serviços de casa e que é sempre submissa ao marido. Para a FD desta SDR, a mulher deve estar em posição de igualdade com o homem. Ela não é "escrava", não é "sinhá"; é a "rainha" como o "rei".

Verificamos ainda que, em algumas SDR oriundas da FD conservadora, a mulher solteira que já é mãe não constitui o ideal de uma mulher para ter um relacionamento com compromisso. A publicação 2 consiste em um *post*³ que descreve a experiência de uma mãe solteira em um aplicativo de paquera. Vejamos alguns trechos desta publicação:

(SDR – Publicação 2)

- Não, não é que você é mãe, é eu procuro uma namorada.

(SDR – Publicação 2)

- Que bom que você que tem filho.

- É, por quê?

- Assim facilita e a gente não tem surpresa.

- Como assim?

- Ah, gata, não se apaixona nem se desilude.

- Como assim?

- Você é mãe, já sei que não rola nada sério.

³ O *post* coletado para o corpus consiste em uma cópia do *post* original, o qual possivelmente foi retirado de circulação. Faz parte do *post* original trechos das conversas ocorridas no aplicativo de paquera.

(SDR – Publicação 2)

- É que todo mundo sabe que ninguém leva a sério mulher com filho.
- Por que?
- Porque se já teve filho e está solteira boa coisa não é.

(SDR – Publicação 2)

- Sou marinheiro e busco apenas aventuras.
- Hummm...
- Você ser mãe facilita as coisas.
- Por que?
- Porque não precisamos fingir ingenuidade e podemos pular os cortejos.

Observemos por meio das construções sintáticas negativas, como é construído o sentido de mãe solteira. Na primeira SDR, “Não, não é que você é mãe”, o sujeito tenta negar o discurso da maternidade como um problema. Contudo, no período seguinte, ao afirmar que procura uma namorada, a relação de oposição entre orações é estabelecida, ainda que suprimida conjunção adversativa “mas”, e o efeito de sentido produzido é justamente a paráfrase: se é mãe, não serve para namorar. Outras orações são construídas em relação de oposição, como “Se não casou é que” x “não vale muito”, “Porque se já teve filho e está solteira” x “boa coisa não é”, “Você é mãe?” x “Já sei que não rola nada sério”. Parafraseando as frases negativas, temos respectivamente os seguintes enunciados que podem ser ditos nessa FD a respeito do significante *mãe solteira*: aquela que não tem grande valor positivo, que não é boa pessoa e que não serve para se relacionar em regime de compromisso.

Se a mãe solteira não é o perfil idealizado para uma relação de compromisso, quais os sentidos atribuídos a ela? É a que “ninguém leva a sério”, a que “facilita as coisas” para quem está buscando “apenas aventuras”. Nesta FD, a mulher que procura relacionamento é associada ao significante *puta* e com *má* mãe:

(SDR – Publicação 2)

- Nossa. Você é bem feminazi esquerdista mesmo. Coitada da criança com uma mãe puta dessas que fica procurando macho

Contudo, na FD em que este outro sujeito (a mãe que utiliza o aplicativo) se inscreve, outros sentidos são atribuídos ao relacionamento e à maternidade. Iniciemos sua fala sobre o primeiro item:

(SDR – Publicação 2)

Quando se fala em irresponsabilidade social e abuso afetivo sobre as mulheres, negligenciar essa cultura da misoginia acerca da maternidade é ser canalha. A solidão da mãe é vista como obstáculo para tornar aquela mulher forte. Nós não queremos esses obstáculos. Ninguém quer. Essa cultura coloca todos os dias milhões de mulheres numa posição que facilita a exposição aos abusos.

Logo depois que me separei, passei por vários "relacionamentos" que tinham um traço forte em comum: Todos homens que me relatei me esconderam socialmente. O primeiro homem que me assumiu socialmente, no entanto, era mais um dos abusadores emocionais que estão por aí. E eu caí, como uma presa, em mais um relacionamento abusivo porque estava recebendo atenção. Fingia estar bem, feliz, que tudo era flor, amor e gratidão, mas a gente aprende a disfarçar bem e evitar perguntas. Enlouqueci, literalmente.

Hoje sigo no limbo social e emocional que nos colocam, fingindo que sou forte e que está tudo bem. Não está.

Aqui observamos um discurso em relação de resistência àquele que diz que mãe solteira não deve ser levada a sério para relacionamento com compromisso. As relações sem comprometimento por parte dos homens para com esse grupo de mulheres são vistas como abusivas, como pode-se notar pelas expressões “abuso afetivo”, “exposição aos abusos”, “abusadores emocionais” e “relacionamento abusivo”. Atribui-se estas práticas a um discurso misógino que ora “esconde socialmente” a mãe solteira, ora a “assume”, por vezes, de maneira abusiva. É uma situação marcada pela tensão como podemos perceber pelos enunciados: “Fingia estar bem”, “mas a gente aprende a disfarçar bem”, “Enlouqueci” e “fingindo que sou forte e que está tudo bem. Não está.”

Notamos ainda que há no sujeito o desejo de se relacionar e que a maternidade não deveria ser vista como um empecilho. Vejamos o que é dito em conformidade com uma FD mais progressista:

(SDR – Publicação 2)

Ser mãe não é amar incondicionalmente e abrir mão da vida social/sexual/amorosa; nem desfazer planos, nem se privar da carreira, nem se privar de todos os sonhos e planos traçados. Isso é ser submissa à alguém.

Aqui há uma clara oposição ao discurso de que ser mãe é “amar incondicionalmente”, “é renúncia”, “é abrir mão de muita coisa”. Todavia, a linguagem não é transparente. Na intenção de deslocar alguns sentidos de mãe, um deles acaba permanecendo, o de principal responsável pelo filho. A paternidade é novamente silenciada:

(SDR – Publicação 2)

Ser mãe é ser responsável pela vida de um terceiro, eternamente ligado a ti. Nutrir o crescimento desse ser da melhor maneira que conseguires e se esforçar muito pra que tudo dê certo pra ele, em primeiro lugar.

Sempre que se fala da mãe, se fala dela como algo terceirizado, como uma entidade atrelada ao filho de uma maneira submissa. Isso é desumanizador.

Outro discurso de mulher para casar é a que se valoriza. Nos textos analisados, um deles refere-se à admoestação que um padre faz sobre sexo antes do casamento. Dentre os diversos comentários feitos sobre esta publicação, trouxemos para análise os que dizem a respeito da mulher quanto a esta prática. Percebemos que boa parte deles culpam as mulheres pelos homens não quererem tanto assumir compromisso hoje em dia. Examinemos algumas SDR:

(SDR – Comentário à Publicação 10)

Infelizmente a mulher não se dá mais o respeito, usa seu corpo como um objeto sexual, quer disputar quem pode mais que a outra. É por isso que os homens não querem mais compromisso, namorar, noivar e casar. Isso, na cabeça da maioria, é ilusão.

(SDR – Comentário à Publicação 10)

(...) concordo com você que as mulheres não estão se valorizando, contudo isso não pode justificar os erros dos homens. Todos somos passíveis de erros e pecados e não podemos culpar outra pessoa pelo o que nós fazemos de errado.

A primeira SRD pertence a uma FD que atribui o sentido de quem “não se dá mais o respeito” à mulher que tem uma vida sexual ativa antes do casamento. A segunda SRD estabelece predominantemente uma relação de aliança com a primeira, concordando que “as mulheres não estão se valorizando” e mesmo flexibilizando a culpa da falta de compromisso masculina, acaba por reafirmar que a atitude destas mulheres é errada. Outro sentido atribuído é o de *fácil*: “É por isso que a maioria dos homens não querem mais assumir compromisso, já tem tudo fácil. É aquele ditado: tudo que vem fácil, vai fácil”. A SRD seguinte entra em aliança quanto ao sentido de que as mulheres facilitam as relações sexuais, de que são responsáveis por homens não assumirem a relação com comprometimento, chamando atenção para o fato de muitas também não desejarem isso:

(SDR – Comentário à Publicação 10)

É uma verdade, encontra fácil, tem fácil para que compromisso? Mas elas também, a maioria hoje em dia, também não querem compromisso, então é um prato cheio para eles.

Discursos que parecem mais progressistas por produzirem SRD como “a mulher pode transar antes do casamento”, podem se revelar, em certa medida, conservadores, como podemos verificar no seguinte excerto:

(SDR – Publicação 8)

Você andou dizendo por aí que não sou "mulher pra casar" porque "me comeu" no primeiro encontro. E, portanto, "não me valorizo".

Novamente a valorização e a idealização da mulher para casar está ligada à sua prática sexual. Nesta FD, atribui-se o sentido de que não serve para casar aquela que faz sexo no primeiro encontro. Há aqui uma diferença de sentidos para homens e mulheres. As que assim agem, não são dignas do casamento, mas e eles? Por que não se diz “o homem que faz sexo no primeiro encontro não serve para casar? É por meio da linguagem que as lutas se materializam. O lugar do homem e da mulher são historicamente marcados. A ele é concedido maior liberdade sexual sem que isto prejudique a sua moral, diferente do que muitas vezes ocorre com a mulher. Esta é colocada em posição inferior, está mais sujeita a condenações morais.

A mulher que se inscreve em uma formação ideológica religiosa que diz que o sexo é para o casamento e o pratica antes, é reprovada em discursos de FD conservadora e, por vezes, é taxada como “puta”. A publicação 5, “Bipolar é você que uma hora é puta e outra é evangélica”, mostra que, para a FD à qual pertence esta SDR, há uma contradição entre ser “evangélica” e ter atividade sexual antes do casamento. Esta atividade é tida como algo negativo ou condenável, o que é expresso no uso do vocábulo “puta” para designar essa mulher.

Estar inscrito em uma religião e ter uma conduta que contraria o que se prega nela é visto como problemático. Em uma FD que não vê a possibilidade de ser evangélica e ter uma vida sexual ativa antes do casamento, a “contradição” é associada a uma espécie de “bipolaridade” ou indecisão; fingimento ou confusão, como vemos respectivamente nas SDR abaixo:

(SDR – Comentário à Publicação 5)

É foda essa bipolaridade!!!! Não sabe se segura a pica ou a bíblia!!!!

(SDR – Comentário à Publicação 5)

Também não me ofendo, mas conheço várias assim fingem o que não são.

(SDR – Comentário à Publicação 5)

Na dúvida, acaba segurando ao mesmo tempo os dois. Kkkkkkk.

Ao longo desta exposição, verificamos de que maneira se dá o funcionamento discursivo sobre a idealização da mulher para o relacionamento sério. Ela é aquela que sabe executar as tarefas domésticas, que deseja a maternidade, que não pratica atividade sexual antes do casamento, que se valoriza e não é fácil e que ainda não é mãe. Vimos também a tentativa de ruptura destes discursos por discursos em que não apenas este tipo de mulher seria a considerada adequada para o relacionamento com compromisso, mas outros também que estariam fora desse padrão, como o de mulher que exerce a sexualidade antes do casamento, que mantém relações sexuais no primeiro encontro ou que já é mãe.

4.2.2 Fidelidade e traição

Conforme foi tratado no capítulo 1, o estabelecimento da propriedade privada determinou o casamento e, conseqüentemente, o lugar do homem e da mulher. Na sociedade ocidental, de modo geral, adotou-se a monogamia, a qual se tornou assegurada pelas leis civis e religiosas. Acrescenta-se a isso, a exigência da fidelidade, sobretudo às esposas, a fim de evitar que elas tivessem relações extraconjugais e filhos fora do casamento que transferissem a herança para outra família (BEAUVOIR, 2016).

O casamento monogâmico, contudo, não garantiu relações, de fato, monogâmicas. Embora as leis e a religião procurassem coibir a infidelidade, na realidade, ela existia e era tratada de modo distinto para cada um dos cônjuges. Se fosse por parte do marido, era tolerada e se fosse por parte da esposa não.

Os homens casados, desde a Antiguidade, mantiveram relações paralelas ao matrimônio, fossem elas com concubinas, escravas, prostitutas ou com outras mulheres da sociedade como parentes, jovens solteiras ou mesmo casadas. Historicamente, o adultério foi uma prática masculina uma vez que boa parte da sociedade ocidental era patriarcal. Nela, as relações entre homens e mulheres eram desiguais.

Contudo, ao longo da história, as mulheres foram se emancipando e a relação com homem foi mudando. Hoje, como se dão as relações com compromisso no que

se refere à fidelidade? Quais são os discursos que circulam a este respeito? Pela análise do corpus, observamos que há diferentes discursos para a mulher traída, para a mulher e para o homem que trai.

Notamos que há discursos em conflito sobre a mulher traída. Em uma FD, dita-se como deve ser a mulher ideal para que o homem não a traia. Ela deve sempre tratar bem o marido, como afirma a seguinte SDR:

(SDR – Publicação 14)

Homem quando é bem tratado, não procura mulher na rua.

Entretanto, outra FD se constitui em oposição a este discurso e produz SDR como:

(SDR – Publicação 14)

[...] homem tem que fazer por onde, para poder ser bem tratado pela amada.

Há discursos nos quais a mulher deve sempre zelar pela aparência e não ser frígida para evitar a traição. Em contraposição a este discurso, temos o que o nega completamente, conforme verificamos na seguinte SDR:

(SDR – Publicação 15)

Já vi mulher linda ser traída. Já vi mulher que gostava de sexo 24 horas e ser traída.

A primeira FD também diz que para evitar que os homens sejam infiéis, as mulheres não devem aceitar cantadas ou gostarem de ser admiradas. Nela, encontram-se asserções como:

(SDR – Comentário à Publicação 15)

(...) se cada mulher que recebesse uma cantada de um homem, soltasse os cachorros neles, não existiria homens safados, éramos todos santos.

(SDR – Comentário à Publicação 15)

Pois é, a mulherada adora ser cantada e admirada. Ai depois ficam muito visada, e o homem não confia e acaba fazendo pior (certos homens pensam assim). Não é o meu caso, eu sou chato. Gosto daquela mulher que dá a resposta na altura, assim pra mim, quanto para os outros. No meu mundo de 10, têm duas.

Nesta, como em outras SDR com as quais se aliança, verificamos que há uma construção sobre a mulher quanto à infidelidade do marido/namorado. Uma FD conservadora diz que dependendo do comportamento da mulher, o homem a trai ou não, ou seja, desloca o sentido de responsabilidade do homem para a mulher. A FD

progressista se opõe à FD conservadora, procura desconstruir esse sentido e tirar a responsabilidade e a culpa da mulher.

Observamos uma série de procedimentos que dizem como a traída deve agir para com o marido e para com a amante. Em relação ao cônjuge, há um discurso que diz para que ela o perdoe e continue o relacionamento, sabendo que ele não será mais o mesmo e que deverá exigir do marido compromisso. A partir dela, se produz uma SDR como:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Quando a pessoa ama a outra de verdade perdoa dá uma chance... ele ia dançar conforme eu tocar.

Outros discursos concordam quanto ao perdão, mas discordam quanto à permanência do relacionamento, como podemos verificar no seguinte comentário a este respeito:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Acho que perdoar é essencial sim! Mas isso não significa que tem que manter o relacionamento!

Ainda há um terceiro discurso que se posiciona radicalmente contra a continuidade da relação em enunciados que não fazem menção ao perdão, mas à ação de término imediato, como em na seguinte SDR:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Eu largaria o cara.

Neste discurso, a mulher que permanece com o marido após a traição é a que será enganada novamente e que não se ama, como verificamos nas SDR abaixo:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

[...] vai continuar sendo traída

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Trouxa.

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Falta de amor próprio.

E a mulher com quem se trai, como ela é descrita? Quais sentidos são atribuídos a ela? Diferentemente da esposa que é relacionada ao lar, a mulher com

quem se trai está relacionada ao espaço oposto, à rua. Outra distinção verificada é quanto ao modo que são referidas. A esposa é a “parceira”, a “amada”, enquanto a amante é a “vagabunda”, a “puta”, a “safada”, a “vadia”.

(SDR – Comentário à Publicação 17)

[...] se pondo no LUGAR de MULHER que se valoriza, que tem caráter

Enunciados como este fazem parte de um discurso conservador que diz que a amante é uma mulher que não se valoriza e que é sem caráter. É a culpada pela traição e, por vezes, pela destruição do lar. Contudo, há outro discurso que questiona a culpabilidade da amante. Desloca o sentido de culpa majoritariamente atribuído a ela e polemiza esta questão, conforme podemos observar no excerto a seguir:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Cara não acredito como podem existir mulheres que acham que a amante está apenas tentando destruir seu lar ... Agora vem colocar a culpa nas amantes?

Estes enunciados se construíram em oposição ao discurso que rechaça a amante, mas absolve o marido na traição, como o que diz:

(SDR – Comentário à Publicação 17)

Vou espancar amante e continuar com ele.

E o que se diz sobre o homem que trai? As palavras que mais se repetiram nos enunciados referentes à traição masculina foram caráter, respeito, confiança, safado e miúdo. No que se refere à traição e caráter, notamos que há um categorização entre homens que traem e que não traem.

(SDR - Publicação 15)

[...] o que segura um homem é o próprio caráter

Se parafrasearmos a SDR acima, temos outros possíveis enunciados, como: “o que faz com que um homem não traia é o seu caráter” ou “o caráter não permite o homem trair”. O efeito de sentido aqui é “homem de caráter não trai”.

(SDR - Publicação 15)

[...] ele não tem o direito de trair a sua companheira com qualquer vagabunda na rua, isso seria falta de caráter da parte dele.

A SDR acima se aproxima da SDR anterior quanto à traição e caráter. Analisando o efeito de sentido produzido por ela temos: homem que trai, não tem caráter.

Observamos ainda que a presença de uma FD progressista que questiona o sentido de caráter e de respeito ligados predominantemente ao homem. Examinemos as SDR que seguem:

(SDR – Comentário à Publicação 15)

Você falou dela ser bonita, ser gostosa e tal, mas não falou do caráter, respeito e companheirismo. Por que só tem de vir do homem?

(SDR – Comentário à Publicação 15)

O respeito tem que vir dos dois lados e não só do homem ou só da mulher.

É possível notar um deslocamento no sentido de “caráter” e de “respeito”. A primeira SDR estabelece relação de oposição a SDR que exigem estas características para os homens e não estendem a mesma exigência para as mulheres. A segunda SDR estabelece aproximação com a primeira, no que se refere ao caráter e ao respeito como características para ambos os gêneros, mas de maneira menos polêmica que a anterior.

Enquanto a FD conservadora responsabiliza a esposa e a amante pela traição do marido, a FD progressista responsabiliza o cônjuge. Examinemos a publicação 16:

(SDR - Publicação 16)

Se o seu namorado mantiver o respeito, mil garotas podem dar em cima dele e nada vai acontecer. Quem te deve alguma coisa é ele. Quem te jurou amor e fidelidade foi ele.

Agora se você leu conversas comprometedoras, viu fotos de outras mulheres no celular dele ou toda vez que ele está longe de você age de maneira diferente, o problema é ele. Pare de chamar toda mulher de vagabunda, às vezes a “vagabunda” é o seu namorado.

Relacionando as assertivas “Quem te deve alguma coisa é ele. Quem te jurou amor e fidelidade foi ele” e “o problema é ele”, verificamos que é atribuído ao marido a responsabilidade da traição, deslocando o sentido de que a culpa é da esposa ou da amante. Quando se diz: “às vezes a “vagabunda” é o seu namorado”, percebemos que esta SDR vem de uma FD progressista, oposta à FD conservadora, que diz que as mulheres que traem são vagabundas. O sentido de vagabunda associado ao significante mulher desloca-se em direção ao significante “namorado”,

produzindo um efeito de que, algumas vezes, quem age como “vagabunda” é o homem com quem se tem compromisso. Nessa FD, os adjetivos “vagabunda”, “puta”, “vadia” e “safada”, comumente relacionados à amante, são relacionados ao homem, não como único ou maior culpado pela traição, mas na mesma relação de culpa em que se encontra a mulher com quem se trai. Os comentários feitos à publicação 16 mostram essa relação:

(SDR – Comentário à Publicação 16)

TUDO PUTA, eles e elas.

(SDR – Comentário à Publicação 16)

É vadia igual.

(SDR – Comentário à Publicação 16)

Os dois são safados, ele porque trai sua mulher e ela por aceita ficar com cara comprometido.

Nesta responsabilização do homem pela traição, há elementos de discurso científico que são mobilizados como argumentos. Observemos o seguinte comentário da publicação 15:

(SDR – Comentário à Publicação 15)

[...] o ser humano se diferencia dos demais animais exatamente por ser um ser racional seja homem ou mulher, ou seja tem capacidade de pensar e decidir sobre suas ações.

Esta SDR se opõe a SDR que naturalizam a ação de se relacionar sexualmente com outra pessoa fora do casamento. Nega-se ao já-dito “é o instinto do homem” e busca-se impor o sentido de razão como podemos verificar pelo uso das palavras “racional”, “pensar” e “decidir”.

Verificamos ainda que uma FD progressista se opõe ao sentido de que é apenas o homem que trai. Nela, a mulher que está dentro do compromisso não está isenta da prática de traição quando possui “contatinhos”. Este neologismo refere-se a pretendentes, ficantes ou mesmo amantes, cujos números de contato estão salvos no celular. A existência desses contatos no telefone móvel de uma mulher que namora ou é casada configuraria uma espécie de traição também. Além da sugestão da traição, sugere-se também uma negação por parte da mulher sobre a prática de infidelidade. Examinemos este comentário feito à publicação 14:

(SDR – Comentário à Publicação 14)

Ué... Mas namora e tem contatinhos? Ah é ... Esqueci, são aqueles caras que a gente fica putô e vocês falam, "nada a ver, é meu amigo.

4.2.3 Sexo: prazer, sentimento e/ou reprodução/maternidade

Durante o período de profunda influência da Igreja Católica sobre a formação e sobre as práticas da sociedade, o discurso religioso constituía o discurso da sexualidade. O sexo dentro do casamento tinha como finalidade a reprodução. O prazer era proibido e concebido como pecaminoso, sobretudo para as esposas, que não poderiam demonstrar o gozo (DEL PRIORE, 2014). Vimos no capítulo 1 desta pesquisa, que as relações sexuais antes do casamento tornaram-se mais frequentes a partir da intensa urbanização que as cidades sofreram, devido à maior interação entre os jovens que estudavam e trabalhavam juntos (PINSKY, 2012). Estas mudanças nas relações permitiram maior exercício da sexualidade e a atribuições de novos sentidos para elas. As feministas já reivindicavam por liberdade sexual, por exemplo. Diante de tantas mudanças, quais são os sentidos atribuídos atualmente ao sexo dentro de uma relação com compromisso?

Pela análise do corpus observamos que para algumas FDs o sexo está relacionado ao casamento e para outras não. Em determinada FD religioso-cristã, o discurso é construído em forma de comparação, opondo a relação sexual anterior ao matrimônio àquela consumada após o enlace. É atribuído ao sexo antes do casamento um valor negativo e ao sexo após o casamento, um valor positivo. O primeiro valor negativo visto na publicação 10 é o de compulsão. Nela, observamos a apropriação de elementos de discurso científico:

(SDR - Publicação 10)

O ser humano é muito diferente dos animais. Quando um animal tem uma relação sexual e chega ao ápice do prazer, fica plenamente satisfeito e o desejo cessa, pois alcançou a gratificação sexual. Já o ser humano, quando tem uma relação sexual ainda permanece insatisfeito. É possível que ele, então, passe de uma relação para uma segunda, terceira, quarta... até que ela se torna uma compulsão, uma espécie de doença. Ora, é claro que nem todos os seres humanos fazem isso, mas podem ter esse tipo de doença, já os animais nunca. Não existe nenhum exemplo de animal que pratique o sexo compulsivamente. Quanto aos seres humanos...

Notemos como se distingue a relação sexual dos animais e do ser humano. O coito, o prazer, a satisfação e o desejo parecem estar em relação harmônica no meio animal. A mesma relação não é estabelecida para a espécie humana. Nela, a

satisfação não seria alcançada, o homem permaneceria “insatisfeito”, seu desejo não cessaria e ele continuaria a praticar o sexo até como uma “compulsão”, atribuindo a este tipo de prática o sentido de “doença”.

Seguindo a distinção entre os animais e as pessoas, acrescenta-se a noção de “alma” para justificar uma prática espiritual do sexo, via matrimônio:

(SDR - Publicação 10)

Quando um homem e uma mulher se unem, o sexo é mais do que uma união animal. É muito mais do que aquilo que um animal macho e um animal fêmea fazem, pois os seres humanos possuem alma. A existência da alma demonstra o quanto o sexo deve ser vivido espiritualmente, pois a alma busca a felicidade. Por isso que a Igreja insiste que, quando os seres humanos unem os seus corpos, unem igualmente as suas almas. Daí a necessidade do matrimônio.

Como podemos compreender pelos dois excertos citados, um discurso de base religiosa se aproxima de um discurso de base científica para distinguir a relação sexual dos animais (não compulsiva) e dos homens (compulsiva), ora sem menosprezar o primeiro tipo de relação, ora estabelecendo uma relação de superioridade ao enunciar: “É muito mais do que aquilo que um animal macho e um animal fêmea fazem, pois os seres humanos possuem alma”. O sexo para a FD religiosa cristã é a união de almas, como verificamos em “quando os seres humanos unem os seus corpos, unem igualmente as suas almas”.

Além disso, notamos que, nesse discurso, ainda permanece a relação entre sexo e reprodução. A relação sexual dentro do casamento permite a reprodução, enquanto, por vezes, a que ocorre fora do matrimônio não permite, ao ser associada ao uso do preservativo. Desta maneira, exalta-se o primeiro tipo de relação em detrimento do segundo:

(SDR - Publicação 10)

Além disso, a afirmação de total doação de um para o outro antes do matrimônio não procede, pois, se assim fosse, não haveria a necessidade do uso de qualquer contraceptivo. O que se vê é uma recusa de um em se “misturar” com o outro e o ato sexual faz exatamente isso: mistura as duas pessoas.

Ora, quando se é rejeitada qualquer possibilidade de um filho, que é a 'mistura' dos dois, é porque não se está pronto para a união sexual e então, ela se torna mentirosa e destruidora. E destrói a ambos.

Vejamos quais os efeitos de sentidos produzidos por esta FD para o significativo “sexo”. Ao se contrapor à afirmação de “total doação”, oriunda da FD

que é a favor do sexo antes do casamento, e negando esse sentido, ao enunciar “não procede”, o que se compreende é o não-dito: sexo no casamento é doação. E doação se relaciona à reprodução, visto que questiona “a necessidade do uso de qualquer contraceptivo”. O sexo que é “união de almas” é também a “mistura de duas pessoas” e os filhos são o produto dessa mistura espiritual e carnal:

(SDR - Publicação 10)

Assim, unidos pelo sacramento do matrimônio, em corpo e em alma, poderão então se “misturar” nos filhos, os quais querem ter pais para sempre.

A relação sexual antes do casamento é vista como “mentirosa” e “destruidora”. Para manter esta ideia, o sujeito do discurso retoma falas de uma FD mais tradicional e conservadora, e produz a seguinte SDR:

(SDR - Publicação 10)

A mulher, por sua natureza, quando faz sexo antes do casamento, de modo quase inconsciente se questiona se é amada realmente ou se foi apenas usada. Isso se dá porque ela sabe que o homem é capaz de fazer sexo com qualquer coisa. Sabe que o ato sexual para o homem não necessariamente significa um ato de amor. Quanto ao homem, ele se pergunta se aquela mulher que foi capaz de transgredir a lei com ele, não seria também com outro? O relacionamento entre ambos se abala diante da falta de confiança.

Nesta FD, a relação sexual é representada de duas maneiras distintas para a mulher e para o homem. Para ela, o sexo está relacionado ao amor, para o homem, “não necessariamente”. E o contrário de ser “amada” é ser “usada”. Novamente, a responsabilidade maior da relação conjugal é atribuída à mulher que permite a “transgressão”. Por este motivo, a confiança dela é questionada, assim como a do homem, quando se enuncia “homem é capaz de fazer sexo com qualquer coisa”.

Estas SDR mantêm aliança com a SDR que diz que o sexo antes do casamento torna a pessoa em um “objeto de gratificação sexual”, como verificamos no excerto abaixo:

(SDR - Publicação 10)

São João Paulo II, fez uma série de catequeses intituladas “Teologia do Corpo”, onde ensinou que um ato sexual pode ser mentiroso. Isso ocorre porque quando um homem se une à uma mulher, ele está a dizer com o seu corpo: “Sou todo teu” e da mesma forma ela. Ora, quando o sexo é vivido fora da realidade matrimonial e um dos dois, após o ato, se levanta e vai embora, o “sou todo teu” tornou-se uma mentira.

(...)

Assim, o sexo antes do casamento, em vez de confirmar o amor, confirma tão somente o egoísmo, pois o contrário do amor não é necessariamente o ódio, pode ser também usar o outro, transformando-o num objeto de gratificação sexual, sem qualquer compromisso.

Neste excerto, percebemos que o sexo antes do casamento é concebido como “mentiroso”. Se este tipo é mentiroso, o outro, dentro do casamento, seria o “verdadeiro”; é isto que podemos compreender no não-dito. Nesta FD, ele é mentiroso porque não se cumpre o “todo seu” quando uma das partes vai embora, já que não estão casados, porque não há “doação”, “disponibilidade”, “compromisso”, apenas “gratificação sexual” e não “união de almas”, “mistura”, entre outros sentidos associados. Desta maneira, ratifica-se o valor negativo da prática sexual antes do casamento.

Nos comentários desta publicação, verificamos enunciados que estabelecem relação de aliança ao discurso que defende o sexo somente no matrimônio:

(SDR - Comentário à Publicação 10)

Se ambos são cristãos, conhecem os ensinamentos então porque não casar na igreja? Ou estão naquela "não precisa, se não der certo?", fazendo o "teste drive".

(SDR - Comentário à Publicação 10)

(...) defensores do ato antes do casamento, é pecado e mortal.

Há aquelas SDR que se aliam quanto à responsabilização da mulher em facilitar o sexo e não incentivar o compromisso e em se tornar “objeto sexual”, como podemos verificar nesses excertos:

(SDR - Comentário à Publicação 10)

É uma verdade, encontra fácil, tem fácil, para que compromisso? Mas elas também, a maioria hoje em dia, também não querem compromisso, então é um prato cheio para eles

(SDR - Comentário à Publicação 10)

Infelizmente a mulher não se dá mais o respeito, usa seu corpo como um objeto sexual, quer disputar quem pode mais que a outra. É por isso que os homens não querem mais compromisso, namorar, noivar e casar, isso na cabeça da maioria é ilusão.

A relação sexual sem compromisso, em uma FD conservadora, é compreendida de modo distinto para o homem e para a mulher. Quando se diz: “é um prato cheio para eles”, aceita-se a busca deles por relações casuais. Não há uma recriminação ou questionamento desta prática. Ela aceita como se fosse

natural. A mesma prática não é vista com a mesma naturalidade para a mulher. Ela é recriminada, “não se dá mais o respeito”, e é culpada pelo homem não se interessar em relações com compromisso. Uma relação inversa não é feita, a que considera a possibilidade do homem não querer relacionamento com compromisso e que, por esse motivo, a mulher também pratica o sexo casual.

Na FD progressista, sexo e casamento não estão diretamente ligados. Possuem sentidos particulares e são conceitos organizados hierarquicamente. Nelas, o sexo está em relação de menor importância comparado ao casamento. Examinemos estas duas SDR:

(SDR - Comentário à Publicação 10)

Sexo só faz parte da vida, mas isso não é tudo. O casamento só vem para fortalecer a união que já vem dando certo.

(SDR - Comentário à Publicação 10)

É apenas uma necessidade física, o casamento em si vai muito além.

Vimos que, para a FD religiosa, a relação sexual está relacionada ao amor quando consumada após o matrimônio. Nele, haveria doação total de uma pessoa para outra e elas não seriam apenas objetos de gratificação sexual. Observamos que esse batimento entre sexo e amor persistiram em outros textos do corpus, como na publicação 12. Nesta última, os enunciados são constituídos por meio de uma estrutura sintática que alterna orações negativas, para se contrapor a um discurso do sexo como uma relação mais física, e orações afirmativas, que deslocam este sentido de sexo e o aproxima do sentido de amor. Examinemos, primeiramente, as orações negativas:

(SDR - Publicação 12)

Não é só colocar dentro [...] Não é só abrir as pernas [...] e Não é suar o corpo, puxar o cabelo.

Os efeitos de sentidos que elas produzem é de que a relação sexual não é apenas uma relação corpórea. A estes enunciados, se contrapõem as orações afirmativas

(SDR - Publicação 12)

[...] é estar dentro! Das inseguranças, das incertezas, do medo de não dar certo. [...] é abrir a alma, abrir o coração. [...] é puxar um sorriso, é dar um abraço, tocar o rosto, olhar nos olhos.

Os efeitos de sentidos que elas produzem é a relação sexual para além da relação corpórea, é uma relação sentimental, em que “insegurança”, “incerteza” e “medo” fazem parte; em certa medida também, é uma relação espiritual, uma vez que envolve a “alma”; e é uma relação em que corpo é usado para a manifestação do afeto como o “sorriso, “o abraço”, o “tocar no rosto” e o “olhar nos olhos”. As relações sexuais que são apenas corpóreas estão associadas ao prazer e ao momentâneo, como verificamos na frase que introduz a conclusão do texto:

(SDR - Publicação 12)

Pois o prazer dura minutos.

As relações sexuais que ultrapassam o corpo e envolvem o afeto estão associadas ao amor e a um relacionamento duradouro, conforme é dito na adversativa a seguir:

(SDR - Publicação 12)

[...] mas o carinho, o cuidado e o amor, esses duram uma vida inteira.

Verificamos que nos comentários feitos a esta publicação, alguns enunciados seguem nesta distinção entre o sexo puramente carnal e o sexo afetivo, que por vezes é substituído pela palavra “amor”. Fazem parte desta FD SDR como:

(SDR – Comentário à Publicação 12)

Com o corre-corre hoje em dia, até no sexo estamos tendo pouco tempo. Muitos homens e mulheres estão apenas matando a vontade do corpo, liberando o estresse, porque pra fazer amor, precisamos de tempo. Hoje em dia a maioria dos casais, não se olham, nem se beijam durante o sexo.

(SDR – Comentário à Publicação 12)

(...) que nunca deixemos de fazer nosso amorzinho 11/10 com nossos "eu te amo" no meio, nossos beijos e carinhos, cê é tudo pra mim.

(SDR – Comentário à Publicação 12)

Sempre tem que ir muito além do corpo à corpo e do pronto, acabou. É um momento do casal, não é só eu ou você pelo prazer, e sim o NÓS.

Olho no olho, beijos, carinhos que vão além da alma. Isso sim, leva as nuvens.

Em algumas outras SDR, percebemos uma FD que distingue o sexo mais carnal que espiritual, contudo desloca o sentido de prazer restrito ao primeiro tipo de sexo para o segundo:

(SDR – Comentário à Publicação 12)

(...) disso que eu te falo quando digo que não sinto prazer com quem não tenho intimidade. É porque pra mim, sexo vai além de prazer físico, envolve a alma das duas pessoas, a energia, a conexão real entre elas, entre as suas áureas... Nós temos algo muito lindo entre nós e eu jamais trocaria isso por nada. Eu te amo por completo e quando acontece... Ah... É sempre mágico. Por mais que seja selvagem, sempre fazemos amor.

No capítulo 1, vimos que o prazer era proibido à mulher (PINSKY, 2012), mesmo dentro do casamento (DEL PRIORE, 2014). Desde à Antiguidade ele estava associado somente à relação sexual com prostituta. No Brasil Imperial, o discurso conservador admoestava a esposa para que não se permitisse ao prazer pois isso era mal visto: “porque a mulher que se abandona a todos os caprichos e fantasias se faz desprezível aos olhos de sua própria consciência e aos de seu marido se ele não é um libertino e debochado” (DEL PRIORE, 2014, p. 82). A sua consciência deveria desprezar o prazer. Já em 1970, o direito ao prazer foi um discurso defendido pelo movimento feminista. Nas SDR acima mencionadas, verificamos que, atualmente, este prazer já é permitido à mulher.

4. 3 Relações sem compromisso

Nesta secção, discorreremos sobre o discurso das relações sem compromisso. Descrevemos o funcionamento discursivo sobre sexo no primeiro encontro e sobre a liberdade para relações sexuais casuais.

4.3.1 Sexo no primeiro encontro

Conforme vimos no capítulo 1, a intensa urbanização das cidades favoreceu a maior interação entre os jovens e um maior desenvolvimento da sexualidade. Assim, por volta dos anos de 1970, o sexo antes do casamento começou a ser mais frequente.

Por meio da análise do corpus, observamos que a FD progressista permite a relação sexual anterior ao matrimônio e a FD conservadora não admite este tipo de relação. Os tipos de relacionamentos também vem mudando. Nem sempre o namoro é a primeira etapa de um relacionamento. Hoje em dia, é comum o “ficar”, isto é, quando as pessoas se beijam ou se relacionam sexualmente sem o compromisso do namoro.

Nesta análise, notamos que o sexo que ocorre logo no primeiro encontro possui efeitos de sentidos diferentes. Quais sentidos são atribuídos à mulher que pratica o ato sexual na primeira saída? E quais sentidos são atribuídos ao homem? São os mesmos ou são diferentes? Que tipo de relação eles estabelecem? Estas são as questões desenvolvidas nesta seção.

Durante a análise da publicação 8 e da 11, juntamente com seus respectivos comentários, percebemos que muito mais se diz e se discute sobre a mulher que mantém relações sexuais no primeiro encontro do que sobre o homem. Pelo menos duas formações discursivas se destacam: uma mais conservadora e outra mais progressista e libertária. Examinemos as seguintes SDR:

(SDR – Publicação 8)

Você andou dizendo por aí que não sou "mulher pra casar" porque "me comeu" no primeiro encontro. E, portanto, "não me valorizo".

(SDR – Comentário à Publicação 11)

[...] Ai quando nós decidimos levar a vida como nós queremos, sem nos privar, as pessoas que se julgam donas da verdade vêm falar que mulher assim não presta ou não tem valor.

(SDR – Comentário à Publicação 11)

[...] Pois se um homem ele vai pra uma balada e faz sexo de primeira com a mulher é porque ele é foda. E a mulher? "PUTA".

Nestas SDR, há uma representação do discurso de outra FD. Por se tratar de uma representação e não de uma SDR produzida efetivamente pela FD conservadora, supomos a possibilidade de uma re-interpretação pela FD progressista acerca de um discurso que pertenceria à FD conservadora. Deste modo, o sentido de mulher seria representado a partir de uma série de orações negativas. A mulher que faz sexo no primeiro encontro “não é “mulher pra casar”, “não se valoriza”, “não tem valor” e “não presta”. O adjunto adverbial de negação além de produzir um efeito de sentido de negatividade sobre o significante mulher, permite-nos descrever uma categorização de mulher: a que é para casar e a que não é, a que se dá valor e a que não se valoriza, a que tem valor e a que não tem, a que presta e a que não presta.

Contudo, esta categorização não é aceita sem resistência, observemos que essas SDR fazem parte de falas de sujeitos femininos que questionam o discurso de

que a mulher que se relaciona sexualmente no primeiro encontro não serve para um relacionamento com compromisso e não possui valor.

Verificamos que mesmo em um tempo em que o sexo é uma prática mais comum entre pessoas solteiras (PINSKY, 2012), ele permanece relacionado ao casamento. Conforme vimos, a condição em que ele ocorre, categoriza a mulher para se relacionar ocasionalmente ou para se relacionar de forma duradoura. A SDR a seguir mostra essa categorização:

(SDR - Publicação 10)

O homem moderno gasta seu tempo procurando uma mulher para dormir. O homem conservador procura a mulher que vale a pena acordar todos os dias de sua vida.

Além disso, podemos observar como o discurso vai se constituindo em resposta a esta categorização. O sujeito feminino também categoriza o sujeito masculino em homem para uma relação com compromisso, como o namoro ou o casamento, ou para o sexo casual.

(SDR – Publicação 8)

Quem disse que eu quero me casar? Que, se eu quisesse, seria com você?

[...]

Se você categoriza garotas assim, EU é que não te considero "homem pra compartilhar a vida". Quero um cara que me enxergue muito além desse seu critério.

[...]

Definitivamente, você só serviu para uma trepada mesmo. E, olha, confesso que esperava mais de você. Nunca namoraria um cidadão que não faz sexo oral e goza antes de me satisfazer. Acho meio antiquado e egoísta, sabe? O amor que eu almejo é generoso em todos os sentidos. Tem a ver com cumplicidade, igualdade e respeito.

Conforme a FD em que se inscreve o sujeito deste discurso, o homem que categoriza a mulher por ela fazer ou não sexo no primeiro encontro não serve para casar, para “compartilhar a vida”. Este tipo de homem só serve para o sexo sem compromisso, para “uma trepada mesmo”. Aquele que não valoriza o prazer feminino, como o “sexo oral” e nem espera que ela goze para poder gozar, não serve como namorado, é considerado “antiquado” e “egoísta”. Uma relação com compromisso está ligada ao “amor”, que por sua vez, está relacionada com “cumplicidade, igualdade e respeito”, características de homem ideal para o namoro ou casamento.

Percebemos que o discurso predominante é acerca da mulher e não do homem que faz sexo no primeiro encontro. Mas o que se diz sobre este homem? Para um FD conservadora e machista, ele é o agente da conquista:

(SDR – Publicação 9)

O homem moderno gasta seu tempo procurando uma mulher para dormir. O homem conservador procura uma mulher para acordar todos os dias de sua vida.

Contudo, verificamos um discurso de resistência que ironiza o discurso do homem como conquistador. É o caso da SDR abaixo:

(SDR – Publicação 8)

Não foi você quem CONSEGUIU me comer, fui eu que DECIDI te dar.

Este discurso é marcado pela heterogeneidade que o constitui. Temos aqui um caso de heterogeneidade mostrada não marcada (AUTHIER-REVUZ, 1990) que é a ironia. O sujeito, ao representar o discurso de outra FD ironicamente, estabelece sua relação de oposição ao que seria um tipo de conquista do sujeito masculino, deslocando este sentido para o sentido de uma relação inversa, a de decisão por parte do sujeito feminino.

Não raras vezes, os enunciados da FD progressista se constroem em resposta a enunciados da FD conservadora. Enquanto esta FD valoriza comportamentos que seguem os padrões morais e a repressão do desejo, aquela outra FD valoriza atitudes autênticas e não reprime esse desejo, que é valorizado e não desprezado.

(SDR – Publicação 8)

Eu me valorizo tanto que não preciso da opinião alheia para saber quem sou e quanto valho. Valorizo o que eu sinto, não reprimo meu desejo nem finjo ser outra para agradar seus padrões moralistas.

Na FD progressista, o significante “vontade” e “desejo” estão associados ao significante “direito”, como verificamos nas SDR seguintes:

(SDR – Publicação 8)

Veja, não estou convocando todas mulheres a transarem de cara. Estou defendendo o direito legítimo daquelas que tiverem vontade. Sem que essa atitude interfira na forma como elas serão tratadas no dia seguinte.

(SDR – Comentário à Publicação 8)

Não é nem ter direito a gozar! É ter direito a fazer o que quiser de sua própria vida. Cada um tem o direito de fazer o que bem entender, seja homem ou mulher. Somos todos livres.

(SDR – Comentário à Publicação 11)

Para os que julgam, para os que amam julgar mulheres que curtem a vida, que não se privam de suas vontades e momentos. Pois nós mulheres temos desejos e vontade iguais aos homens (idem).

(SDR – Comentário à Publicação 11)

[...] Gente temos que aprender que sentimos desejos e vontades sim!!!! Não porque somos fáceis. Pois se rolou foi por que os dois quiseram e não porque o homem é foda e a mulher é "Putá" ou fácil.

Verificamos alguns conflitos que se materializam no discurso. O sujeito feminino luta pela equiparação de direitos que o homem possui, como o direito de se relacionar sexualmente no primeiro encontro, de não interferência quanto ao modo de ser tratada posteriormente, de fazer o que quiser, de não ser privada de suas “vontades” e “momentos” e de não ser categorizada como “puta” ou “fácil”.

Algumas vezes, encontramos discursos que pareceriam pertencer a uma FD mais progressista, mas pelo significante que usam para se referir a uma mulher que se relaciona com mais homens, se mostra pertencente a uma FD mais conservadora, como podemos verificar em:

(SDR – Comentário à Publicação 8)

Homem pode ser galinha??? Porquê?? Mulher também pode, ela se sustenta, faz o que quiser.

Mesmo quando o sujeito feminino questiona a igualdade de direitos, acaba por distinguir e categorizar as mulheres, retomando o significante “galinha”, termo pertencente a uma FD conservadora.

A sexualidade feminina tem significações distintas para diferentes FD. Para uma FD mais conservadora e machista, essa sexualidade é vista como critério de categorização e valorização da mulher. Conforme foi exposto, classificam-nas em mulher para casar e mulher que não é para casar.

Para a FD progressista, a sexualidade não é o todo de uma mulher, é uma de suas “facetas”. Não corresponde ao seu único valor. Notemos como o sujeito feminino procura expor outras atitudes consideradas valorosas como sua dedicação à família, aos estudos, ao trabalho, a questões sociais, entre outros.

(SDR – Publicação 8)

Porque, se eu transei na primeira ou na vigésima vez, não faz a menor diferença. Eu continuo gostando de Rolling Stones, cuidando da minha avó doente, planejando a próxima viagem exótica, passeando com a minha cachorra, tentando entender as raízes históricas da guerra entre Israel e

Palestina, pagando minhas contas, cozinhando o melhor feijão do planeta, morrendo de rir com as amigas que cultivo desde a infância, sendo elogiada pelo meu desempenho profissional... A sexualidade é apenas uma das minhas facetas. Mas, para você, ela é nota de corte. É suficiente para me tornar desinteressante aos seus olhos.

4.3.2 A liberdade nas relações sexuais casuais

Para uma sociedade em que a sexualidade ainda esteja fortemente ligada a relacionamentos com compromisso, namoro ou casamento, o sexo casual é um assunto que causa discussões, especialmente quando se refere à adesão da mulher por esse tipo de prática. Contudo, desde o movimento feminista nos anos 70, já se discutia o direito ao amor livre e ao prazer. Atualmente, há discursos mais progressistas quanto à relação sexual sem compromisso e há outros que permanecem conservadores. Discorreremos nesta seção quanto ao modo de funcionamento desses discursos.

A relação sexual sem compromisso pode ser significada de maneira diferente dependendo da FD. Em dada FD, ter se relacionado sexualmente com várias pessoas é negativo:

(SDR – Comentário à Publicação 11)

Mulher nenhuma gosta de ficar com cara que já pegou muitas, e da mesma forma, homem não quer ficar com mulher que já agarrou metade dos amigos dele.

Na SRD acima, o discurso de outra FD é representado. Nesta representação, a reinterpretação deste discurso diz que o homem que se relaciona com várias mulheres é “garanhão”, mas a mulher que se relaciona com vários homens é classificada como “puta”:

(SDR – Comentário à Publicação 6)

[...] É tipo aquela: porque que homem quando pega muitas é garanhão e quando a mina pega todos é puta/rodada? Pra mim cada um faz o que quiser sem merecer julgamento... Do mesmo jeito que o cara pode ficar com muitas e a mina também pode... Só que a sociedade sempre cai matando em cima das mulheres não sei porque...

Na SDR acima, o sujeito fala a partir de uma FD contrária à FD conservadora e machista. Ele questiona essa desigualdade de sentidos atribuídos ao homem e à mulher no que se refere a experiência sexual com várias pessoas, que ocorre normalmente na circunstância de sexo casual. A FD, a partir de qual o sujeito produz

o seu discurso, caracteriza-se como mais progressista. Nela, a mulher também pode ter mais relações sexuais com mais pessoas. Além disso, o homem também pode ter as mesmas experiências sem ser taxado negativamente por isso. Logo, compreendemos que, para esta FD, o sexo sem compromisso é permitido.

Há, contudo, discursos que também parecem mais progressistas e são conservadores:

(SDR – Comentário à Publicação 6)

Esse tabu é velho mesmo, tá mais que passado. Hoje em dia, tem mulher pior que homem... É só todo mundo comer caladinho que dá certo.

O final deste enunciado poderia pertencer a uma FD progressista por dizer que “todo mundo”, homens e mulheres, pode “comer”, mas ao acrescentar o predicativo “caladinho”, ele se mostra conservador. Ou seja, sabe-se que nesta FD o sexo casual é reprovável e que portanto, deve-se esconder sua prática. Mesmo ao dizer que “É só todo mundo comer caladinho”, nesta FD, a mulher é colocada em posição desprestigiada, como verificamos em “Hoje em dia tem mulher pior que homem”.

O discurso de uma FD se define por suas relações interdiscursivas. Para sustentar um discurso machista e conservador, o sujeito pode aderir a sua fala enunciados de outras FD, bem como os oriundos da ciência. Foi o que observamos em:

(SDR – Comentário à Publicação 6)

Isso acontece porque homem e mulher são seres diferentes. Um homem e uma mulher nunca vão ser igual ou ter direitos iguais por serem de sexos diferentes. É muito mais fácil uma mulher pegar vários do que um homem pegar várias. E é esse o motivo das mulheres ficarem mal falada, porquê pegar vários não é algo difícil pra elas. Isso está ligado aos hormônios. O homem sempre quer sexo e isso que faz ele correr atrás de várias. Já a mulher sempre vai ter vários indo atrás, então ela só seleciona qual é melhor pra ela.

Neste discurso, o conflito entre gêneros se materializa. O sujeito tenta impor um discurso machista, que justificaria a busca do homem em se relacionar com várias mulheres, apoiando-se em um discurso científico que fala sobre a necessidade de ejaculação. Como a mulher não tem a mesma necessidade fisiológica, ela não teria razão para em se relacionar livremente com os homens.

Desta maneira, sua atitude é “infundada” e, portanto, reprovável. Torna-a “mal falada”.

Na FD progressista, o sexo casual está ligado ao desejo. É o que observamos em enunciados como:

(SDR – Comentário à Publicação 6)

Aquela imagem que nos faz rir e refletir sobre aquele velho tabu que homem quer apenas "pegar" ou "ganhar" sem levar em consideração o desejo feminino que as mulheres também querem "pegar" e "ganhar".

Como podemos perceber, nesta FD, o desejo por sexo casual também é um desejo comum à mulher e não restrito ao homem. Ela também tem o desejo de estar na posição conquistadora como vemos pelo uso de verbos como “pegar” e “ganhar”, normalmente associados à conquista masculina. Outras SDR se aliam quanto ao sentido de que não é só homem que quer sexo sem compromisso, mas a mulher também, como verificamos nos seguintes excertos:

(SDR – Publicação 6)

Miga, ele só quer te comer. E eu só quero dar.

(SDR – Publicação 8)

Não foi você quem CONSEGUIU me comer, fui eu que DECIDI te dar.

O interesse pelo sexo casual convive em luta com uma ideologia conservadora, a qual diz que o sexo deve estar dentro de um relacionamento com compromisso:

(SDR – Comentário à Publicação 6)

Gente, não é porque alguém prefere sexo casual do que um relacionamento que é "sem inteligência emocional e ética". Pegar uns babacas por ai é normal, mas já pararam pra pensar que muita gente não sente a necessidade de ter sempre alguém pra se sentir estável?

A SDR acima procura embasar uma representação ideológica sobre o sexo sem compromisso por meio do discurso científico. Para a FD de onde se origina essa SDR, quem opta por este tipo de relacionamento não possui “inteligência emocional” e nem “ética”, na realidade, moral. Para uma FD progressista, a estabilidade emocional de uma pessoa não necessariamente está vinculada a um relacionamento estável, com compromisso.

Por meio do dispositivo teórico-metodológico de Análise do discurso francesa realizamos a descrição do funcionamento discursivo sobre a sexualidade feminina. Discorremos quanto ao seu funcionamento nas relações com compromisso e nas relações sem compromisso. Foram evidenciados os discursos sobre a mulher ideal para casar; fidelidade e traição; a relação entre sexo, prazer, sentimento e reprodução; sexo no primeiro encontro e a liberdade para relações sexuais casuais. Neles, analisamos o encadeamento dos significantes e movimento de deslizamento entre eles, a produção de sentidos, as relações interdiscursivas e as imagens construídas acerca da mulher, do homem e dos relacionamentos supramencionados.

CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi analisar os discursos sobre a sexualidade feminina na atualidade. Desta maneira, descrevemos o funcionamento discursivo sobre a temática pesquisada e analisamos em que medida estas práticas discursivas referem-se mais a um discurso conservador ou a um discurso progressista.

Os discursos referentes à identidade feminina, sobretudo no que diz respeito a sua sexualidade, estão intimamente ligados à relação histórica entre homem e mulher. No capítulo 1, expusemos de modo foi constituído o lugar do sujeito masculino e o lugar do sujeito feminino. O fato da maternidade implicou em atividades diferentes para o homem e para mulher. A mãe cuidava dos filhos enquanto o pai saía para providenciar a alimentação da família. Uma das atividades masculina era a caça e, por se tratar de uma atividade arriscada, os povos primitivos atribuíram mais valor ao que arriscava a vida do que a engendrava (BEAUVOIR, 2016). Aqui, vemos a primeira atribuição de valores e de sentidos distinta para ambos sujeitos. Ainda em razão da maternidade, quem pôde protagonizar a arriscada e valorosa conquista de territórios foi o homem e não a mulher. Conforme a autora citada, o homem conquistou a terra, a mulher e os filhos; tornou-se senhor de tudo e de todos. Posteriormente, a propriedade privada, a herança de terras e o poder político masculino foram estabelecidos. Estabeleceu-se também o lugar do homem e da mulher. O homem se tornou o chefe familiar e a mulher tornou-se subordinada a essa chefia.

Todos estes acontecimentos e relações se materializaram discursivamente. Inicialmente, a formação identitária e sexual da mulher se deu a partir de um discurso conservador, oriundo de uma ideologia conservadora, e que era responsável por manter as relações de poder do regime patriarcal. Esse discurso dizia que o lugar de mulher era em casa, cuidando do marido, dos filhos e se ocupando com os serviços domésticos. Logo, a educação feminina foi pensada para o casamento e para a maternidade. Eles eram concebidos como o destino com boa valoração para as mulheres. Sempre que se procurava uma ruptura quanto às possibilidades femininas, como por exemplo sua inserção na vida política, o discurso

que restringia a mulher ao lar era retomado. Durante séculos, foi ele foi o discurso dominante.

O discurso conservador regia toda a sexualidade do sujeito feminino. Nele, a mulher ideal para casar deveria ser casta. Quando casada, deveria ser submissa e fiel ao marido. Também não deveria demonstrar prazer sexual, ela deveria manter a imagem de respeito, de mãe de família, o prazer era para as prostitutas e concubinas. A infidelidade do marido não era permitida por lei, mas contraditoriamente, era aceita na prática, fazia parte das relações de poder.

Assim como certos fatores históricos determinaram o lugar da mulher como um sujeito em constante posição de submissão ao sujeito masculino e à uma ideologia conservadora, novos fatores tornaram possível o seu deslocamento. Vimos que a chegada da industrialização, do trabalho fora de casa, do acesso à educação formal, dos movimentos hippies e feministas, do anticoncepcional, entre outros corroboraram para a emancipação da mulher e isto incluiu uma gradual mudança na sexualidade. Conforme Pinsky (2012), por volta de 1970, os jovens dos grandes centros urbanos passavam muito mais tempos juntos, estudando, trabalhando, saindo para festas e fazendo outras em seus apartamentos. Estavam mais questionadores e transgressores quanto aos costumes conservadores. A interação sexual também foi maior e o sexo antes do casamento passou a ser mais recorrente.

Desde então, discursos mais progressistas acerca da sexualidade começaram a circular mais. Entre eles estavam: a não obrigatoriedade da castidade para contrair matrimônio, compatibilidade sexual, traumas sexuais, prazer feminino, fidelidade mútua, relações igualitárias no casamento, direito ao aborto, maternidade como opção e não como obrigação, entre outros. Os conflitos continuaram marcando as relações interdiscursivas. Citemos dois exemplos: o sexo casual e a infidelidade foram “permitidos” à mulher, mas não foram aceitos, como ainda ocorre nos dias de hoje.

Os discursos progressistas constituíram-se em relação de conflitividade aos discursos conservadores. Eles estão em constante disputa de poder pelos sentidos da sexualidade feminina. As redes sociais, como o *Facebook*, constituem um dos espaços de circulação desses discursos. Eles se aliam ou se opõem conforme a Formação Ideológica (FI) em que se inscrevem. A análise das *publicações* permitiu que descrevêssemos certas relações interdiscursivas a respeito da temática em questão.

A primeira delas se referiu ao discurso sobre a mulher ideal para casar. Para uma *Formação Discursiva* (FD) conservadora permanece o discurso da mulher relacionada ao lar. Ela não é restrita a ele como eram as atenienses ou boa parte das mulheres até a primeira metade do século XX, mas é valorizada quando vive neste espaço e não na rua ou em festas. Segundo essa FD, a mulher que frequenta baladas, usa roupas justas e curtas, não serve para contrair matrimônio. Além disso, ela deve desejar a maternidade. Contudo, se for mãe solteira, não se enquadrará mais no perfil de uma mulher para o casamento. Oposta a esse discurso, está o discurso oriundo de uma FD progressista. Nesta FD, o fato de uma mulher gostar de sair e usar vestes ousadas não tira o seu valor, o seu respeito e nem significa que ela não sirva para casar. A maternidade é opcional e caso seja mãe solteira, tem direito a um novo relacionamento com compromisso.

A segunda relação se referiu à fidelidade e traição. Em uma FD conservadora, a traição por parte do marido ou namorado depende de atitudes da esposa/namorada, como ser agradável, bela e gostar de sexo. Envolve ainda não gostar de ser admirada e repreender cantadas. A culpabilidade sujeito feminino pela infidelidade do sujeito masculino não restringe-se aos comportamentos da esposa/namorada, mas estende-se aos da amante. A imagem da mulher que trai é constituída por adjetivos pejorativos como “vagabunda”, “vadia”, “puta” e “safada”. Este último adjetivo é também atribuído à imagem do homem que trai, juntamente com a locução adjetiva “sem caráter”. Ainda nessa FD, a infidelidade masculina permanece aceita e a feminina, não.

Já em uma FD progressista, questiona-se a culpa da mulher (esposa/namorada ou amante) pela traição do marido ou namorado. A culpa é atribuída a ele. A imagem da mulher traída aqui não é mais da submissa, mas da que decide como continuará a relação conjugal.

A terceira análise descrita foi sobre a relação entre sexo, prazer, sentimento e reprodução. Verificamos que, para uma FD conservadora, o sexo permanece relacionado ao casamento e à reprodução. A relação sexual dentro do matrimônio é significada como positiva, sinônimo de “amor” e “compromisso”. Já a relação sexual existente fora do casamento é significada como negativa, “mentirosa”, “sem compromisso” e para fins de “gratificação sexual”. Para essa FD, as mulheres que se relacionam sexualmente antes de casar, são responsáveis pela falta de interesse por parte dos homens em assumir um relacionamento com compromisso. Não há um

questionamento inverso, em que se dissesse que tal prática por parte das mulheres seria resultado desta falta de interesse masculina. Este discurso está silenciado. Para uma FD progressista, sexo e casamento estão não necessariamente vinculados. É possível se relacionar sexualmente antes e posteriormente casar, isto não constitui algo negativo.

A quarta análise compreendeu o discurso sobre sexo no primeiro encontro. Observamos que o discurso progressista, presente na materialidade analisada, se constituiu a partir de constantes representações do que consistiria o discurso conservador. Isto implica na possibilidade de reinterpretação desse outro discurso. Este foi representado como aquele que atribui sentidos dissimétricos ao sujeito feminino e ao sujeito masculino no que se refere à prática em questão. Desta maneira, o discurso oriundo de uma FD conservadora atribuiria à mulher que se relaciona sexualmente no primeiro encontro o sentido de uma mulher que não serve para o casar, que não se valoriza, que é “puta” e “fácil”. Ou seja, uma prática mal vista para mulheres. Contudo, estes sentidos não são atribuídos ao homem que realiza a mesma prática. O discurso oriundo da FD progressista nega os adjetivos pejorativos e demais sentidos negativos atribuídos ao sujeito feminino. Esta FD além de resistir ao discurso conservador, tenta impor o sentido de direito à realização do desejo feminino, de modo que isto não implique negativamente na sua valorização.

A quinta análise referiu-se à liberdade das relações sexuais casuais. Novamente, parte do discurso progressista se constitui a partir de uma representação do que seria o discurso de uma FD conservadora. Nele, práticas de sexo casual seriam permitidas ao homem e não à mulher. Entretanto, notamos também um posicionamento conservador que diz que mulheres reprovam esta prática, como se percebe pela circulação do adjetivo “galinha”. Já o adjetivo “garanhão” demonstra uma espécie de concessão a ato de se relacionar com várias pessoas. Ao sujeito feminino, atribui-se o adjetivo “puta”, conferindo um efeito de sentido negativo a sua prática. O discurso de uma FD progressista se opõe a este discurso conservador. Ele permite o sexo casual para ambos sujeitos, especialmente, procura impor o sentido de que mulher pode e tem direito a relações sexuais sem compromisso.

Ao fim deste trabalho, pudemos compreender que os discursos sobre a sexualidade feminina se dão a partir de relações de conflito. O discurso conservador, que por muito tempo se manteve como discurso dominante, está sempre em tensão

com o discurso dominado, o discurso progressista. Em virtude desta pluralidade de discursos, não podemos pensar a sexualidade feminina como homogênea, universal e estável. Ela está em constante formação, é marcada pela heterogeneidade e pela contradição. Portanto, ao se pensar em identidade sexual, é necessário que se pense em uma multiplicidade de identidades que constituem o sujeito feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Análise do Discurso

COURTINE, Jean-Jaques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ªEd. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GADET, Francois & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 123-152.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. – v. 2, 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michael. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: ORLANDI, Eni. – 3 ed. – Campinas, São Paulo: Pontes 2002.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Christina (org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. – v. 3, 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Sônia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 209-234.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização: BALLY, Charles & SECHEHAYE, Albert, com a colaboração de RIEDLINGER, Albert. Tradução: CHELINI, Antônio, PAES, José e BLINKSTEIN, Izidoro. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA, Sérgio Freire. *Conhecendo a Análise do Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia*. Manaus: Editora Valer, 2006.

Identidade

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista Benedetto Vecchi*. MEDEIROS, Carlos. Tradução. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.,2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade*. - Col. Sujeito & História - 11ª Ed. 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* – São Paulo: Editora 34,1999, p.54 in MAZER, Dulce. *Impressões do corpo feminino: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

MAZER, Dulce. *Impressões do corpo feminino: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

Materialismo Histórico

ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução: EVANGELISTA, José & CASTRO, Maria Laura. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992a.

Psicanálise

LACAN, Jaqcques. O seminário, livro 5: *as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jaqcques. O Seminário, livro 11: *os quatros conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VANIER, Alain. *Lacan*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Publicações

Disponível em: <https://m.facebook.com/artemisong/photos/a.1418443648385666/1905624899667536/?type=3> Acesso em: 18 de Março de 2018.

Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1494392700634378&id=901172276623093 > Acesso em: 17 de Maio de 2017.

Disponível em: <https://m.facebook.com/soumochileiro/photos/a.116201851863028/984640548352483/?type=3&source=57> > Acesso em: 16 de Março de 2018.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=767425740129767&id=482882141917463> Acesso: 21 de Março de 2018.

Disponível em:
<<https://m.facebook.com/OpinioesSemFronteiras/photos/a.273449759531913/744875272389357/?type=3&source=57>> Acesso em: 5 de Março de 2018.

Disponível em:
<<https://m.facebook.com/aliensofcamila/photos/a.482897575249253/772881629584178/?type=3&source=54>> Acesso em: 3 de Abril de 2018.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/EncalhadaJN/>> Acesso em 21 de Novembro de 2016.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/OCaminhodaSerpente/photos/a.545944468766901/892380500789961/?type=3&ref=content_filter> Acesso em: 26 de Junho de 2017.

Disponível em: <
https://www.facebook.com/pg/gconservadora/photos/?ref=page_internal> Acesso: 21 de Novembro de 2016.

Disponível em: <
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1090802247662985&id=101088766634343&comment_id=1880190182057517¬if_t=comment_mention¬if_id=1537300463572101&ref=m_notif> Acesso em: 1 de Maio de 2018.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/cheiasdeamorproprio/photos/a.398440363665828/673511496158712/?type=3&comment_id=154289355509022¬if_t=comment_mention¬if_id=1537301254629283&ref=m_notif> Acesso em: 26 de Junho de 2017.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/cheiasdeamorproprio/photos/a.398440363665828/935106523332540/?type=3&comment_id=251053222264217¬if_t=comment_mention¬if_id=1537282470612982&ref=m_notif> Acesso em: 25 de Março de 2018.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/EuTeAmoOfc/photos/a.1498226613554418/1591642180879527/?type=3&source=57&ref=m_notif¬if_t=comment_mention> Acesso em: 2 de Março de 2018.

Disponível em: < https://mobile.facebook.com/cel.pro.71?_rdc=1&_rdr> Acesso em: 28 de Março de 2016.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/vivendoaprendend/photos/a.460204467694260/551530378561668/?type=3&source=57&_rdc=1&_rdr> Acesso em: 27 de Março de 2018.

Disponível em:
<<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=1089879867800851&id=100003365432747&set=a.193937537395093&source=57>> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2018.

Disponível em:
<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2073006199645941&id=1873060232973873&comment_id=2209577252655501¬if_t=comment_mention¬if_id=1537273489111326&ref=m_upload_pic> Acesso em: 4 de Abril de 2018.

Disponível em:
<<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=1310194782426662&id=100003084575101&set=a.261171640662320&source=57>> Acesso em: 29 de Março de 2018.

Sexualidade feminina

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. – Nova Fronteira – v. 1 e v. 2 - 3ª Ed. 2016.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. *Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. São Paulo: v. 16, n. 3, 233-239, Set-Dez, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.38 in MAZER, Dulce. *Impressões do corpo feminino: representações da mulher e do corpo-imagem na imprensa brasileira*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira. Notas para o estudo das formas de organização familiar do Brasil*. Cad. Pesq. São Paulo: (37): 5-16, Mai, 1981.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas – Sexualidade e erotismo na história do Brasil*.- São Paulo: Planeta, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

GURGEL, Telma. *Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-político do feminismo na contemporaneidade*. Fazendo Gênero 9. *Diáspora, Diversidades e Deslocamentos*, 2010.

PINSKY, Carla & PEDRO, Joana. *Nova história das mulheres*. - 1 ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Céli. *Feminismo, história e poder*. *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36. P. 15_23, 2010.

ANEXOS

PUBLICAÇÃO 1

Artemis
4 de dezembro de 2016

Esconde esse absorvente
Essas espinhas
Arranca esses pelos
Da um jeito nesse seu cabelo duro
Mal cuidada
Porca

Feche esse sorriso
Sua mãe não te ensinou
Sobre o perigo de andar sorrindo na rua?
Abaixa essa cabeça
Para de encarar
Você esta chamando atenção
Assim vão achar que você esta dando mole

Delicia
Gostosa
Oh la em casa
Fecha essa boca e não reclama
Saiu de casa de saia curta
Camisa decotada
Maquiagem
Sem um homem
Tem que aguentar

Como assim não sabe cozinhar?
Você é mulher
Tem que cuidar do lar

Como assim não quer engravidar?

Você é mulher

Tem que engravidar

Faculdade? Viagem?

Mas você é mãe

Tem que cuidar

Abriu as pernas, agora não adianta

Largar na creche

Irresponsável

Mãe solteira?

O pai foi embora?

Não sabe quem é o pai?

Transou sem camisinha

Vai ter que aguentar

Vadia

Esse roxo ai

Tenho certeza que apanhou

Que teu marido te bateu

Mas você mereceu

Provocou ele

Você sabe que não pode se levantar

Mulher tem que ser submissa

O homem é que comanda o lar

Ah, mas que criança linda

É uma menina?

Toma aqui esse vestidinho rosa

Essa coberta de florzinhas

Pinta o quarto de rosa

Um rosa bem bonito

Porquê mulher é monocromática durante a infância

Ih, chegou a menarca
Essa vai dar trabalho
Ensina pra ela a se valorizar
Mulher tem que se dar ao respeito
Fala pra ela não deixar ninguém ver esse absorvente
Esse sangue sujo

Vai ter que começar a usar sutiã
Os mamilos estão aparecendo pela camisa
Que coisa horrível
Adolescente descuidada
A mãe dessa ai não ensinou nada

Foi estuprada?
Morreu no processo?
Devia estar pedindo
Sem sutiã, andava sozinha
Aquele batom vermelho
Aquele bunda enorme
Não sabe que menina tem que ficar em casa?
Deu sorte pro azar

Não foi educada
A mãe era solteira
O pai estava é certo de ir embora
Se ela era assim com a filha, imagine com o marido

Não foi respeitada
Opressão?
Imagine

Olha lá a mãe dela
Na beira do caixão

Olhando pro rosto da filha
Sem cor, sem vida
Um futuro morto antes mesmo do nascimento
Filha de mãe solteira
Sem pai, sem respeito

Morreu tão jovem
Aos 17
Uma menina tão linda
Maldita sociedade
Espero que a mãe dela aprenda a lição
E não tenha mais filhos

Suicídio?
Mas ela poderia ter começado uma vida nova
Agora que tinha perdido a filha
Poderia terminar a faculdade
Arrumar um emprego
Mas era uma fraca
Era mulher
O destino, a vida, as possibilidades
As pessoas
Cavaram a cova e jogaram ela lá dentro

Vitimismo? Preconceito?
Abuso? Agressão?
Cala essa boca e vai lavar uma louça
Você tem uma delegacia só sua
Tem seus direitos
Não luta na vida
(Mas luta na rua)
Não morre na guerra
(Mas morre em casa)

- Cintia Duarte Montilla

Rose Steinmetz via Mari Lopes



Disponível

em:

<<https://m.facebook.com/artemisong/photos/a.1418443648385666/1905624899667536/?type=3>> Acesso em: 18 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Muramad Carrb Creio quando o homem inferioriza a mulher, este não pode ser chamado de homem, porque nem a própria mãe ele não respeita isto é uma besta incorporadora em um corpo que na minha opinião é só de repúdio explícito, e discordo de muitas coisas bíblicas esta é uma delas, aí de nós homens se não fosse o carinho e amor sem limites que vocês nos da desde o nascimento, até nossa separação de mãe e filho, onde uma esposa dar continuidade até o fim de nossos dias... Abraços com muito AMOR escrevi o meu sentimento a todas vocês mulheres sem discriminação...

Manuel Gadita Mulher é a melhor invenção de Deus, deve-se respeitar, independente de quem ela seja, criança, menina, adolescente, moça, mulher, senhora de idade, todas tem que se respeitar, muito.

Danilo Bezerra Deus criou a mulher para ser COMPANHEIRA do homem. Não escrava, não sinhá. Nem abaixo, nem acima. Foi feita a partir de uma costela para ficar ao lado. *Do lado esquerdo, para ficar próxima ao coração.* De baixo do braço para ser protegida. "Mulher não precisa de homem para ser protegida". Concordo. Mas no xadrez, a rainha sempre protege o rei. Sejam companheiros. Se respeitem, se protejam.

Stephanie Lopes O pior mesmo é saber que nós mulheres ouvimos isso tudo muito mais de outras mulheres do que até mesmo de outros homens.

Ana Paula Nós fazer de coitadas ridículo, aí aí, por favor temos que ser forte, temos que ter sabedoria pra sermos pessoas diferenciadas, me poupem, vamos deixar de dar desculpas, tô cansada de ver vídeos de mulheres que pega e bate na amante do marido ao invés de assumir o papel de mulher, ser corajosa, não são os outros, não é a Bíblia, naos são os homens, é a gente , nós mulheres que nos fragilizamos, que não queremos ter voz, não digo desrespeito, digo VOZ, dizer aquilo que gosta, se conhecer, se amar, se olhar, ser vc mesma, é muito fácil falar que é a favor de aborto, mas não ter responsabilidade de usar sequer uma camisinha, não vejo mulheres vejo um monte de gente que quer viver a vida de forma irresponsável e depois penalizar quem não tem nada haver, foi estrupada? Faça a denúncia, procure

o serviço de saúde e tome a pílula do dia seguinte, medo? Pq se vc é a favor de um aborto... faça me o favor vamos de verdade assumir nosso papel de forma responsável. Revoltas sem causa...ai ai vamos ler mais a Bíblia e se cuidar mais...amar mais...

Pedro Ramalho Nss serio se eu fosse ser do gt q eu fui criado ia ser aquele homem q fugiu mas ainda bem q minha cabeça e bem aberta e sou extremamente a favor dessa ideia d liberdade ate pq ngn é de ngn da ate raiva d ver aquelas opinios maxistas dos "colegas" da minha sala q "lugar de mulher e na cosinha pra satisfazer o homem" e que se ela foi estuprada "foi por causa daquele shotinho e daquele baton vermelho, pq se ela tivesse em casa isso n teria acontecido" mas ngn consegue se colocar no lugar dela pq e se fosse com vc imagina so vc n poder sair pra onde quiser e se vestir como quiser pq tem o risco de algum delinquente acha q vc esta dando mole pra ele so por causa do seu jeito de ser.

PUBLICAÇÃO 2

Olmo e a Gaivota

15 de maio de 2017

Precisa estômago para acompanhar:

“ATENÇÃO: o Facebook deletou o post original (certamente porque o perfil da autora sofreu uma avalanche de ataques machistas absurdos. Caso ele seja reativado, o compartilhamento retornará a página). Aqui reproduzimos o texto na íntegra sobre a (surpreendente?) experiência de uma mãe (Fernanda) no Tinder: copiar e colar para viralizar com menor risco de denunciarem.

(minha foto mais bonita)

Fernanda, 27 anos

Mãe

Professora

Militante

Feminista

Amor à culinária, literatura e aos amigos

Ódio ao capital e aos de coração raso.

Essa é a minha descrição num experimento social, no meu perfil do Tinder.

- Depois de conversar mais uma vez com uma amiga sobre a relativização afetiva que as mulheres sofrem e como é isso pós maternidade, ela lembrou de um post que fiz um tempo atrás, contando dos perfis no Tinder. Homens com fotos dos filhos, mulheres, nunca. Esconder a maternidade é necessidade. Ela, socióloga, propôs que reativássemos meu perfil e fizemos essas alterações. Foi uma semana forte. não fez bem pro meu ego, mesmo.

83 matchs masculinos. Homens entre 24 e 34 anos. Alguns (re)machs - praticamente os únicos que não me fizeram mal ao ler as mensagens recebidas

(nem todos, também). todos homens que eu realmente me interessaria pela aparência física e/ou descrição e interesses em comum.

TOP 10 das bostejadas:

1

*Raul - 27 anos:

-Oi gata

-Oi. tudo bem?

-Melhor agora.

- ><

-Que bom que você avisa que tem filho.

-É? Por que?

-Assim facilita e a gente não tem surpresa.

-Como assim?

-ah gata

não se apaixona nem se desiludi

- como assim?

- vc é mãe

já sei q n rola nd sério

2

*Felipe - 31 anos:

-Tu é mãe?

ainda amamenta? ❤️<3

- Oi. Tudo bem? Não mais, por que?

- Nada não.

(combinação desfeita, por ele)

3

*Lucas - 28 anos:

-...

-então o seu filho está onde agora?

- Em casa, comigo. por que?

-Nossa.

Você é bem feminazi esquerdista mesmo.

coitada da criança com uma mãe puta dessas que fica procurando macho.

4

*Lucas - 24 anos:

- ...

- Sou mais novo que vc

-Sim. 3 anos. Isso é um problema grande?

-n, n. é q vc é mãe, e eu procuro uma namorada

-E?...

-E que daí n dá, né

-Por que? Sua mãe nunca namorou?

-N fala da minha mãe

vadia

(combinação desfeita, por ele)

5

*Markus - 25 anos

-vc tem com quem deixar a criança? n sou chegado, mas achei vc gata.

-oi? tu n é chegado em que?

- Filho dos outros kkk

- Tu tem a foto com uma criança!!!!

- É meu afilhado.

-Pra chamar mulher?

- Siiim. da certo. Com vcs tbm?

(combinação desfeita por mim, porque não tive mais estomago)

6

*Marcos - 27 anos

-...

-Mas priorizei outras coisas na minha vida

-Como assim? temos a mesma idade e tu tbm é pai

-sou pq minha ex quis. acho q ela e vc n são iguais

- Como assim?
- Vim morar no sul pra fugir dela
- E do teu filho?
- tbm. ela engravidou de gosto
- hmmm. Quantos anos vcs tinham?
- Ela 17 e eu 26
- Tu recém foi pai então?
- ahan
- meu, tu é quase 10 anos mais velho que ela. Acho q ela n queria engravidar e ter um filho sozinha em SP
- mas ela n se cuidou
- n tenho muito a ver com isso
- (combinação desfeita por mim, por motivos óbvios)

7

- *Ivan - 34 anos
- Divorciada?
- Oi. Tudo bem contigo? Sim, sou separada. Por que?
- É que mulher com filho a gente pergunta né
- Por que?
- Se n casou é que n vale muito
- Como assim? tu vai vender a mulher? Quanto é que ta o @ da mulher no século XXI?
- Li teu perfil até o final agora
- vc é feminista
- raça ruim eim
- o corno que deve ter te dado um pe na bunda pq tu n se depila

8

- *Renan - 26 anos
- ...
- mas vc foi irresponsável
- Fomos um pouco, mas levo uma vida normal.
- e vc cria seu filho sem pai?

-Não. meu filho tem um pai, que ama muito ele.

Nao entendi a colocação.

- alem de mãe e bura kkkkkkk

- Burra? Além de mãe? Por que? Tu tem problemas?

- Problema tem tu q tem filho e fica no tinder catando outra barriga

feminista suja

professor ainda kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

9

*Tarciso - 31 anos

-...

- Sou marinheiro e busco apenas aventuras.

- hmmm

- Você ser mãe facilita as coisas

- Por que?

- Porque não precisamos fingir engenuidade e podemos pular os cortejos.

-INGenuidade, querido.

- Vá se fuder

sozinha kkkk

10

*Elton - 29 anos

-... eu concordo com esses caras na verdade

- tu concorda com os absurdos que disse que já ouvi por ser mãe?

- ué, vc ficou solteira pq quis e parece esperta

- e???

- e que todo mundo sabe q ngm leva a sério mulher com filho

- Por que?

-p q se ja teve filho e ta solteira boa coisa n é

- Então todas mulheres divorciadas são péssimas pessoas e péssimas mães? e as que são mães solo porque o cara fugiu?

- N. minha mãe tbm se divorciou quando eu era criança pq meu pai batia nela

- ela foi uma mãe ruim?

- N né

minha cora é minha vida

- Quantos anos ela tinha quando isso aconteceu?

- Ela tinha 26 e eu 5

- Eu e sua mãe fomos mães com a mesma idade e nos separamos também com quase a mesma idade hehehe

(match desfeito, por ele)

Quando se fala em irresponsabilidade social e abuso afetivo sobre as mulheres, negligenciar essa cultura da misoginia acerca da maternidade é ser canalha. A solidão da mãe é vista como obstaculo para tornar aquela mulher forte. Nós não queremos esses obstáculos. Ninguém quer. Essa cultura coloca todos os dias milhões de mulheres numa posição que facilita a exposição aos abusos.

Logo depois que me separei, passei por vários "relacionamentos" que tinham um traço forte em comum: Todos homens que me relacionei me esconderam socialmente. O primeiro homem que me assumiu socialmente, no entanto, era mais um dos abusadores emocionais que estão por aí. E eu caí, como uma presa, em mais um relacionamento abusivo porque estava recebendo atenção. Fingia estar bem, feliz, que tudo era flor amor e gratidão, mas a gente aprende a disfarçar bem e evitar perguntas. Enlouqueci, literalmente.

Hoje sigo no limbo social e emocional que nos colocam, fingindo que sou forte e que está tudo bem.

Não está.

Esses diálogos nojentos aí em cima provam que nada está bem.

O meu estado "civil" no momento não importa pra ninguém porque essa não é a questão desse experimento e do futuro artigo. Meu estado emocional e o estado emocional de todas as mães que escondem sua maternidade no primeiro momento para evitar fetichização e conseguir atenção afetiva, sim.

Ser mãe não é amar incondicionalmente e abrir mão da vida social/sexual/amorosa; nem desfazer planos, nem se privar da carreira, nem se privar de todos os sonhos e planos traçados. Isso é ser submissa à alguém. Ser mãe é ser responsável pela vida de um terceiro, eternamente ligado a ti. Nutrir o crescimento desse ser da melhor maneira que conseguires e se esforçar muito pra que tudo de certo pra ele, em primeiro lugar.

Sempre que se fala da mãe, se fala dela como algo terceirizado, como uma entidade atrelada ao filho de uma maneira submissa. Isso é desumanizador.

Espero que esse experimento e esse textinho facebookiano ajude a elucidar a posição que todos vocês acabam nos colocando dentro dessa estrutura patriarcal e misógina.

Ser mulher não é fácil.

Ser mulher e mãe, menos ainda.

Ser mulher, mãe e reivindicar uma vida social fora dos padrões patriarcais, é enlouquecedor.

Na luta da mulher mãe, a resposta é essa mesmo: Não há ninguém perto de você, só seu filho.

Feliz dia das mães. Compre um presente pras suas, aliviem a culpa e reflitam o quanto de abuso emocional elas já sofreram por serem mães de vocês.

Pai, marido, irmão, cunhado, chefe, amigo, namorado, colega... todos já foram abusivos e/ou negligentes de alguma forma.

Pensem em quantas mulheres permanecem em relações falidas e criminosas com medo da solidão.

...

*as mulheres na mesma condição que eu sabem identificar cada frase e contexto, porque certamente passam por isso diariamente.

*não somos menos mães por nada disso.

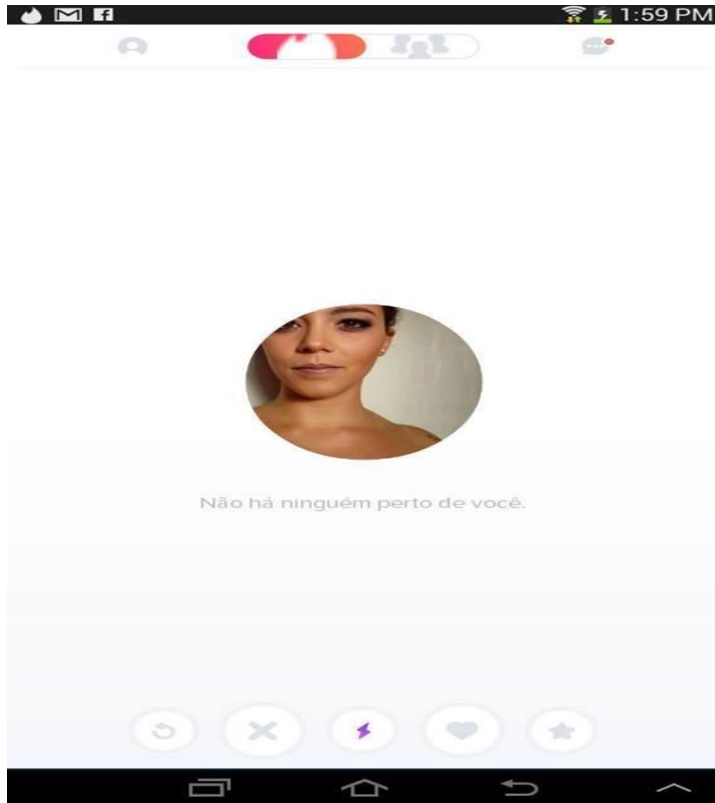
*não amo menos meu filho por entender que ele não é minha propriedade e eu não sou propriedade dele.

*também vivo em processo de enfrentamento familiar constante por negar o padrão.

A luta também acontece no âmbito familiar, por mais massa que seja minha família.

Rose Steinmetz,

texto + imagem : Fernanda Teixeira



Disponível em <

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1494392700634378&id=901172276623093 > Acesso em: 17 de Maio de 2017.

Comentários mais relevantes

Beatriz Mauro Ana Cecília vc deve ter mais amigas mães passando por isso.... é um lance q sempre questionei. Mulher mãe não tem direito a vida amorosa, mas homem pai é até atrativo! Que merda....

Natalia Fernandes Acho super válido até mesmo porque sei que existem milhares de babacas espalhados pelo Brasil.. mas quando eu tinha perfil no Tinder eu não escondia que era mãe, não. Não tinha foto com a minha filha, mas estava no meu perfil. Pelo menos as pessoas que eu conheci nunca me destratarem por ser mãe.

Lory Caldas Tinha que mandar esses textos pras mães deles. Pra elas verem o que os filhos dela estão fazendo com outras mulheres. Quem sabe elas (por quem, creio eu, eles ainda têm um mínimo de respeito) conseguem mudar essas cabecinhas ocas..

Flávia Melo Teixeira Eu fiquei muito impressionada com esta experiência terrível pela qual passaste!

Mas devo dizer-te, que seria importante mudar a fonte da busca por amizades. Acho que "Tinder " é um aplicativo para conhecer pessoas... já conheci pessoas que encontraram um namorado bacana, porém a raridade é tão iminente quanto em um bar por exemplo!

Claro que, a tecnologia nos apresenta ferramentas facilitadoras para se conhecer alguém. Mas ainda acredito no fator "sorte" e no "destino"!

Você Fernanda, tem uma vida preenchida pela cultura , sua profissão e pelo amor de seu filho , sua família e amigos.

Não vale á pena perder seu precioso tempo em busca da felicidade. Homem ou mulher será uma consequência relativa.

No mais te desejo muitas felicidades.

Andressa Souza Posso estar errada mas senti que o que incomoda não é o fato de ser mãe, mas os adjetivos.

feminista, militante.... Ódio ao capital. Sei lá, passa uma imagem estranha

Neide Shiota Caloiero Nunca me destratarem por ser mãe não.. Mas era nitido que esses caras só queriam uma fodinha e ja era...poucos são homens de verdade que aceitam se relacionar com mulheres q ja tem filhos.

Aline Luz Dói, dói muito. E tbm dá ódio. Tenho um filho homem, ele ainda tem 4 anos, mas já está aprendendo a ser feminista. É incrível que as divisões já comecem na escola. Ele me pergunta há um tempo já se eu casei com o pai dele e hj propôs de eu casar com o pai dele. Eu fico pensando, por mais que eu ensine em casa, vem a sociedade e (a familia paterna) pra estragar tudo. Esse mundo é podre e tudo que eu não quero é que meu filho seja um homem como estes vermes e mto menos seja como o pai. Faz anos que estou sozinha e sinceramente prefiro continuar assim a correr o risco de esbarrar com humanos como esses de novo.

Daniela Durço Por isso não entro nesses grupos e evito a fadiga. Ditado velho que diz : antes só, eu que mal acompanhada.

Maria Arlete Campos Thurquinha O mundo vai acabar em mulher, porque os homens nojentos não prestam pra nada!!

Comentários mais relevantes

Thays Hellena E desde quando marido impossibilita de fazer as outras coisas? Faço tudo isso, com meu marido ao meu lado.

Bybyano Falcão Ajude a sua filha ficar longe do crime e das drogas. Deixa a menina escolher o que quer. Mania chata que o povo tem de ficar apontando o que os outros devem fazer da vida.

Maria Paula Santos Os bons candidatos a marido querem mulher estudada, independente e que viajou bastante! Quem quer uma 'Amélia' dentro de casa é traste!!!!

Alessandra Bozza Eu estudei...viajo... aproveito a vida e faço que amo! Fiz e faço por mim... se aparecer um parceiro, Amém! Se não, bem, minha vida continua...

Richard Alves Vou incentivar a procurar tudo isso e principalmente ao lado de um marido q a faça feliz, pois quando ela cair, é o marido q irá lhe apoiar e lhe dar força, pois os dois serão um só, e isso já está escrito há mais de 2mil anos, não to inventando nada!

Eduardo Barreto Gente... "casar" está (ou deveria) inserido em "aproveitar a vida" e "fazer o que ama". Se os pais incentivam a filha a essas duas coisas e "casar" está nelas, beleza.

O que o post tenta dizer é que ainda há parte da sociedade que incentiva o casamento só pelo casamento, como ato social ao invés de ato afetivo.

Cês tão procurando chifre em cabeça de cavalo.

Eberton Konieczny Sobreira Incentive sua vida a levar uma vida promíscua em várias cidades, estados países. É isso que o post quer dizer

PUBLICAÇÃO 4

Moça, você é feminista

21 de março às 16:22 ·

Não tem regra pra ser feminista miga! O feminismo te aceita e te ama do jeito que você é ♥<3



Disponível

em:

<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=767425740129767&id=482882141917463> Acesso: 21 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Awwwwwn no discurso é tudo lindo, tudo maravilhoso. Agora, seja mulher e discorde do feminismo pra tu ver a "sororidade" do movimento

Respostas

Derek Renato Eu entendendo as mulheres que não apóiam o feminismo, elas são livres para apoiar o que quiserem ^^.

Julia Silva Já vi muitas discordando com respeito e tendo suas dúvidas respondidas... e já vi outras discordando com deboche e sendo respondidas com deboche também.

Nathália Durães Ah n ser q o que tu é, n seja o q querem. Já cansei de ver fem tentando esculachar qm opta por n aderir o movimento. Mulher pode ser o q quiser, desde q se entitule feminista, pq se n, é chamada de marmita e biscoito de macho pelas q pregam o discurso da liberdade p ser qm quiser kskks

PUBLICAÇÃO 5

O feitiço das bruxas

24 de fevereiro ·

SÓ ACHO!!!



Disponível

em:

<<https://m.facebook.com/OpinioesSemFronteiras/photos/a.273449759531913/744875272389357/?type=3&source=57>> Acesso em: 5 de Março de 2018.

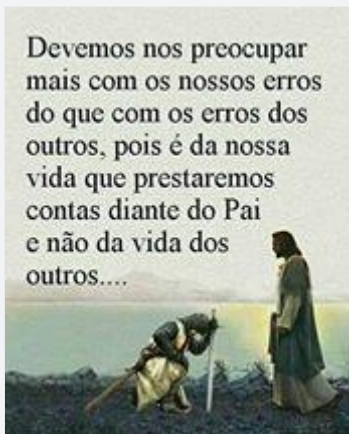
Comentários relevantes

Pétryns Miranda Olhando os comentários das mina reclamando da postagem, essas que se ofenderam com certeza é assim, “uma hora é puta outra hora evangélica”

Respostas

Jamilly Fernandes Concordo plenamente eu não me ofendo nem um pouco , só se ofende quem veste a carapuça!

Edinete Rocha



Neide Araújo Também não me ofendo, mas conheço várias assim fingem o que não são.

Comentários mais relevantes

Thiaquinho Simões É foda essa bipolaridade!!!!
Não sabe se segura a pica ou a bíblia!!!!

Respostas

Victor Tadeu Sobreira Na dúvida acaba segurando ao mesmo tempo os dois kkkkkkk

PUBLICAÇÃO 6

Aliens of Camila

2 de Abril

Que a verdade seja dita, MIGA



Disponível

em:

<<https://m.facebook.com/aliensofcamila/photos/a.482897575249253/772881629584178/?type=3&source=54> > Acesso em: 3 de Abril de 2018.

Comentários mais relevantes

Aliens of Camila TO SÓ VENDO VOCÊS CURTIREM E MARCAREM AS PESSOAS MAS NÃO TEREM CORAGEM DE COMPARTILHAR KKKKKKKKKK

Respostas

Flávia Ferreira Muitos familiares no Facebook kkkkkkkkkkkkk

Kel Santos De Castro Se minha mãe vê isso compartilhado no meu face, eu perco o que tem entre as perna

Tatiana Leitão Migaaa, eu já fui assim. To namorando agora. Se tivesse solteira, já tava compartilhado há muito tempo ahahahhaga

Comentários mais relevantes

Carla Brito Aquela imagem que nós faz rir e refletir sobre aquele velho tabu que homem quer apenas "pegar" ou "ganhar" sem levar em consideração o desejo feminino que as mulher também querem "pegar" e "ganhar".

Respostas

Lucas Goncalves Mano o que vc faz entre quatro paredes ninguém precisa saber.

Leonardo Elric Concordo com vc carla...

É tipo aquela : porque que homem quando pega muitas é garanhão e quando a mina pega todos é puta/rodada?

Pra mim cada um faz o que quiser sem merecer julgamento... Do mesmo jeito que o cara pode ficar com muitas a mina tbm pode... Só que a sociedade sempre cai matando em cima das mulheres não sei porque...

Lucas Pires Leonardo Elric isso acontece pq homem e mulher sao seres diferentes . Um homem e uma mulher nunca vao ser igual ou ter direitos iguais por serem de sexo diferente . É muito mais facil uma mulher pegar varios do que um homem pegar

varias . E é esse o motivo das mulheres ficar mal falada pq pegar varios n é algo dificil pra elas . Isso ta ligado nos hormonios o homem sempre quer sexo e isso q faz ele correr atras de varias . Ja a mulher sempre vai ter varios indo atras entao ela so seleciona qual é melhor pra ela.

Alexandre Carvalho Esse tabu é velho mesmo, tá mais que passado. Hoje em dia tem mulher pior que homem... É só todo mundo comer caladinho que dá certo. Mulher nenhuma gosta de ficar com cara que já pegou muitas, e da mesma forma, homem não quer ficar com mulher que já agarrou metade dos amigos dele. É só ficar todo mundo caladinho e se organizar todo mundo transa.

Leonardo Elric Lucas sim cara concordo ctg man... a grande questao acho que seria o bom senso da sociedade mudar.. temos mae e irmãs.. elas sao mulheres e eu sempre sigo esse conceito de que não faço nada com a garota do que não gostaria que fizessem com elas sacas? homens e mulheres tem papeis diferentes na sociedade mas mesmo assim ambos as vezes não os cumprem...

Lucas Pires sim no caso isso q comentei n é uma critica ou q eu apoie esse tabu só expliquei a resposta mais logica para essa tal pergunta q muitos fazem "pq as minas q pega varias são puta e os cara q pega varias é garanhao ".

Comentários mais relevantes

Heleno Andres pagam de transudxs por causa de moda, porém sem Inteligência emocional e ética o suficiente pra administrar.. aí depois ficam chorando pelos cantos por falta de afeto e auto depreciação...

péssima apologia..

contudo...

eh melhor que muita coisa, e pior que várias outras..

soh falta a tal da construção individual e consciência.

mas a moda eh ser hipster transante diferentão ^^

Respostas

Nicole Guerra gente, não é porque alguém prefere sexo casual do que um relacionamento que é "sem inteligência emocional e ética". Pegar uns babacas por aí é normal, mas já pararam pra pensar que muita gente não sente a necessidade de ter sempre alguém pra se sentir estavel?

Muddy Muddynho Perfeita análise, mas acredito q só se aplique às pessoas nascidas na década de 90, hoje as crianças já nascem desconstruídas e com sua moral relativizada. Não se apegam mais tanto no pragmatismo de outra era e, com isso, sexo se tornou algo superficial.

Eu não sei se isso é bom ou ruim, mas o que vejo são pessoas mais apegadas a ideias e ideais do que ao sentimentalismo;

Comentários mais relevantes

Thaise Pereira Acho que sim a mulher tem que ter essa liberdade, mas cuidado com boe vingativo que espalha áudio de vcs transando no watts. Pq a sociedade vai ficar do lado dele, enquanto a gente vai ser xingada na rua e ter a chance de emprego diminuída.


Respostas

Thaise Pereira Pra quê que eu respondo vcs, nem sei. Vem pra minha cidade pra ver se arruma emprego depois de uma dessas. Como tem homi babaca nesse mundo. Meu filho, foda-se se tem áudio de homi, pq pra homi tudo bem transar. Pra mulher é tudo puta, rapariga e outros títulos. Com essa reputação as meninas se tornam seres "sebosos" aos olhos de qlq chefe, são ridicularizadas por outras mulheres, enquanto caras na mesma situação tem fama de "comedor". Vão ler um pouco sobre assunto pelo amor.

Thaise Pereira Não paro de problematizar keridos, pq se a gente para nada muda. E vcs são bem trouxas, qnt mais contam vantagem menos fazem as coisas de vdd.

□ Mas né, o bacana pra vcs é a quantidade dos nudes pra mostrar pros parça.
Nunca crescem.

PUBLICAÇÃO 7









Encalhada adicionou uma nova foto. 6 h • 🌐


"é feio mulher que tem vários contatinhos"

FEIO É MULHER QUE FICA CHORANDO POR CAUSA DE UM MLK QUE NÃO TA NEM AI PRA ELA

@encalhada

   4.223 120 comentários

 Curtir  Comentar  Compartilhar



Disponível em: < <https://www.facebook.com/EncalhadaJN/>> Acesso em 21 de Novembro de 2016.

PUBLICAÇÃO 8

O Caminho da Serpente

9 de setembro de 2014



(Texto muito lúcido sobre Mulher consciente da sua liberdade sexual)

:: Um manifesto pelas garotas sexualmente livres ::

Você andou dizendo por aí que não sou "mulher pra casar" porque "me comeu" no primeiro encontro. E, portanto, "não me valorizo". Talvez você imagine que estou

arrasada por não receber mais suas mensagens. Deixa eu te contar uns segredos. Quem disse que eu quero me casar? Que, se eu quisesse, seria com você? Não foi você quem CONSEGUIU me comer, fui eu que DECIDI te dar. A lógica é inversa. Eu me valorizo tanto que não preciso da opinião alheia para saber quem sou e quanto valho. Valorizo o que eu sinto, não represso meu desejo nem finjo ser outra para agradar seus padrões moralistas. Se você categoriza garotas assim, EU é que não te considero "homem pra compartilhar a vida". Quero um cara que me enxergue muito além desse seu critério.

Porque, se eu transei na primeira ou na vigésima vez, não faz a menor diferença. Eu continuo gostando de Rolling Stones, cuidando da minha avó doente, planejando a próxima viagem exótica, passeando com a minha cachorra, tentando entender as raízes históricas da guerra entre Israel e Palestina, pagando minhas contas, cozinhando o melhor feijão do planeta, morrendo de rir com as amigas que cultivo desde a infância, sendo elogiada pelo meu desempenho profissional... A sexualidade é apenas uma das minhas facetas. Mas, para você, ela é nota de corte. É suficiente para me tornar desinteressante aos seus olhos. Entende como o seu machismo diz muito mais sobre você do que sobre mim? E quão rasa é a sua percepção sobre as pessoas?

A verdade é que tô aliviada. Agora EU posso fugir de você. Homens com esse tipo de atitude não aceitam mulheres bem-sucedidas, aquelas que eventualmente têm um salário maior que o deles. Também jamais admitiriam que eu tenha tido uma vida sexual ativa antes de conhecê-los. Ou que eu saiba fazer um boquete incrível ("onde essa vagabunda aprendeu isso?") e fantasie com um ménage. Não duvido que me encheria de porrada se descobrisse que guardo um vibrador e me masturbo com frequência ("ela tem prazer SEM mim?"). Homens desse naipe tentariam me proibir de encontrar as amigas para beber, regulariam o tamanho da minha saia e fuçariam o meu celular. Credo.

Definitivamente, você só serviu para uma trepada mesmo. E, olha, confesso que esperava mais de você. Nunca namoraria um cidadão que não faz sexo oral e goza antes de me satisfazer. Acho meio antiquado e egoísta, sabe? O amor que eu almejo é generoso em todos os sentidos. Tem a ver com cumplicidade, igualdade e

respeito. Veja, não estou convocando todas mulheres a transarem de cara. Estou defendendo o direito legítimo daquelas que tiverem vontade. Sem que essa atitude interfira na forma como elas serão tratadas no dia seguinte. O papo tá ótimo, mas agora eu preciso ir. Não imagine que te quero mal. Apenas não te quero mais.

Fonte: <http://napimentaria.com.br/>

Disponível em:
<https://m.facebook.com/OCaminhodaSerpente/photos/a.545944468766901/892380500789961/?type=3&ref=content_filter> Acesso em: 26 de Junho de 2017.

Comentários mais relevantes

O Caminho da Serpente O texto não é meu! Tem o link da fonte de onde encontrei. Gratidão!

Respostas

Debora Da Cunha Esse texto , é maravilhoso, exatamente como eu penso, exatamente como eu faço.

Cleonice Helena Zechin Lucas Fermiano você é um babaca, machista, antigão. Homem pode ser galinha??? Porquê?? Mulher também pode, ela se sustenta, faz o que quiser, sua opinião para ela é menos que o mosquito do cocô do cavalo do bandido.

Martha Canova Jede Aeeeeeeeeee Lucao Fermiano, BISCATONA.. So porque nao deu pra ti né??

Izabel Feitosa de Almeida Senhor Cleiton Lopes...Não é nem ter direito a gozar! É ter direito a fazer o que quiser de sua própria vida ,cada um tem o direito de fazer o que bem entender, seja homem ou mulher. Somos todos livres.

Roberto Biajjone Ramos BOM EU JA NAMOREI MUITO, TEVE MULHER QUE SAIU COMIGO NA PRIMEIRA VEZ,E TEVE OUTRAS QUE DEMOROU, E NEM POR ISSO DEIXARAM DE SER MULHER, EU A RESPEITO TODAS DA MESMA FORMA,HJ ESTOU DIVORCIADO E SE DER QUÍMICA VAI NA PRIMEIRA OU SEI LÁ QUANDO DER,MÁS MEU RESPEITO A TODAS AS MULHERES, VCS SÃO LINDAS, ESTA É MINHA OPINIÃO BJ

PUBLICAÇÃO 9



Disponível

em:

<

https://www.facebook.com/pg/gconservadora/photos/?ref=page_internal> Acesso: 21 de Novembro de 2016.

PUBLICAÇÃO 10

Padre Paulo Ricardo

15 de agosto de 2016 ·

O sexo antes do casamento, em vez de confirmar o amor, confirma tão somente o egoísmo, pois o contrário do amor não é necessariamente o ódio, pode ser também usar o outro, transformando-o num objeto de gratificação sexual, sem qualquer compromisso

Texto do episódio

O ser humano é muito diferente dos animais. Quando um animal tem uma relação sexual e chega ao ápice do prazer, fica plenamente satisfeito e o desejo cessa, pois alcançou a gratificação sexual. Já o ser humano, quando tem uma relação sexual ainda permanece insatisfeito. É possível que ele, então, passe de uma relação para uma segunda, terceira, quarta... até que ela se torna uma compulsão, uma espécie de doença. Ora, é claro que nem todos os seres humanos fazem isso, mas podem ter esse tipo de doença, já os animais nunca. Não existe nenhum exemplo de animal que pratique o sexo compulsivamente. Quanto aos seres humanos....

Quando um homem e uma mulher se unem, o sexo é mais do que uma união animal. É muito mais do que aquilo que um animal macho e um animal fêmea fazem, pois os seres humanos possuem alma. A existência da alma demonstra o quanto o sexo deve ser vivido espiritualmente, pois a alma busca a felicidade. Por isso que a Igreja insiste que, quando os seres humanos unem os seus corpos, unem igualmente as suas almas. Daí a necessidade do matrimônio.

São João Paulo II, fez uma série de catequeses intituladas "Teologia do Corpo", onde ensinou que um ato sexual pode ser mentiroso. Isso ocorre porque quando um homem se une à uma mulher, ele está a dizer com o seu corpo: "Sou todo teu" e da mesma forma ela. Ora, quando o sexo é vivido fora da realidade matrimonial e um dos dois, após o ato, se levanta e vai embora, o "sou todo teu" tornou-se uma mentira.

Assim, o sexo antes do casamento, em vez de confirmar o amor, confirma tão somente o egoísmo, pois o contrário do amor não é necessariamente o ódio, pode ser também usar o outro, transformando-o num objeto de gratificação sexual, sem qualquer compromisso.

Além disso, a afirmação de total doação de um para o outro antes do matrimônio não procede, pois, se assim fosse, não haveria a necessidade do uso de qualquer contraceptivo. O que se vê é uma recusa de um em se "misturar" com o outro e o ato sexual faz exatamente isso: mistura as duas pessoas.

Ora, quando se é rejeitada qualquer possibilidade de um filho, que é a 'mistura' dos dois, é porque não se está pronto para a união sexual e então, ela se torna mentirosa e destruidora. E destrói a ambos.

A mulher, por sua natureza, quando faz sexo antes do casamento, de modo quase inconsciente se questiona se é amada realmente ou se foi apenas usada. Isso se dá porque ela sabe que o homem é capaz de fazer sexo com qualquer coisa. Sabe que o ato sexual para o homem não necessariamente significa um ato de amor. Quanto ao homem, ele se pergunta se aquela mulher que foi capaz de transgredir a lei com ele, não seria também com outro? O relacionamento entre ambos se abala diante da falta de confiança.

A Igreja, então, porque quer bem aos seus filhos e seus relacionamentos ensina a castidade, a continência e diz: "Esperem! Sejam castos! Abstenham-se". Assim, unidos pelo sacramento do matrimônio, em corpo e em alma, poderão então se "misturar" nos filhos, os quais querem ter pais para sempre.

Disponível em: <
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1090802247662985&id=101088766634343&comment_id=1880190182057517¬if_t=comment_mention¬if_id=1537300463572101&ref=m_notif> Acesso em: 1 de Maio de 2018.

Comentários mais relevantes

Maria Helia Duarte É por isso, que a maioria dos Homens não querem mas assumir compromisso. Já tem tudo fácil! É aquele ditado. Tudo q vem fácil, vai fácil.

Respostas

Benjamim Abraão Da Silva Rosa Será que é só os homens ?

Maria Helia Duarte Olha Fabrício, não generalizei. Sei q existe sim mulheres que não querem compromisso. Mas, geralmente, são os homens sim.!

Maria Lima Concordo com Maria Helia, a maioria dos homens são assim, infelizmente!

Dulcinhaa Siqueira tem mulher que ta pagando tudo pra homem, ele ã tem trabalho nem colocar mão no bolso.. aí eu pergunto será que é no mínimo fiel?

Natalia Farias X Alyson Sexo só faz parte da vida , mas isso não é tudo.O casamento só vem p fortalecer o união q já vem dando certo.

Natalia Farias X Alyson É a penas uma necessidade física , o casamento em si vai muito além.

Maria Helia Duarte É vdd Alyson! É uma pena q a maioria, não pensa assim. Só pensam em curtir o momento.

Natalia Farias X Alyson Se for far em curti mesmo q uma mulher seja virgem ou não, aí se casa aí começa a tomar remédios por anos e anos, pq tá curtindo o casamento é isso é certo? Também não casamento é sacrifício , é doação, é família.

Natalia Farias X Alyson Fazer sexo ou não antes não importa o q importa é o respeito entre ambas.

Comentários mais relevantes

Manoel Welington Só entrei p ler os comentários dos defensores do ato antes do casamento.é pecado e mortal. Ñ adianta querer arrumar argumentos p defende uma situação de pecado pois isso é técnica do inimigo. Boa parte dos q defendem é pq vive determinada situação, e usa certos argumentos como uma forna de enganar a se mesmo. Peço a Deus a graça de regularizar minha situação o quanto antes pq caso venha morrer ñ tenho nem direito a apelação.

Respostas

Manoel Welington Se ambos são cristão , conhece os ensinamentos então pq ñ casar na igreja? Ou tá naquela "ñ precisa se ñ der certo", fazendo o "teste drive". Vale lembrar q estes ensinamentos é para quem vive e crer na fé católica. Se a pessoa ñ é da religião ou é o "meio católico do qual faz suas regras" então ñ precisa questionar, viva sua vida e a pessoa depois se acerta com Deus

Comentários mais relevantes

Yanara Vasconcelos Quem dera que os jovens se conscientizassem disso... As mulheres se oferecem como qualquer coisa e esquecem que são templo do Espirito Santo e os homens não querem as mulheres castas...

Darley Kury Eu acredito que não tem nada que justifique o caráter de uma pessoa. Se fosse por isso muitas mulheres que se guardaram ainda estavam até hoje casadas e valorizadas .A mulher tem que se valorizar não para agradar alguém e sim oara ela mesma.

Respostas

Dulcinhaa Siqueira é verdade, hoje em dia se a mulher for muito difícil. .sobra..tem ter equilíbrio, jogo de cintura..a grande sacada é ter sua independência econômica.

Francisca Alves O que Deus quer é melhor , não queria ser Deus de vc mesmo...

Comentários mais relevantes

Marly Rhomon Quando o amor é de verdade, faz a vontade do outro. Se for esperar o casamento para ter sexo, que assim seja.

Analu Stone Sexo antes do casamento é diferente de promiscuidade, esta sim independente até da religião faz mal pra qualquer pessoa, claro que é mais fácil ser objetivo é dizer que sexo antes do casamento é pecado. O pecado não está no ato sexual nem no momento que é feito e sim na intenção de quem o pratica.

Aparecida Medeiros E uma vrd, encontra fácil, tem fácil p que compromisso, mas elas tmb a maioria hoje em dia, tmb não querem compromisso, então é um prato cheio p eles.

Davi Maia É verdade tbm acho que é pecado praticar o sexo livre mais tem muitas mulheres que falam dos homens mais hj em dia meu irmão encontrar uma que ainda seja virgem é mesmo que ganhar na loteria.

Deolinda Pereira Eu só fiz sexo a partir do dia do meu casamento! E já foi há 45 anos muito felizes!

Fran Wentz E por isso. Que. a.mairoria. Dos. Homems. Não. Querem. Mais. Assumir. Compromisso. Já. Tem. Tudo. Fácil. É. Aquele. Ditado. Tudo. Que. Vem. Fácil. Vai. Fácil.

Bruno Sousa Nao se trada do que voce acha . e sim da lei de Deus.

Maria Vasconcelos E verdade. Por isso q os homens hoje n querem mais compromisso sério.

Dulcinhaa Siqueira Pior é qdo nem casa e depois separa..é casa com outra..

Irene Alvarenga E verdade homem só prazer mais nada

Daiane Carneiro E quantos maridos fingem e fazem a companheira sofrer nova imagine.

Adeildo Dos Santos Castidade é uma graça de Deus.

Elaine Eleuterio Infelizmente a mulher não se dá mais o respeito, usa seu corpo como um objeto sexual, quer disputar quem pode mais que a outra. É por isso que os homens não querem mais compromisso, namorar, noivar e casar isso na cabeça da maioria é ilusão.

Respostas

Melina Batista Elaine, concordo com vc que as mulheres não estão se valorizando, contudo isso não pode justificar os erros dos homens. Todos somos passíveis de erros e pecados e não podemos culpar outra pessoa pelo que nós fazemos de errado.

Carmelita Cardoso Infelizmente hoje os jovens não querem esperar o casamento o depois do sexo o casamento não tem mais preço por isso os jovens de hoje não querem casar: Para aqueles que ama de verdade casam -Se!!

Lú Tavares Verdade!!

Fátima Silva Verdade!!!

Cidinha Guedes Guarizo Sexo é compromisso.

PUBLICAÇÃO 11

Cheias de Amor Próprio

22 de novembro de 2016 ·



Certa vez conheci uma mulher na balada. Vestido curto, tatuagem no ombro, batom vermelho e o copo de bebida na mão. Sabe aquele olhar de mulher safada? Aquela que você olha e já sabe bem o que ela veio fazer ali. Essa tinha exatamente esse olhar, o que para mim era perfeito, já que eu havia saído de casa naquela noite com o mesmo objetivo. Formulei algo engraçado para dizer na primeira abordagem. Ela sorriu. Conversamos por alguns minutos até que veio o convite para dançar. Mal sabia ela que eu era simplesmente irresistível nesse quesito. Depois de um ou dois copos aconteceu então o primeiro beijo. E que beijo! Tem gente que beija com a intensidade de quem faz compras de verduras no supermercado. Já outros são como um adolescente escolhendo o seu primeiro carro. Definitivamente ela era desse segundo grupo. Acreditem em mim, o beijo foi surreal. Daqueles com direito a mordida no lábio, puxão de cabelo, mão por dentro da camisa e lambida na orelha. De duas uma: ou eu era naquela noite o homem mais gostoso do universo ou aquela mulher tinha bebido o triplo do que eu bebi na minha vida inteira. Foi impossível parar de beijá-la durante toda a noite. Quando fui deixá-la em casa e me perguntou se gostaria de entrar eu não pensei duas vezes. Sim, foi sexo no primeiro encontro. A melhor noite de sexo da minha vida. Foi aí que descobri que o forte dela não era o beijo. Havia habilidades ainda maiores. O sol chegou e nós ainda não tínhamos dormido. A vida correndo lá fora e eu ali ofegante, com aquela estranha deitada em meus braços. Antes de me despedir trocamos números de celular por mera formalidade. Todo mundo sabe que casais que vão para cama no primeiro encontro não tem como darem certo. Sabe, talvez se tivéssemos ido mais devagar as coisas poderiam ter sido diferentes. Quem sabe? Muitos anos já se passaram e aquela noite ainda não saiu da minha cabeça. Curioso como algumas pessoas passam pela nossa vida e nem se dão conta de que deixaram marcas profundas. Eu nunca mais vi a minha professora do primário, nem a minha namoradinha do curso de inglês, mas, a mulher que conheci naquela noite, nunca mais saiu da minha mente. Agora mesmo ela está ali na cozinha, preparando a lancheira que o nosso filho caçula leva para a escola. Depois vai vir aqui no escritório me dar um beijo igual àquele que ganhei na boate tempos atrás. De noite repetiremos mais uma vez nosso sexo selvagem. Não é de se espantar? A moça do vestido curto se tornou a mulher da minha vida. Eu não sei bem como vai acontecer com você. Se vai conhecer seu grande amor na fila do pão, na sua festa de formatura ou no acampamento da igreja. Eu não sei se vão se beijar no primeiro encontro ou se farão sexo só depois do

casamento. O que eu sei é que não existe regra para tudo isso dar certo. Vejam vocês a minha história. A mãe dos meus filhos gosta de beber, tem tatuagem e é uma depravada na cama. Ao mesmo é uma mãe incrível e um esposa fiel, carinhosa e companheira. Nossa sociedade é mesmo repleta de normas e rótulos, felizmente a maioria deles não funciona o tempo todo.

Disponível

em:

<https://m.facebook.com/cheiasdeamorproprio/photos/a.398440363665828/673511496158712/?type=3&comment_id=154289355509022¬if_t=comment_mention¬if_id=1537301254629283&ref=m_notif> Acesso em: 26 de Junho de 2017.

Comentários mais relevantes

Cristiane Eloisa Simplesmente lindo!!

Para os que julgam, para os que amam julgar mulheres que curtem a vida, que não se privam de suas vontades e momentos.

Respostas

Vera Jardim Achei o máximo quem ganhou foi vc pq não teve preconceito e nem foi machista Parabéns e continuem se amando muito

Tinho De Oleveira Castro tem meu respeito se os seres humanos valorizassem seus ideais de verdade respeitariam o ideal dos outros !!!!!!!

Tinho De Oleveira Castro e à maioria dessas pessoas ipocritas de tanto jogar os outros muitas vezes não consegui ver o verdadeiro amor mesmo que caia sentado em suas cabeças ou se conseguir ver mas sabe cuidar nem valorizar.

Kaoma de Paula Texto muito lindo!!!! Mas que pena que vivemos em uma sociedade cheio de preconceitos. Pois nós mulheres temos desejos e vontade iguais aos

homens. Mas o mundo inteiro é machista. Pois se um homem ele vai pra uma balada e faz sexo de primeira com a mulher é porque ele é foda. E a mulher? "PUTA". Gente temos que aprender que sentimos desejos e vontades sim!!!! Não porque somos fáceis. Pois se rolou foi por que os dois quiseram e não porque o homem é foda e a mulher é "Putá" ou fácil.

Cristiane Eloisa Pois é vc tem extrema razão, infelizmente ainda existem as pessoas que amam julgar.

Acho ridículo isso, qual a diferença entre homem e mulher, não sendo feminista, mas mulher sim é "foda", se parar pra pensarmos no que somos capazes, de suportar, aguentar, de fazer...

Ai quando nós decidimos levar a vida como nos queremos, sem nos privar, as pessoas que se julgam donas da verdade vem falar quem mulher assim não presta, ou não tem valor.

A um belo vai a merda a esses hipócritas.

Denny Santana Linda história, tão linda que chega a ser sobrenatural! Mas funciona apenas na teoria e em continhos de fadas ,essa é uma raríssima exceção de regra, pois pessoas promíscuas dificilmente mudam!

Nesse caso o que favoreceu esse camarada foi ele ter muita grana e deve ser muito boa pinta tbm!

*A história de uma pessoa revela o caráter dela, faz parte de quem ela é

*Geralmente acontece reincidência, por isso o passado importa sim

* Os seres humanos dificilmente muda pelo próximo, no máximo se adaptam temporariamente!

E qt ela ser fiel, como ele pode saber? A parte interessada é sempre a última a saber!

Sarah Jessica Eu fiz sexo com meu marido na primeira noite e até hoje estamos juntos ele é o segundo homem que eu tive na vida e vai ser o último e não deixo ele por nada nesse mundo, fui traída por ele mas lutei pelo nosso casamento e ele me faz feliz ele me trata como uma rainha, e não faço questão de nenhum bosta na minha vida porque ele é meu tudo meu marido... Denny Santana Gaertner olha aqui minha história é sobrenatural mas existe.

Sarah Jessica Fiquei com ele na época por que eu estava a 3 meses separada do meu primeiro namorado, e ainda estava magoada queria me divertir fazer sexo sem compromisso eu queria experimentar algo novo, e até hoje estou experimentando só que ao lado dele.

Rafael Simas Ele descreveu a mulher do velho ditado, puta na cama, santa na sociedade, de fato n existem regras, existe vontade de ser feliz com outra pessoa.

Comentários mais relevantes

Arlene Silva Boa noite olha realmente um texto lindo,mais temos que ter cuidados e não achar que vai estar em uma balada e isso vai acontecer hoje em dia o mundo ta muito cruel ,VC vai achando que encontrou o homem certo e vai para sua morte ,eu to encantada com essa linda história . mas cautela sempre e boa sorte pra nós que mais homens sejam assim

Respostas

Danielle Alvez Você tem razão. Existem casos e casos, posso ir ate pra cama na primeira vez, mas com uma pessoa que eu já conversei bastante. É muito tenso, já quase fui violentada bêbada

Comentários mais relevantes

Larissa Gomes Fantástico, isso é uma das coisas mais interessantes e real que já li, infelizmente rotulam pessoas pela imagem ou aparência, ou até mesmo o gosto. Nem sempre aquela garota que vive numa casa o dia todo e que não sai o final de semana é a mais verdadeira pessoa para se envolver, muitas das vezes saímos, vestimos nossas roupas curtas e apertadas, mais nossos sentimentos e caráter só conhecendo realmente para saber quem somos.

Respostas

Cristiane Eloisa Isso aiii disse tudo!

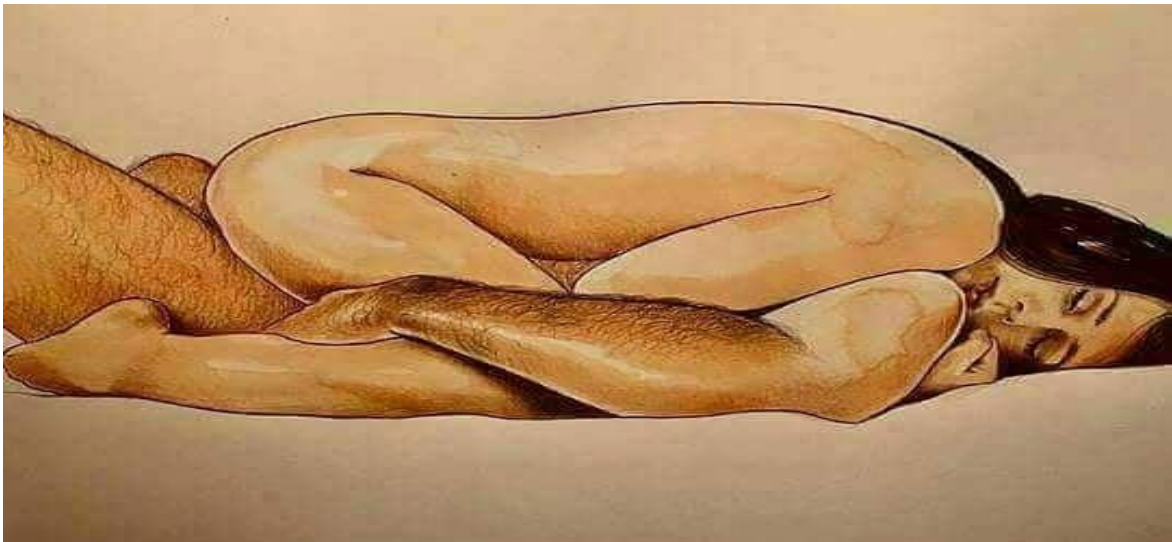
Não julgue pela capa apenas são mulheres que sabem o que quer, que não precisam se fingir de santa.

PUBLICAÇÃO 12

Cheias de Amor Próprio

21 de março via Instagram ·

♥♥ Não é só colocar dentro, é estar dentro! Das inseguranças, das incertezas, do medo de não dar certo. Não é só abrir as pernas, é abrir a alma, abrir o coração. Não é suar o corpo, puxar o cabelo, é puxar um sorriso, é dar um abraço, tocar o rosto, olhar nos olhos. Pois o prazer dura minutos, mas o carinho, o cuidado e o amor, esses duram uma vida inteira. ♥♥



Disponível em:
<https://m.facebook.com/cheiasdeamorproprio/photos/a.398440363665828/935106523332540/?type=3&comment_id=251053222264217¬if_t=comment_mention¬if_id=1537282470612982&ref=m_notif> Acesso em: 25 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Luciana Machado Com o corre-corre hoje em dia, até no sexo estamos tendo pouco tempo.muitos homens e mulheres apenas matando a vontade do corpo, liberando o stresse, porque pra fazer amor precisamos de tempo.hj em dia a maioria dos casais, não se olham,nem se beijam durante o sexo.#lamentável

Edyonara Souza Eu quero tudo isso com você de novo não quero perder lo quero tudo isso que já foi um dia eu quero você quero o meu casamento Deus vai me dar sabedoria para restaurar e resgatar um amor que já tivemos um pelo outro sem mágoas sem raivas com respeito e confiança eu te amo meu amor David Bregence



Respostas

Rosana Garcia Gama Boa sorte. .Se tem amor vale a pena tentar

Thays Britto Um conselho que te dou é Persista! Deus abençoe vocês e se tiver amor e respeito não desista! Casamento não é instituição falida não !!

Beatriz Oliveira Amiga só insista se o esforço vier dos dois.

Lutar sozinho pelo amor do casal não dá certo. Vai por mim.

Comentários mais relevantes

Marco Antonio Precisamos evitar a guerra do sexo a disputa a competição e nos acolhemos. Mais entender que o que precisamos de verdade é um do outro , ser humilde e reconhecer que ama sem precedentes ❤️❤️❤️❤️❤️❤️❤️❤️❤️❤️❤️

Gisele Passos Isaiás Aguiar é disso que eu te falo quando digo que não sinto prazer com quem não tenho intimidade, é pq pra mim, sexo vai além de prazer físico, envolve a alma das duas pessoas, a energia, a conexão real entre elas, entre as suas áureas... Nós temos algo muito lindo entre nós e eu jamais trocaria isso por nada. Eu te amo por completo e quando acontece... Ah... É sempre mágico. Por mais que seja selvagem, sempre fazemos amor. ❤️❤️

Gaby Aguiar Joe textinho lindo para um nenê mais lindo ainda ❤️❤️ que nunca deixemos de fazer nosso amorzinho 11/10 com nossos "eu te amo" no meio, nossos beijos e carinhos, cê é tudo pra mim ❤️❤️

Joe Sobre eu ter amado tudo isso que eu li, e sobre eu vincular esse texto com nós mesmos, eu simplesmente amo fazer tudinho contigo, ficar deitado, fazer amor, dizer que eu te amo, você é incrível pra mim, e sempre será ❤️❤️

Géssyka Medeiros Saudades de ouvir aquele eu te amo na hora do sexo!

Me abraça forte e dizer que sou td na sua vida..

Eu sei q vc fala isso as vezes, só q queria que fosse mais constante não vamos deixar nosso amor esfriar Allan Santos

Eu te amo.

Bia Lysboa Sempre tem que ir muito além do corpo à corpo e pronto acabou !! É um momento do casal, não é só eu ou voce pelo prazer, e sim Nós . Olho no olho ,beijos carinhos que vai além da alma, isso sim leva as nuvens . Karlison Müller ❤️❤️ te Amo.

Damião Télica Saibam q a humildade (respeito), compreensão, reconhecimento, tratamento e perdão, são factores primordiais para um verdadeiro amor? Meditam nisso para

Matheus De Liz Faria Por isso me preocupo CTG minha princesa ❤️❤️, espero sempre te agradar da melhor forma possível, p vc se sentir confortável cmg,tenho uns defeito, mas faz parte , haha, a cada dia que passa, sei que é pouco tempo, mas vi q vc é uma mulher p casar, 🙌🙌, mas TD na hora de Deus, ele que sabe oq faz, é sem pressa nem uma... 😊😊 Karol Kosta

PUBLICAÇÃO 13

Eu te amo

23 de novembro de 2017 ·

Bem assim 🥰😊👏👏

Eu te amo

Lugar de homem é...



Ajudando a mulher para terem mais tempo juntos.

Disponível

em:

<https://m.facebook.com/EuTeAmoOfc/photos/a.1498226613554418/1591642180879527/?type=3&source=57&ref=m_notif¬if_t=comment_mention> Acesso em: 2 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Elisa Nascimento Se a mulher não trabalha! O lugar do homem é aonde ele quiser está na casa, descansando e se ele quiser ajudar ou vc estiver precisando muito é diferente, agora vc fica em casa o dia todo, e o dia que o marido tem pra descansar ele tem que te ajudar nos afazeres de casa??? Levanta a bunda e vá fazer pq ele trabalha te sustenta.. não é mais do que obrigação vc fazer e sem reclamar.. agora se os dois trabalha ai sim um ajuda o outro em casa pq ninguém é de ferro

Agnes Amiel Matias Lourival Marques por isso vivo cansada, não temos tempo juntos, e qnd temos vc joga vídeo game eu tenho que limpar casa, lavar roupa. Lavar louça e fazer comida, arrumar cabelo, cuidar de criança e não tenho sua ajuda, então não reclame.

Respostas

Matias Marques Combinado, ou ajudar. Quero vc mais pra mim! Tempo com vc tem.que ser delicioso e vamos ter!

Agnes Amiel Eu entendo, e sempre quando da eu jogo junto, a questão é, eu sempre tenho que fazer tudo é ele me cobra atenção, até eu acabar meus afazeres acabou o dia, aí ele fala que não tenho tempo pra ele 😊☐

Lane Lima Melhor ficar solteira(o). Ter alguém em casa que não dá atenção e ainda dá trabalho, melhor só namorar. Cada um na sua casa.

PUBLICAÇÃO 14

Jonathan Francisco Silva

20 de março ·

Procede ou naaaaao?????



Jonathan Francisco Silva

Nao procede... pq o homen tem q fazer por onde ,para poder ser bem tratado pela amada... e independente se ele nao estiver satisfeito com o tratamento dentro de casa ele nao tem direito de trair sua companheira com qualquer vagabunda na rua.isso seria falta de carater da parte dele...mulher nenhuma merece isso.. e visse versa.. reciprocidade é tudo.. ambos tem q se amar com a msm intensidade,para q o sentimento possa fluir de uma forma especial 🙌❤️ #Procede

Disponível em: < https://mobile.facebook.com/cel.pro.71?_rdc=1&_rdr > Acesso em: 28 de Março de 2016.

Comentários mais relevantes

Paulo Vitor - Ué... mas namora e tem contatinhos?? Aé... esqueci, são aqueles caras que a gente fica puto e vocês falam, "nada a ver, é meu amigo".

Stéffany Anjos Eduarda Laura a Carolina fica quietinha no canto dela mas aposto que o whats dela tá que é só contratinho.

Pedrinho Pereira Anrran...

Depois querem cobrar quando o homem curte a foto de alguma amiga né ? Mas os contatinho sempre teve, ate namorando. Hmm.... interessante !

Everton Felipe Brenda Nayara quando você para de ficar com um menino sério e os outros ficam sabendo 😏😁😂😂😂😂😂😂

Rayanna Mendes Melhor seria " Quando você começa um namoro/rolo e os contatinhos ficam sabendo " kkkkkk

Thawana Brito Quando seus contatinho descobriram q vc tava na pista de novo Giovanna Jimenes

PUBLICAÇÃO 15

Vivendo e aprendendo

28 de fevereiro ·

//homem só procura na rua o que não tem em casa

É mentira;

Já vi mulher linda ser traída.

Já vi mulher que gostava de sexo 24 horas
e ser traída.

Já vi mulher com corpo exuberante ser traída.

Então nada disso segura homem como dizem, o que segura homem é o próprio caráter dele, além do respeito e companheirismo dentro da relação!



Disponível

em:

<https://m.facebook.com/vivendoaprendend/photos/a.460204467694260/551530378561668/?type=3&source=57&_rdc=1&_rdr> Acesso em: 27 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Alessandra Amara Araujo Talvez a monogamia não seja natural para a maioria das pessoas, honestamente dentre os seres humanos que já conheci na vida 2 no máximo 3 são realmente monogâmicos, os outros só fingem

Andre Aparecido Morais Dos Santos Kkkkkkkkkkkkk mais o menos se cada mulher que recebe uma cantada de um homem soltasse os cachorro neles nao existiria homens safado eramos todos santo. Vc m entendeu né?

Mauricio Kurtz Borges Poise a mulherada adora ser cantada admirada.Ai depois ficam muito visada, e o homem não confia e acaba fazendo pior (certos homens pessam assim) Não é o meu caso eu sou chato.gosto daquela mulher que da a resposta na altura.assim pra mim quanto para os outros.no meu mundo de 10 tem duas.

Jose Edson Pura verdade isso é praz duas versão homem ou mulher.

Willian Do Itamarati Vc falow dela ser bonita,ser gostosa e tals, mas não falow do carater, respeito e companheirismo, pq soh tem de vir do homem?

Tatiana Asakura verdade o caráter de uma mulher e a única coisa que ninguém tira.

Gielton Carina Freitas O respeito tenque vir dos dois lados e nao so do homen ou so da mulher...e se nao dar mais serto em tao termina e seguem em frente...com a vida..

Rogério Coutinho Mas vale para os dois .

Carater e muinto simples.

Ou tem carater ou nao tem.

Isso nao se compra.

Gielton Carina Freitas Verdade o respeito tenque vir dos dois lados...e se nao tem respeito em tao e melhor terminar ...do que trair...

Rogério Leite É o diz que quem comida em casa não come fôra... Mas tem tanta gente comendo fora de casa?

PUBLICAÇÃO 16

7 de fevereiro de 2017 ·

visão tai pega quem quer, bj



A VAGABUNDA É SEU NAMORADO!

Hoje

Se o seu namorado mantiver o respeito, mil garotas podem dar em cima dele que nada vai acontecer. Quem te deve alguma coisa é ele. Quem te jurou amor e fidelidade, foi ele.

Agora se você leu conversas comprometedoras, viu fotos de outra mulher no celular dele, ou toda vez que ele está longe de você age de maneira diferente, o problema é ele.

Para de chamar toda mulher de "vagabunda", às vezes a vagabunda é seu namorado.

Disponível

em:

<<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=1089879867800851&id=100003365432747&set=a.193937537395093&source=57>> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2018.

Comentários mais relevantes

Carla Noimann Júlia tá vendo a vagabunda era ele não eu heuehueheuehe.

Myllenna Velázquez e queria deixar claro que pra mim eh .. TUDO PUTA, eles e elas kakakakakak

Daiane Seretta Com certeza o errado é ele, más a mulher que mesmo sabendo que o homem é comprometido mexe com ele da condição e etc é o que, santa?

Respostas

Myllenna Velázquez Eh vadia igual, mas o problema dela ser eh dela, ela n deve nda pra ngm, ele sim (não digo q ela n mereça tb uma voadora). Oq ocorre aqui é os casos daqueles q se a brincar a mulher acha ele c a amante no sofá de casa, bate na muie, queima o sofá mas n larga o boy, sako?

Debora Silva To vendo que o valor é de merda mesmo não se valoriza e quer respeito desse jeito. Cade o caráter? Quer dizer que ela não é safada porque deu em cima de homem comprometido? Os dois são safado ele porque trai sua mulher e ela por aceita fica com cara comprometido, Nem adianta falar que ela é santa. Se ficou quer dizer que ele não vale nada E ela ? Mais trouxa é ela também que ver que o cara tem namorada e trai a mulher e ela ainda quer ficar com o cara que não VALE NADA , não é só homem que não vale nada , Ela é pior por aceita essa palhaçada se um não quer dois não briga , MESMO se o cara vim procurar uma solteira ela pode dizer não , mais prefere dizer sim, mais Infelizmente ela não é bem falada na boca dos outros sai como safada. Caráter não tem, quer exigir isso e ainda quer respeito desse jeito. Os dois são safados , mesmo que ela não deva nada pra ninguém mais ela deve respeitar isso se pondo no LUGAR de MULHER que se valoriza que tem caráter e não precisa pegar lixo dos outros pq o cara que trai a MULHER não passa de lixo ! Então vamos saber com quem nos MULHERES nos relacionarmos!!!

PUBLICAÇÃO 17

Mundo Feminino

26.04.18

Já vi muitas assim 😏😏



Disponível

em:

<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2073006199645941&id=1873060232973873&comment_id=2209577252655501¬if_t=comment_mention¬if_id=1537273489111326&ref=m_upload_pic> Acesso em: 4 de Abril de 2018.

18

Comentários mais relevantes

Jennifer Berimba Riedi Cara não acredito como pode existir mulheres que acham que a amante está apenas tentando destruir seu lar, cara homem não é cachorro não que sente o cheiro de um chibio já quer subir em cima, o ser humano se diferencia dos demais animais exatamente por ser um ser racional seja homem ou mulher, ou seja tem capacidade de pensar e decidir sobre suas ações, se o seu marido te amasse e soubesse o significado da palavra respeito, podia passar uma rapariga esfregar a buceta na cara dele o pau dele estourar o zíper de tão duro e ele iria engolir o tesão e dizer obrigado não me interessa sou casado. Agora vem colocar a culpa nas amantes? Há faça me o favor.

Ana Paula Quando a pessoa ama a outra de verdade perdoa da uma chance munda muitas coisa no relacionamento mais eu não dava gosta pra vagabunda nem uma mais agora ele ia dança conforme eu toca.

Brandão Lay Trouxa

Joice de Paula Kkkk troxa

Marianna Oliveira Trouxa

Meirivani Lima Olha não dá gosto p outra e não separar é dá gosto p ele fazer de novo e de novo.

Respostas

Ellem Daiane Braga Foi isso que eu fiz.

Hoje ele anda miudo comigo ja vamos pra 7 anos casados.

Emili Lima Não adianta, você foi corna.

Emili Lima E isso que importa!

Mayara Cussolin Traiu uma, trai duas, filha... vai achando que ele mudou vai...

Maria Paula Mano, traiu uma vez , já era, não tem mais confiança, e eu acho o gesto mais podre que alguém pode fazer contra o sentimento alheio , não tem perdão

Aldenora Viana É trouxe que fala né...kkkk

Vivy Oliveira Tadinha kkkkkkk

Taciane Carmo Português mandou lembrança.

Deilton Souza Acho que perdoar é essencial sim!

Mas isso não significa que tem que manter o relacionamento!

Depois de uma traição, tem que ter muuuuuita maturidade para continuar com o relacionamento, as coisas não serão mais as mesmas..

Confiança não existirá mais, e alguém terá que ficar " andando miúdo" a vida toda, isso não é bom!

Respostas

Edna Gomez Tem mulher que nasce pra ser corna não adianta. Aí vc conta tudo pra ela, pra mostrar q o cara é um embuste, mostra print, mostra áudio, mostra datas e ela acha q vc quer destruir o relacionamento de imaginação que ela criou pq o boy tá florindo a cabeça dela com Deus e o mundo. Tem mais q si fuder!

Natália Mendes Tem muitas que são traídas no sofá da sala !elas trocam de casa de sofá .mmas não troca de marido kkkkkkkkkkk.

Ana Paula As vezes a vagabumda nem gosta dele só pra fazer inferno eu também não dava gosto

Luciria Briito da Silva A eu largaria o cara pra mim os dois são safado ele mais . quem me deve respeito seria ele no caso.

Henriqueta Almeida Falta de amor próprio. Vai continuar sendo traída

Fabio Regis Mulher q faz esse papel é mais puta q a própria amante kkkkkk

Amaral Pri Eu toco fogo nos 2.

Mario Alves Filho Eu de pleno acordo com a postagem.

Gislane Da Silva Mulher assim

Tem que tomar no cu ate encostar.

PUBLICAÇÃO 18

Kellen Ribeiro

31 de julho de 2017

Estou postando essa foto em homenagem ao meu querido namorado, pois percebi que meu namorado anda curtindo a foto de minas de biquíni, então resolvi postar uma do agrado dele né, já que só falar ele não escuta. Espero que goste meu amor, Matheus Santos ❤️❤️

Ps: ainda não estou recuperada da cesárea 100% #7semanasdeoperada



Disponível

em:

<<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=1310194782426662&id=100003084575101&set=a.261171640662320&source=57>> Acesso em: 29 de Março de 2018.

Comentários mais relevantes

Lucas Muniz Arrumar desculpa para se exibir gratuitamente na internet >>>>>>
Nayara Medeiros Deus que me livre dessa vergonha.

Daiana Freitas Maya Geral falando mal neh. Mais ninguém aqui sabe o que passa uma mulher grávida e o pós parto ,os Homens (não estou generalizando), não ajudam muito ,pouco se importa com a mulher ,e fica na internet fazendo pouco descaso da esposa na internet. Sem saber que a mesma precisa de cuidados , neste momento está com corpo com cicatriz ,a barriga flácida e se achando a mulher mais feia do mundo .E o otário se achando o máximo porque botou pra dentro a cria ,e agora se paga de gostoso para as outras !Muita gente sabe criticar falando : E a casa já limpou?Quem deveria limpar era o marido já que a mesma está de resguardo ainda ☺Isso ninguém pensa .E para as mimizentas ,a hora que ficarem grávidas e depois ganhar ,e estarem se sentindo lixo e ganharem xifres até dentro do olho,não venha reclamar 🙌👉

Respostas

Deborah M. Souza Dou graças a Deus que minha pequena nasceu a alguns dias e meu noivo me ajuda e ainda diz que estou maravilhosa, que sou uma deusa ❤️❤️❤️
 ❤️❤️❤️❤️❤️

Ana Karine Karol Nascimento, Yasmin Liger Essa seria eu passando por uma situação dessa, espero que me sigam, bjs bb

Giulia Lizzie Bemerguy Rodrigo Costa fica vendo pra saber o que acontece vai ter só foto da sua namorada de biquíni.